

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA - ESEF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



TESE DE DOUTORADO

**NOS BASTIDORES DA BOLA: MEMÓRIAS DE FUNCIONÁRIOS INFAMES
DO FUTEBOL PROFISSIONAL DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL**

Doutorando: Jones Mendes Correia

Orientador: Dr. Alan Goularte Knuth

Co-orientador: Dr. Gustavo da Silva Freitas

Pelotas, 2018

JONES MENDES CORREIA

**NOS BASTIDORES DA BOLA: MEMÓRIAS DE FUNCIONÁRIOS INFAMES
DO FUTEBOL PROFISSIONAL DA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Educação Física.

Doutorando: Jones Mendes Correia

Orientador: Dr. Alan Goularte Knuth

Co-orientador: Dr. Gustavo da Silva Freitas

Pelotas, 2018.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C824n Correia, Jones Mendes

Nos bastidores da bola : memórias de funcionários infamesdo futebol profissional da região sul do rio grande do sul / Jones Mendes Correia ; Alan Goularte Knuth, orientador ; Gustavo da Silva, coorientador. — Pelotas, 2018.

118 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Futebol. 2. Clubes de futebol. 3. Memórias. 4. Pertencimento. 5. Identidades. I. Knuth, Alan Goularte, orient. II. Silva, Gustavo da, coorient. III. Título.

CDD : 796

Elaborada por Daiane de Almeida Schramm CRB: 10/1881

Banca Examinadora

Dr. Alan Goularte Knuth – IE/FURG (Orientador)

Dr. Luiz Carlos Rigo – ESEF/UFPel

Dra. Lorena Almeida Gil – ICH/UFPel

Dra. Micheli Verginea Ghiggi – UFF

Aos não famosos do futebol brasileiro

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a meus orientadores Alan Goularte Knuth e Gustavo da Silva Freitas por terem sido mais que orientadores. Além de terem sido importantíssimos durante o processo acadêmico (reuniões, orientações, reflexões, escritas, etc). Foram grandes parceiros principalmente nos momentos em que as dificuldades tomaram conta e que o sucesso nessa empreitada parecia um caminho muito distante.

A banca examinadora, começo agradecendo as professoras Lorena Gil e Micheli Ghiggi pelas as considerações e contribuições que, indubitavelmente foram importantes para que esse trabalho pudesse ser concluído.

Ao terceiro membro da banca, professor Luiz Carlos Rigo, agradeço também por ter feito parte desse processo para além de sua participação na banca. Sem dúvida um grande parceiro.

Ao Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo, Grêmio Esportivo Bagé, Guarany Futebol Clube e Esporte Clube Pelotas por terem aberto as portas para a realização dessa pesquisa.

Ao Seu Laranjeira, Alexandre, Seu Luiz, Dona Rejane e Nenê pelo pronto atendimento em colaborar com essa pesquisa. Suas narrativas foram de fundamental importância para essa tese. São por pessoas como vocês que nosso futebol ainda respira. Obrigado pelas entrevistas e por continuarem dando vida a nosso futebol da região sul.

Aos colegas que estiveram comigo ao longo desses últimos dez anos, só tenho a agradecer os momentos e as palavras de motivação constantemente proferidas.

Aos amigos e familiares, minha total gratidão por todos os momentos, por todas as palavras e por todas as ações que sem dúvida me auxiliaram a chegar até aqui. Para não ser injusto (e para não ocupar várias páginas) não citarei nomes, mas saibam que foram muito importantes nesse processo.

À minha irmã Jucieli pelas palavras de apoio e motivação que tanto foram colocadas.

À minha esposa Michele também pelas palavras de motivação, mas também por ter sido parceira nessa caminhada.

À minha mãe Dinamara e meu pai Robeli, um grande agradecimento. Não somente por terem me auxiliado a chegar nesse degrau, mas principalmente por terem sido meu espelho enquanto seres humanos. Pequenos agricultores que trabalham “de sol a sol” para conseguir formar dois filhos. Fiquem certos que são minha inspiração e meu grande incentivo.

Por último, gostaria de fazer um agradecimento simbólico a duas figuras que sequer me conhecem, mas foi a partir das políticas públicas voltadas às classes sociais mais baixas, que pessoas como eu, filhos de pequenos agricultores do interior, tiveram a oportunidade de ingressar e permanecer na universidade pública. Antes de 2003, apenas o discurso da meritocracia imperava dentro da universidade, discurso esse que no Brasil é apenas ilusório, pois as desigualdades sociais são incontáveis. Foi a partir de programas de acesso e permanência dos governos Lula e Dilma, que tive a oportunidade de me estabelecer em um curso de graduação. Os investimentos em políticas sociais foram muito importantes, porém infelizmente após o golpe parlamentar de 2016, vêm diminuindo. Por mais que tenha havido esforço dos meus pais e meu, nada disso seria possível se a universidade fosse voltada apenas para os estratos mais altos da nossa sociedade, como era antes de 2003 e como, infelizmente começou a se voltar após 2016. Por isso, muito obrigado a Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff, por terem dado oportunidade para que sujeitos “infames” pudessem ascender na vida social e acadêmica.

*“Quem me dera ao menos uma vez
que o mais simples fosse visto
como o mais importante”*

Renato Russo

Resumo

CORREIA, Jones Mendes. **Nos bastidores da bola: memórias de funcionários infames do futebol profissional da região sul do Rio Grande do Sul**. 2018. 118f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente estudo analisou memórias de sujeitos infames que atuam ou atuaram como funcionários de clubes de futebol profissionais da região sul do Rio Grande do Sul. Tendo como metodologia a história oral, foram entrevistados cinco sujeitos vinculados a clubes distintos: Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo, Esporte Clube Pelotas, Grêmio Esportivo Bagé e Guarany Futebol Clube. A partir das narrativas, foram analisadas as trajetórias, a constituição dos pertencimentos clubísticos, a produção de identidades dos sujeitos infames, suas ações junto aos clubes, as sociabilidades produzidas no meio do futebol, além dos momentos mais significativos elencados pelos narradores sob o ponto de vista emocional. Foi possível entender que o pertencimento clubístico dos mesmos se constituiu de diferentes formas. Tais como: idas aos estádios durante a infância, noções de sociabilidade construídas no clube, necessidade de uma atividade remunerada e a influência, mesmo que indireta, da família. Além disso, percebeu-se a importância dos clubes na constituição das identidades dos sujeitos, visto que, os narradores, ao construírem uma hierarquia, colocam os clubes atrás apenas de suas famílias. Também foi possível analisar que os funcionários infames empregam diferentes maneiras de torcer durante os jogos, em que o local escolhido e determinadas atitudes são marcadores interessantes de análise. No que se refere as ações dos sujeitos infames nos clubes, foi possível perceber a grande importância que tais trabalhadores possuem para as agremiações, já que, além das atividades designadas pelos cargos que ocupam, também desempenham funções secundárias. Foi perceptível, portanto, que tais funcionários possuem grande relevância econômica para os clubes, à medida que, um bom tratamento com torcedores/associados na recepção dos estádios pode auxiliar a aumentar a receita da instituição, além disso, o cuidado com os materiais esportivos utilizado pelos atletas pode evitar despesas suplementares durante a temporada. Além disso, foi possível notar que o futebol é um espaço rico em sociabilidades entre os funcionários infames, torcedores, além de atletas locais e de renome nacional e internacional. Por fim, os narradores elencaram os momentos mais significativos do ponto de vista emocional, emergindo de suas falas eventos ligados diretamente ao campo de jogo, tais como: vitórias em clássicos locais, classificações para divisões superiores, além de, conquistas patrimoniais. Os processos de sociabilidade exercidos no futebol também foram lembrados, assim como, um dos entrevistados demonstra que a principal satisfação junto ao clube é a certeza de ter exercido exemplarmente sua função ao longo dos anos.

Palavras-chave: Futebol; Clubes de futebol; Memórias; Pertencimentos; Identidades; sociabilidades.

Abstract

CORREIA, Jones Mendes. **Behind the scenes of the ball: memories of non famous employees from the professional football of the Southern region of Rio Grande do Sul.** 2018. 118f. Thesis (doctorate) - Graduate Program in Physical Education. Federal University of Pelotas, Pelotas.

The present study analyzed the memories of non famous subjects that act or acted as employees from professional football clubs in the Southern region of Rio Grande do Sul. Having as methodology the oral history, were interviewed five subjects related to distinct clubs: Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo, Esporte Clube Pelotas, Grêmio Esportivo Bagé e Guarany Futebol Clube. From the narratives, were analyzed the journeys, the constitution of the clubistic belongings, the production of the non famous subjects' identities, their actions along the clubs, the sociabilities producted in the football field, and also the most significative moments listed by the narrator under an emotional point of view. It was possible to understand that the clubistic belonging of them was constituted in different ways, such as: going to the stadiums during childhood, building notions of sociability in the club, the need of a paid activity and the influence, even though indirect, of the family. Moreover, it was perceived the importance of the clubs in the constitution of the identities of the subjects, since the narrators, when building a hierarchy, put the clubs behind only their families. It was also possible to analyze that the non famous employees make use of different ways of cheering during the game, in which the chosen place and certain attitudes are interesting markers of analysis. When it concerns to the actions of the non famous subjects in the clubs, it was possible to notice the great importance that these workers have for the associations, since that, commonly, by their own initiative, in addition to the activities designated by their job positions, they perform secondary functions as well. It was noticeable, therefore, that such workers have great economic relevance to clubs, as having a good treatment with supporters and associates at the reception of the stadiums can help to increase the revenue of the institution, moreover, the care of the sporting equipments used by the athletes can avoid additional expenses during the season. Besides that, it was possible to notice that football is a rich space in terms of sociabilities among the non famous employees, supporters, and also local, national and international renowned athletes. Finally, the narrators listed the most significant moments from an emotional point of view, emerging from their speeches events connected directly to the soccer field, such as: victories in classical local matches, ratings for higher divisions of football competitions, besides, heritage achievements. The socialization processes practiced in football were also remembered, as well as, one of the interviewees shows that his main satisfaction with the club is the certainty of having exercised exemplary his function over the years.

Keywords: Football; Football clubs; Memories; Belongings; Identities Sociabilities.

Lista de figuras

Figura 1: Portaria da sede social do Sport Club Rio Grande	47
Figura 2: Seu Laranjeira acompanhado por um familiar no estádio Arthur Lawson	49
Figura 3: Momento da primeira conversa com Alexandre no ano de 2015.....	50
Figura 4: Nenê, ainda funcionário do clube	53
Figura 5: Dona Rejane na secretaria do E. C. Pelotas	56
Figura 6: Momento da primeira conversa com Seu Luiz em 2015.....	58

Lista de quadros e tabelas

Quadro 1: Informações sobre os artigos	36
--	----

Sumário

1. Notas introdutórias	14
2. Projeto de pesquisa	17
2.1. Considerações iniciais	17
2.2. Objetivos	21
2.2.1. Objetivo geral	21
2.2.2. Objetivos específicos	21
2.4. Notas sobre o futebol no Brasil: do campo de jogo ao campo científico	22
2.4.1. A profissionalização do futebol brasileiro e as primeiras competições nacionais interclubes: indícios do processo de transição do futebol nacional.....	22
2.4.2. A noção de infame e o deslocamento da adjetivação para o futebol e os sujeitos do futebol.....	29
2.4.3. Produção científica sobre futebol no Brasil (2010-2014): Uma revisão sistemática acerca do que foi publicado na área das ciências sociais e humanas	32
2.3. Pressupostos metodológicos	43
2.3.1. Os narradores	46
2.3.1.1. Seu Laranjeira: o porteiro do Sport Club Rio Grande	46
2.3.1.2. Alexandre: o roupeiro do Grêmio Esportivo Bagé	49
2.3.1.3. Nenê do Sampa: roupeiro do Sport Club São Paulo.....	52
2.3.1.4. Dona Rejane: Secretária do Esporte Clube Pelotas	54
2.3.1.4. Seu Luiz: o longo roupeiro do Guarany de Bagé.....	56
3. Artigo 1: Vínculos clubísticos de funcionários infames no futebol profissional do sul do RS: Narrativas, identidades e pertencimentos	59
3.1. Considerações iniciais	60
3.2. A escolha dos narradores e os passos metodológicos	61
3.3. A construção do pertencimento clubístico no imaginário dos funcionários infames.....	62
3.4. O clube de futebol e a construção das identidades dos funcionários infames ...	67
3.5. Diferentes maneiras de torcer	71
3.6. Considerações finais	73
3.7. Referências.....	74
4. Artigo 2: Nos bastidores da bola: narrativas sobre ações, percepções e sociabilidades de funcionários infames no futebol profissional do sul do RS.....	76
4.1. Considerações iniciais.....	77
4.2. Metodologia.....	78

4.3. A recepção: secretária e porteiro	80
4.4. Os roupeiros	82
4.5. A atuação dos sujeitos infames e o impacto na saúde financeira dos clubes	87
4.6. Noções de sociabilidades produzidas pelos diferentes sujeitos do futebol profissional.....	90
4.7. Considerações finais	93
4.8. Referências	94
5. Pós-escritos: Memórias marcantes dos funcionários infames do futebol profissional da região sul do RS	97
5.1. Seu Laranjeira, o pertencimento, o estádio e a resistência do futebol do interior	97
5.2. Alexandre e as realizações patrimoniais do G. E. Bagé	98
5.3. Nenê, as sociabilidades, as descontrações e os momentos polêmicos do futebol profissional.....	100
5.4. Dona Rejane, o patrimônio e as partidas emocionantes.....	102
5.5. Seu Luiz, a memória e o sentimento de dever cumprido	103
5.6. Algumas considerações.....	105
6. Notas finais.....	107
7. Referências	110
8. Sites.....	114
Apêndice 1: Roteiro básico de entrevista	116
Apêndice 2: Termo de consentimento livre e esclarecido	117

1. Notas introdutórias

O presente estudo analisou memórias, trajetórias, identidades, pertencimentos, sociabilidades e ações de sujeitos infames (FOUCAULT, 2009) do futebol profissional da região sul do Rio Grande do Sul (RS), mais precisamente Rio Grande, Pelotas e Bagé. Tal região se caracteriza historicamente como um importante polo para a emergência do esporte no âmbito estadual, além de ser detentora de nove títulos gaúchos, três em cada cidade. Fatores os quais, aliados com a aproximação temática e geográfica do pesquisador, foram responsáveis pela delimitação da região em questão como espaço no qual a pesquisa foi realizada.

Se faz necessário, mesmo que de forma resumida, desenvolver uma breve cronologia acerca de como a ideia dessa pesquisa emergiu, assim como seu desenvolvimento ao longo dos últimos quatro anos. O interesse em pesquisar essa temática surge no início de 2014, a partir de uma leitura recreativa. Ao ler o texto de Paulo Roberto Falcão “O time que nunca perdeu”, texto esse que conta a trajetória que levou o Sport Club Internacional ao título invicto do Campeonato Brasileiro de 1979, o autor, ex-jogador e capitão do time naquele ano, além de narrar os jogos do clube e apresentar os atletas, também desenvolveu breves comentários sobre sujeitos menos famosos os quais desenvolviam e ainda desenvolvem funções nos bastidores do clube.

Curiosamente, ao pensar um projeto de pesquisa que tivesse o peso suficiente para a construção de uma tese, a leitura do livro citado não despertou o interesse para a história daquele título em específico. Na verdade, o olhar se voltou para as micro-histórias (LEVI, 2011), ou seja, para uma análise em escala menor. Tal contexto chamou atenção para os sujeitos menos famosos, visto que, foi possível perceber que os mesmos dispunham de trajetórias mais longevas dentro daquela agremiação que qualquer atleta campeão brasileiro.

Partindo dessa leitura, e de outras as quais vêm impulsionando o gosto por um fazer acadêmico mais voltado para os eventos e sujeitos menos famosos, aliado a algumas inspirações intrínsecas, decidiu-se emergir na busca pelas trajetórias de sujeitos infames junto aos clubes de futebol do sul do

RS. Como se construíam tais trajetórias, foi o problema de pesquisa o qual começou a dar um rumo para a investigação.

Naquele momento, sabia-se o que queria investigar, mas chegava-se ao primeiro desafio da pesquisa: o fato de ter conhecimento que no Sport Club Internacional existia um funcionário com uma atuação tão longa em seu posto de trabalho, não significava que nos clubes do interior seria encontrado um cenário parecido. Evidentemente, trata-se de um contexto bastante diferente, sobretudo a partir da questão econômica. Apesar de conhecer um pouco o futebol do interior, em função de acompanhar jogos no município de Rio Grande, não foi possível afirmar, *a priori*, que todos os clubes da região sul dispunham de funcionários com tais características. Ora, se esses sujeitos não se fizessem presentes, o olhar, obrigatoriamente, teria que ser outro. Talvez se fizesse necessário buscar em clubes de maior porte, pois, “lá” certamente eles seriam encontrados.

Porém, como assinalado há pouco, a intenção era a micro-história. Não que os infames do Grêmio Football Porto-alegrense e Sport Club Internacional não pudessem ser ouvidos, mas “lá” se pratica um futebol diferente “daqui”. Nos clubes da capital, normalmente as condições de trabalho são melhores, os salários atualmente são pagos em dia. Não que isso desqualifique histórias como a do Seu Gentil, roupeiro do Internacional, mas por questões ideológicas e conceituais, o interesse maior se deu em realizar as pesquisas nos clubes do interior, mais precisamente, na região sul do RS.

A partir desse primeiro desafio, começou-se um mapeamento nos clubes da região. Visitas foram realizadas nos estádios do Grêmio Esportivo Bagé, Guarany Futebol Clube, Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo e por fim, Esporte Clube Pelotas. Foi constatado, que os clubes da região sul, também dispõem de funcionários infames, identificados com a agremiação e que possuem vínculos bastante longevos. Constatação que confirmou a exequibilidade da pesquisa.

Ao iniciar o processo de entrevistas em 2015, pôde-se perceber que um dos principais elementos de tais trajetórias era o pertencimento clubístico. Não se tratava apenas de funcionários, mas sim de sujeitos que, para além do exercício de uma profissão junto ao clube de futebol, dispunham de um apelo sentimental pelo mesmo.

A inquietação sobre as trajetórias dos sujeitos não famosos, a qual, inicialmente era apenas uma curiosidade lateral ao meio acadêmico, acabou ganhando força. E por mais que a temática em questão, até então, seja pouco explorada sob o ponto de vista científico, se deparar com tais histórias acabou sendo o ponto de partida para a formulação da tese de que as trajetórias dos sujeitos infames junto a seus clubes de futebol profissional estão diretamente ligadas ao sentimento de pertencimento construído ao longo dos anos. Tal pertencimento é um importante elemento constitutivo das suas identidades, está presente no trabalho cotidiano e, conseqüentemente, nas ações desenvolvidas no interior do clube.

O volume final desta tese apresenta capítulos que, apesar de tratarem das trajetórias e dos cotidianos dos sujeitos infames, possuem marcações que os caracterizam a partir de análises independentes. Nesse sentido, a opção se deu em trabalhar as narrativas advindas da pesquisa que contou com entrevistas em história oral já no formato de artigo científico.

Dessa forma, para além das notas introdutórias (capítulo 1), o volume final conta no capítulo 2 com o projeto de pesquisa aprovado no exame de qualificação, tendo sido feitas algumas alterações, seguindo os pareceres da banca e a necessidade de desenvolver, dentro do item metodologia, breves considerações sobre os entrevistados. A partir do capítulo 3¹, começam a ser trabalhados os produtos principais da pesquisa, ou seja, os artigos oriundos das narrativas. Neste, se discutiu a construção dos pertencimentos, a produção das identidades dos sujeitos e as maneiras como quatro funcionários exercem esse sentimento enquanto torcedores. O quarto capítulo aborda o cotidiano, as ações e as sociabilidades dos funcionários infames dos clubes de futebol. No quinto capítulo, em um pequeno fragmento textual adjetivado como pós escritos, desenvolveu-se uma escrita em que os narradores discorrem sobre momentos elencados por eles como os de maior apego emocional vividos dentro do clube, além das notas finais.

¹ Artigo aceito para publicação pela Revista Movimento. A carta confirmando o aceite do manuscrito foi enviada pelo periódico no dia 11 de julho de 2018. Cabe ressaltar, a partir disso, que esse artigo obedece as normas de editoração da Revista Movimento, nesse sentido, é importante frisar que há, nesse volume, dois padrões de citação das narrativas, um deles presente no artigo já aceito e os demais obedecendo as normas da UFPel.

2. Projeto de pesquisa

2.1. Considerações iniciais

O presente estudo analisou as memórias de alguns profissionais do futebol junto a seus clubes, apontando que esses sujeitos se caracterizam por exercerem funções nos bastidores das agremiações, e com elas, construir vínculos identitários e de pertencimento. Cabe destacar que a intenção de investigar esses sujeitos surge a partir da obra de Falcão (2010), na qual o ex-jogador do Sport Club Internacional remonta a conquista do título do Campeonato Brasileiro de 1979.

Nessa obra, o autor, além de rememorar as partidas do certame, faz uma apresentação de cada integrante do plantel do clube. Entretanto, não se restringe apenas aos atletas, já que, tece breves considerações acerca de dirigentes, comissão técnica e sujeitos de menor fama, como o roupeiro. Especificamente, na obra de Falcão (2010) chamou atenção o caso do senhor Gentil Souza dos Passos que, na época, atuava como auxiliar de roupeiro, e que até os dias de hoje ainda continua prestando serviços ao clube.

O caso do seu² Gentil, nesse texto, ao mesmo tempo em que se constitui como um simples elemento exemplificativo, também se apresenta como um dos principais fatores para se pensar essa pesquisa. Foi a partir de uma leitura de cunho mais recreativo do que acadêmico, que surgiu a motivação para investigar a estrutura interna do clube de futebol. Assim, o olhar se voltou para aqueles sujeitos que desempenham tarefas importantes no cotidiano dos clubes, mas que suas funções em diversos momentos acabam passando despercebidas, sobretudo a partir do olhar da mídia e, conseqüentemente, por parte dos espectadores e torcedores.

A intenção de analisar a participação desses sujeitos no contexto do futebol profissional, suas trajetórias e pertencimentos se afluou ainda mais após a leitura de Tubino (2011). Ao discorrer sobre as dimensões sociais do

² A opção pelo pronome de tratamento “seu” vai ao encontro da forma como os sujeitos acabam sendo referenciados no cerne do futebol. Além disso, em alguns momentos nas narrativas, quando os entrevistados se referem a indivíduos mais velhos, se observou que o pronome de tratamento utilizado era esse, nesse sentido, a intenção é fazer transparecer as expressões produzidas nas narrativas.

esporte, o autor fragmenta o fenômeno em três categorias: esporte-educação³, esporte-participação⁴ e esporte-*performance*. Das três categorias supracitadas, o maior interesse desta pesquisa se volta para o esporte-*performance*, também conhecido como esporte profissional ou esporte-espetáculo⁵.

Tubino (2011) lembra que as críticas mais densas por parte da sociedade, ao fenômeno esportivo, se dão à categoria *performance*, em razão dos seus efeitos sociais negativos, entre eles: a reprodução compulsória do esporte-*performance* na educação, as violências, a discriminação contra mulheres, o seu uso ideológico-político, além da apropriação das lógicas do mercado. Entretanto, o autor também analisa “uma série de possibilidades sociais positivas” (p.41), tais como: a possibilidade de proporcionar um meio de progresso nacional e intercâmbios internacionais, a organização esportiva comunitária, a existência de várias profissões de especialistas, a industrialização esportiva favorecendo o crescimento de mão de obra especializada, a geração de turismo e o efeito-imitação o qual exerce influência sobre o esporte popular.

Partindo das relações positivas que o esporte profissional produz junto à sociedade, é possível afirmar que o fenômeno esportivo de rendimento, vai muito além do esporte midiaticizado. A gama de recursos humanos que constituem o mundo esportivo transpõe as praças onde ocorrem as competições, estabelecendo vínculos diretos e indiretos com a sociedade contemporânea.

Concentrando a análise apenas sobre a existência de várias profissões de especialistas, pode-se perceber que uma partida de futebol se constitui a partir do envolvimento de profissionais de várias áreas. Para que um atleta mundialmente conhecido possa entrar em campo, é necessário que fora das quatro linhas exista uma engrenagem complexa partindo da produção do material esportivo, dos profissionais das categorias de base que revelaram o

³Esporte desenvolvido a partir de uma proposta pedagógica dispondo de objetivos de formação educacional, não permitindo que ocorra a simples reprodução do esporte performance no espaço escolar.

⁴ Configura-se como uma vertente mais voltada ao lazer dos participantes.

⁵ Esporte-espetáculo se constitui em uma manifestação de alto rendimento a qual é fortemente veiculada por meios de informação. Também se caracteriza pela forte mercadorização do fenômeno esportivo, o que acaba influenciando outras categorias de esporte, sobretudo a escolar (RODRIGUES E MONTANGNER, 2003). Sobre a organização e desenvolvimento do esporte-espetáculo ver: Proni (1998) e Sousa (1991).

atleta, os profissionais da comissão técnica, além, é claro, dos roupeiros, porteiros, massagistas que trabalham nos bastidores do clube.

Percebe-se, dessa forma, que o esporte-*performance* segue a lógica social vigente, que distribui papéis bastante particulares para sujeitos que dispõem de diferentes funções e especificidades. Fato esse que forja diferenças, tanto do ponto de vista de reconhecimento (possibilitando pensar o famoso e o infame), quanto pela lógica da remuneração salarial, movimento que proporciona desigualdades sociais entre os sujeitos que compõe essa sociedade esportiva.

Partindo desse contexto, não foram exploradas apenas as trajetórias dos roupeiros, como seu Gentil; o estudo também lançou o olhar para um porteiro, um zelador e uma secretária. Além do mais, é interessante assinalar que nos clubes de menor porte, como é o caso das agremiações do sul do RS foi possível evidenciar um mesmo sujeito encarregado em mais de uma função.

Apesar de executarem profissões periféricas em comparação com os famosos do futebol (jogadores, comissão técnica e até mesmo dirigentes), não se pode descartar aparições desses sujeitos em algumas mídias, tais como reportagens produzidas por emissoras de televisão, jornais ou documentários. Entretanto, normalmente essas aparições acontecem em segundo plano, tendo em vista que o interesse maior, por parte dos veículos de comunicação, está em mostrar os sujeitos famosos do espetáculo.

Em razão de o estudo ter discutido, entre outros pontos, as trajetórias e as memórias dos sujeitos infames nos clubes de futebol profissional, decidiu-se inspirar o pensamento no conceito de genealogia, trazido por Foucault (2012a e 2012b). Fato que remete a uma análise sobre as singularidades, pertencimentos, relações socioculturais e microrelações de poder no cerne do futebol profissional.

Além dos dois artigos supracitados, também se constitui como referência o texto: *A vida dos homens infames* (FOUCAULT, 2009). Nessa escrita, o autor analisa as *lettres de cachet*, e observa existências de sujeitos com quase nenhuma visibilidade social, normalmente indivíduos recolhidos às prisões e hospitais e que suas vidas eram contadas em poucas linhas. Esse conceito já foi deslocado para o futebol em algumas oportunidades, quando se fala, sobretudo, nas relações de poder exercidas no meio do esporte.

A partir da inspiração foucaultiana é fundamental o olhar para as micro-histórias. Para tanto, é conveniente trazer à tona algumas afirmações de Rago (1995) sobre o fazer historiográfico foucaultiano, tendo em vista que, nesse texto e na visão da autora, “ao invés de partirmos em busca da síntese e da totalidade, deveríamos aprender a desamarrar o pacote e mostrar como constituído, efetuando a ‘descrição da dispersão’” (RAGO, 1995. p.73).

A intenção é inspirar a análise e escrita desta tese no fazer historiográfico foucaultiano, à medida que, a intenção aqui é trabalhar com as micro-histórias (LEVI, 2011) e com os sujeitos escondidos atrás de uma historiografia cronológica. Rago (1995), ao discorrer sobre o “efeito-Foucault na historiografia”, assinala que ele: “[...] deslocava o foco para as margens [...]” (p.68). Essa pesquisa pretendeu dispor um olhar semelhante, já que, muito há escrito sobre os clubes de futebol profissional, mas pouco sobre os sujeitos infames, que dão suporte cotidianamente no contexto interno das agremiações. Quais suas motivações (já que, em alguns casos não são financeiras)? Como produziram seus vínculos com os clubes? Como se relacionam com outros sujeitos do futebol? Quais suas ações e percepções?

Esses, dentre outros questionamentos, fizeram entender somente uma leitura menos atrelada à história tradicional (cronológica) dos clubes seria capaz de mostrar as trajetórias desses sujeitos, ao invés de um autor de gol de título em uma competição importante. Somente a partir desse olhar foi possível compreender que as histórias e trajetórias dos funcionários infames também são dotadas de relações de pertencimento com os clubes aos quais prestam serviço, mesmo esses sujeitos não sendo figuras que disponham de fama e grandes recursos financeiros.

Dessa forma, foi possível estabelecer o problema de pesquisa, o qual dá conta de fazer a seguinte interpelação: Como se constituem as trajetórias de alguns sujeitos infames junto a seus clubes no futebol profissional?

Esta pesquisa se justificou por analisar memórias, trajetórias, noções de pertencimento, produção de identidades, sociabilidades e ações de sujeitos infames em clubes de futebol, tendo em vista a ausência de produções científicas sobre futebol que abordem essa temática específica⁶.

⁶Chegou-se a essa constatação a partir de uma revisão sistemática realizada em 2014 que compreendeu produções publicadas entre os anos de 2010 e 2014.

2.2. Objetivos

2.2.1. Objetivo geral

Analisar as trajetórias de funcionários infames nos clubes de futebol profissional da região sul do Rio Grande do Sul.

2.2.2. Objetivos específicos

-Conhecer a trajetória que leva tais sujeitos aos clubes e a permanecerem nos mesmos;

-Discutir a influência dos clubes de futebol na constituição das identidades dos sujeitos infames;

-Analisar os aspectos de pertencimento dos funcionários com os clubes onde trabalham;

-Problematizar a importância desses sujeitos no cotidiano dos clubes a partir das ações desenvolvidas pelos mesmos;

-Avaliar as relações de sociabilidade produzidas a partir dos clubes de futebol onde os sujeitos trabalham/trabalharam.

2.4. Notas sobre o futebol no Brasil: do campo de jogo ao campo científico

2.4.1. A profissionalização do futebol brasileiro e as primeiras competições nacionais interclubes: indícios do processo de transição do futebol nacional

O futebol ao longo do século XX se constituiu como fenômeno esportivo e social de maior apelação no Brasil⁷. É um esporte que pode ser de fácil prática, já que, se consolidou como um fenômeno de massa, amplamente divulgado pela mídia, o que proporciona, à boa parte de seus admiradores, o desejo de praticá-lo. Existem, entretanto, inúmeras possibilidades de prática; a mais comum, muito provavelmente experimentada por boa parte dos brasileiros, é a famosa *pelada*, ou matriz bricolada, como Damo (2006) denomina. Nesse mesmo texto, o autor destaca outras três matrizes: a amadora, espetacularizada e escolar. As quatro matrizes possuem diferenças estruturais e objetivos distintos⁸.

Sobre a emergência do futebol no território brasileiro, alguns estudos buscam remontar esse processo. Artigos, capítulos, livros e resenhas trançam algumas versões sobre a emergência, disseminação e popularização do esporte. Para esse momento, não será feita uma inserção aprofundada nesse tema, já que, em outro movimento de pesquisa⁹ foram encontradas pistas

⁷ Em 2015, 15,3 milhões de pessoas praticaram futebol como principal modalidade esportiva, e este número representou 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de algum esporte no país. Mais em: Brasil (2017).

⁸ Enquanto a matriz bricolada se constitui em um espaço mais voltado ao lazer e entretenimentos, as demais matrizes se diferem no que tange a questão de organização, objetivos, regras, veiculação midiática, capital econômico, entre outros fatores. A matriz espetacularizada, se refere, portanto, ao futebol profissional (cabendo a distinção entre os vários estratos do profissionalismo); a matriz amadora se vincula ao futebol de bairro, aos clubes organizados pelas comunidades. Essa matriz carrega algumas marcas do futebol espetáculo, principalmente no que se refere às regras, embora seja comum a adaptação às mesmas. A organização do clube, no entanto, é precarizada e o capital financeiro que gira em torno dos clubes é ínfimo. Os atletas em algumas agremiações recebem uma ajuda de custo para atuar. Por fim, a matriz escolar busca consolidar uma cultura futebolística da escola, construindo um ambiente mais democrático ao invés da simples reprodução do esporte espetáculo no ambiente escolar. Para maiores informações, consultar Damo (2006)

⁹ Trata-se da dissertação de mestrado intitulada: Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo: Um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol em Rio Grande – RS (1900 – 1916), orientada pelo professor Luiz Carlos Rigo. O capítulo de revisão de literatura que trata desse assunto foi publicado na Revista Didática Sistêmica no ano de 2013. Esses textos tentam construir uma análise genealógica sobre a emergência do futebol no Brasil, não

sobre algumas noções históricas, além de ter buscado quebrar alguns paradigmas estabelecidos pelo senso comum e pela historiografia brasileira com relação ao tema futebol.

O processo de profissionalização do futebol brasileiro deu seus primeiros passos na década de 1930. Antes mesmo da profissionalização, haviam competições citadinas e estaduais em várias regiões. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o campeonato estadual teve sua primeira edição em 1919, vencido pelo Grêmio Esportivo Brasil. Em escala nacional, havia a preocupação em se organizar as práticas esportivas, não somente o futebol. Nesse sentido, segundo Sarmiento (2006) em 1916 ocorreu a fundação da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) antecessora da CBF (confederação Brasileira de Futebol).

A fundação da instituição, entretanto, não significou a mudança de status do futebol de amador para profissional. Ainda não havia a ideia de profissionalizar o esporte, pelo contrário, em alguns cenários, o amadorismo era defendido, principalmente por privilegiar a participação das classes mais abastadas (PEREIRA, 2000).

Em 1930, ano da primeira Copa do Mundo, a CBD ainda se mostrava contrária à profissionalização do esporte. Nessa época, haviam diversos desentendimentos políticos no cenário futebolístico brasileiro, tais como: paulistas Vs cariocas, e CBD Vs Confederação Sul-Americana (SARMENTO, 2006). Ainda segundo o autor, algumas entidades estaduais já se posicionavam favoráveis ao profissionalismo, discutindo o tema com a entidade maior do futebol brasileiro. Além disso, ainda segundo Sarmiento (2006), o processo de aceleração da profissionalização do futebol no Brasil se deu em função de dois motivos, principalmente: interesse de clubes estrangeiros em contratar jogadores brasileiros e a política de valorização do trabalho na Era Vargas.

se descartou a influência européia nesse contexto, entretanto, o interesse maior foi entender as relações socioculturais as quais proporcionaram que em pouco tempo o esporte pudesse se difundir não somente entre as elites brancas, mas passando a ser praticado (após muita segregação étnica e social) por negros e operários. Também tentou-se desconstruir o conceito de paternidade do futebol na figura de Charles Miller, à medida que, entendeu-se que o fenômeno futebol dispôs de pólos que dispuseram de um processo de emergência praticamente paralelo dentro do país, sofrendo influências da Europa, mas também, como no RS, dos países da bacia do Prata, já que, a prática do futebol já era mais desenvolvida no Uruguai e na Argentina. Mais em Correia & Rigo (2013) e Correia & Rigo (2014).

Com relação à influência do governo de Vargas sobre a proposta de profissionalizar a prática do futebol, surgem duas principais questões, que, de certa forma, podem se entrelaçar. Isso ocorre, pois, segundo Guterman (2009), em 1933, o então presidente alinha os trabalhadores esportivos (leia-se, jogadores) com as demais classes, as quais, segundo Antunes (2006), começam a ser amparadas pelo estado a partir do início do governo Vargas até o estabelecimento da CLT (consolidação das leis trabalhistas) em 1943, ainda sob tutela de Getúlio. Entretanto, Antunes (2006) e Guterman (2009) concordam que os direitos assegurados aos trabalhadores de classes sociais mais baixas, tais como salário mínimo, férias e descanso semanal remunerado, se confrontavam com uma política de repressão aos movimentos sindicais e criminalização de greves, ou seja, segundo os autores, o “pai dos pobres” se utilizava dos direitos estabelecidos aos operários como ferramenta de controle de massas.

Inspirado na política esportiva fascista italiana (GUTERMAN, 2009), Getúlio também vislumbra no futebol, um importante mecanismo de controle e propaganda (assim como feito anos depois, no período da ditadura militar). O rádio estava em ascensão, as partidas de futebol começavam a ganhar cada vez mais espaço nas grades de programação e isso, acabara sendo um fator importante para a difusão do esporte e pela identificação do futebol como um produto nacionalista. Segundo Guterman (2009), foi na década de 1930 que o governo vislumbra o rádio como um importante meio de difusão da informação e da propaganda. Getúlio autoriza os comerciais durante as programações e cria a Hora do Brasil, programação a qual divulgava as ações do governo. Ou seja, cria-se aí, algumas ferramentas de suma importância para a produção do nacionalismo e do pertencimento do povo com o governo, o qual, segundo Antunes (2006):

[...] precisava da classe operária como força, suporte, âncora em sua relação com as classes que de fato ele representava, ou seja, as frações agrárias tradicionais e as forças industriais emergentes. Mas para representar os de cima, precisava do apoio dos de baixo (p. 85).

Obviamente que, se havia o vislumbre do futebol como instrumento político, os resultados alcançados na primeira metade da década de 1930 deveriam ser superados. As disputas entre Rio e São Paulo, CBD e

Confederação Sul-americana, além, é claro, da discussão sobre a profissionalização, contribuíram muito para os fracassos nas Copas de 1930 e 1934. Na primeira copa, em função, principalmente, das divergências entre as federações de São Paulo e Rio de Janeiro, a seleção enviada perdeu os jogadores paulistas, havendo a necessidade de ser montada com improvisos, sendo o resultado a eliminação na primeira fase após derrota diante da Iugoslávia e vitória frente à Bolívia. Na Itália, quatro anos depois, a CBD decide enviar apenas atletas amadores, decisão que resultou na participação mais rápida da seleção em copas. O selecionado brasileiro foi eliminado na primeira partida ao perder pelo placar de 3 x 1 para a seleção da Espanha (GUTERMAN, 2009).

O processo, logicamente, não se deu de forma instantânea em todo o território nacional e, mesmo após a consolidação do profissionalismo, o futebol brasileiro ainda não dispunha de uma grande competição interclubes. Um dos motivos era a dimensão geográfica continental do Brasil, o que aumentava muito o custo para os clubes. Damo e Ferreira (2012), nesse sentido, ressaltam a importância das excursões, ou giras, no cenário brasileiro da década de 1950. Segundo os autores, as excursões se constituíam em importantes meios de captação de renda para os clubes, os quais excursionavam pelo Brasil, países da América do Sul e até mesmo Europa.

Com relação às competições de clubes, até então se restringiam aos certames regionais. No Rio Grande do Sul, por exemplo, Jesus (2000) analisa que os primeiros anos da competição foram caracterizados por grande equilíbrio entre as equipes, não houve uma agremiação acumulando títulos, porém ressalta que a região sul, em virtude, entre outras coisas, do desenvolvimento econômico da época, acaba construindo pequena vantagem de títulos gaúchos sobre a capital Porto Alegre:

A metade sul do RS detém 10 títulos dos 19 disputados (o campeonato foi interrompido em 1923 e 1924, em razão de conflito militar no RS), conservando um equilíbrio de forças que, doravante, seria inviável, com a metropolização de Porto Alegre e irreversível decadência econômica da Campanha. As cidades que sediam os clubes campeões são Pelotas (3), Rio Grande (3), Bagé (3) e Santana do Livramento (1). A razão principal para a ligeira superioridade “latifundiário-pastoril” sobre o futebol da capital se ampara, mais uma vez, na forte influência platina na região, além do pressuposto poder econômico dos latifundiários pecuaristas. Aderindo ao modelo “profissionalista” já consolidado no Prata desde o final da

década anterior, tais clubes investiam abertamente na contratação de jogadores talentosos, sem qualquer restrição relacionada a raça ou origem social do atleta. Na capital, onde jogadores negros e pobres eram ainda aliçados da divisão principal, uma associação de pequenos clubes varzeanos denominada Liga Nacional de Football Porto-alegrense, era pejorativamente chamada pela imprensa burguesa de liga da “canelas pretas” (JESUS, 2006 p. 8.262).

O fragmento acima indica que, mesmo de maneira incipiente, traços do profissionalismo já começavam a se forjar na terceira década do século XX. Além da questão do desenvolvimento econômico, importante indicador da profissionalização, era a liberação de jogadores de diversas etnias e estratificações socioeconômicas, ou seja, o clube deixando de ser caracterizado como espaço de entretenimento de camadas sociais mais altas (centradas na figura europeia) e passando a ser um espaço um pouco mais democratizado do ponto de vista étnico e social, onde passam a ser priorizadas as habilidades técnicas dos atletas.

O final da década de 1930 até meados da década de 1940 foi marcado pela II Guerra Mundial, maior conflito bélico da história ocorrido na Europa, norte da África, Oceano Pacífico, Ásia e Oceano Atlântico (GILBERT, 2014). Nesse sentido, houve o cancelamento das Copas do Mundo após o certame de 1938 realizado na França e vencido pela Itália. O resultado do conflito acabou reverberando na política, economia e também no esporte mundial. Segundo Guterman (2009), Alemanha e Brasil disputavam o direito de sediar a copa de 1942, competição que não ocorreu, em virtude do conflito. Entretanto, com o fim da guerra em 1945, a Alemanha acaba sofrendo diversas sanções. Além do mais, em função da destruição bélica ocorrida em diversas partes da Europa, foi dado ao Brasil o direito de sediar o IV mundial de futebol.

Convém frisar que, apesar do conflito entre as grandes nações mundiais e o posterior envolvimento brasileiro declarando guerra ao eixo¹⁰, o futebol dentro do país não cessou. Os clubes continuaram participando, sobretudo dos campeonatos estaduais, embora houvesse o temor de uma possível chegada do conflito até a América do Sul

Após o final da guerra e a oficialização do Brasil como sede da Copa do Mundo seguinte, Guterman (2009) assinala que houveram debates acerca da

¹⁰ Mais sobre as motivações que levaram o Brasil à guerra e sua participação no conflito em: Pereira (2015).

viabilidade da realização do certame. Sabe-se, no entanto, que o profissionalismo já era o caminho que vinha sendo trilhado pelo futebol nacional. Entretanto, as dimensões do evento, possivelmente tenham vislumbrado a sociedade, os atletas e os gestores para a dimensão que o esporte viria a tomar no país. Obviamente que as discussões se davam com relação aos gastos que o acontecimento geraria, além do desconhecimento sobre a grandeza do evento que estava prestes a acontecer, já que, ainda segundo Guterman (2009), alguns políticos cariocas discordavam com a construção do Maracanã, analisando que não haveria cimento suficiente para construir um estádio desse porte (obviamente uma figura de linguagem).

Sobre o resultado dentro de campo e suas repercussões, não cabe a esse texto investir grande atenção. Inúmeros trabalhos e de diversos gêneros já deram conta de remontar o sentimento construído naquele Maracanã com mais de duzentos mil espectadores. Sem dúvida uma derrota que deixou marcas, as quais foram duramente sentidas pelos atletas negros pertencentes aquele grupo: Juvenal, Bigode e, principalmente, o goleiro Barbosa (RODRIGUES FILHO, 2010), (CORREIA e RIGO, 2013).

O que se pode perceber é que, tanto o fato de o país sediar o maior evento do futebol mundial e também a derrota na partida derradeira, fizeram com que os responsáveis pelo futebol nacional assumissem uma preocupação maior com a organização do esporte. Guterman (2009) trata do tema ao se referir à copa de 1958. Segundo ele, dois anos antes da Copa da Suécia, a qual o Brasil se tornaria campeão mundial pela primeira vez, João Havelange¹¹ assume a CBD e decide “impor uma organização empresarial e técnica à seleção brasileira” (p.122). Por mais que seja fundamental fazer um parêntese a partir do nome de João Havelange e seus infundáveis envolvimento em negócios escusos e corruptos, alguns desses, junto ao seu, então genro Ricardo Teixeira¹², também não se pode negar que suas primeiras ações como

¹¹ Ribeiro Jr, et al (2014), analisam diversos processos de corrupção e tráfico de influências ocorridos na entidade máxima do futebol brasileiro. Na obra, os nomes de Havelange e Ricardo Teixeira são citados como grandes mentores dos processos de corrupção envolvendo o futebol brasileiro. O conteúdo do livro acaba sendo resumido na frase final de seu prefácio escrita pelo ex-jogador e atual senador da República Federativa Brasileira, Romário de Souza Faria: “Agora, mais do que nunca, tenho certeza de que a CBF é mesmo o câncer do futebol!”(p. 11).

¹² Cartola brasileiro ex-presidente da CBF.

gestor acabaram dando resultado dentro de campo, já que, a Seleção seria campeã em 1958 e 1962.

Para a Copa de 1958, foi montado um aparato que contava com uma comissão técnica bem maior e mais especializada do que se via até então. Junto com o treinador e o médico, foram incorporados à comissão técnica um preparador físico, um dentista e um psicólogo. Na época, já se podia observar a figura do massagista e do roupeiro, porém, não era atribuído a eles um grau de importância muito significativo, já que, poucas linhas foram escritas sobre os mesmos. Dentro de campo, viu-se a capacidade técnica produzida a partir da miscigenação do futebol brasileiro. Pelé e Garrincha dão uma contribuição muito grande para o título de 1958 conquistado sobre os anfitriões suecos, além, é claro, de assim como Leônidas da Silva, Arthur Friedenreich e Carlos Alberto décadas antes, auxiliarem na luta contra o racismo (re)acesa em 1950 após o Maracanazo (GUTERMAN, 2009), (RODRIGUES FILHO, 2010), (CORREIA e RIGO, 2013).

Há de se ressaltar que, discutir a implementação do profissionalismo no cenário do futebol brasileiro, assim como discorrer sobre a evolução das competições nacionais, foram movimentos produtores de uma análise que aborda a evolução do esporte, o qual passa de entretenimento de elites para uma prática competitiva institucionalizada a qual remunera seus trabalhadores. Logo, tal mudança de paradigmas transcende o espaço onde o jogo acontece, ou seja, a esportivização, a profissionalização e a competitividade, ganham contornos fortemente sociais e políticos, com olhares das mais diversas ideologias. Esses elementos, além disso, começam a abrir espaço para outras classes sociais (dentro de campo), as quais vislumbram no esporte uma possibilidade a mais para a ascensão social.

Também é possível avaliar que os passos dados a partir da década de 1930, foram de suma importância para se chegar ao fenômeno atual. Torna-se cabível, portanto, intuir que, a organização e profissionalização dos clubes, além da crescente competitividade, começam a abrir espaço para outras profissões no seio do clube, profissões essas bem menos ilustres ao serem comparadas com os atletas, os quais começavam a angariar reconhecimento e fama. Não foram identificadas, porém, obras que se referem como eixo principal à profissionalização das funções ligadas aos bastidores do futebol

(tema central dessa tese), assim como será mostrado, também não houve registro de artigos publicados em periódicos nacionais sobre os funcionários infames do futebol profissional. Encontrar esses resultados, como já dito, acabou por configurar uma das justificativas para a escrita desta tese.

2.4.2. A noção de infame e o deslocamento da adjetivação para o futebol e os sujeitos do futebol

Esse breve histórico acerca da evolução do futebol interessa, nesse momento, pois foi a partir da estruturação e profissionalização do esporte, que começou a haver cargos para além de jogadores e treinadores. Os clubes começam a contar com outros profissionais, aos quais eram atribuídas importantes funções, mas com menos fama em comparação com os protagonistas do esporte. Embora atualmente clubes interioranos possam dispor de um funcionário desempenhando diversas funções, nas agremiações de maior porte há funções bem definidas, como: roupeiros, massagistas, porteiros, entre outros.

Nesse sentido, cabe fazer uma analogia entre os sujeitos que se pretende estudar, com o que Foucault (2009) adjetiva como infame. Essa expressão não está se referindo ao sentido valorativo da palavra, mas à noção de sujeitos não famosos. O autor, ao se deparar com as *lettres de cachet*¹³, observou existências singulares de sujeitos reais, que tinham suas vidas contadas em poucas linhas. Normalmente eram indivíduos recolhidos a hospícios ou prisões, cujas poucas linhas escritas acerca de suas vidas se davam nos registros de internamento.

Nesse texto, porém, a apropriação do conceito de Foucault (2009) obedece a algumas indicações estabelecidas pelo autor (não todas), já que foi preciso deslocar a noção de infame dos sujeitos descritos em seu texto, para alguns indivíduos que vêm compondo o futebol profissional. Nesse sentido, como preceitos essenciais para a adjetivação desses sujeitos como infames, os

¹³ Documentos emitidos em nome do rei, mas não necessariamente, nem na sua maioria, por sua própria iniciativa, e que tinham como função sujeitar a medidas de segurança tais como a prisão e o internato todo o indivíduo cujos comportamentos eram, no discurso desses mesmos documentos tipificados de “indesejáveis” (FOUCAULT, 2009. p. 104).

mesmos necessitam: ter sua existência comprovada; não se tratarem de pessoas afortunadas e suas aparições deverem se dar de forma bastante sutil no contexto dos clubes.

Foucault (2009, p.96) ressalta também que os personagens escolhidos por ele “pertencessem aquelas milhões de existências destinadas a não deixar rastro”. Dessa forma, pode-se enunciar que esses sujeitos, por não contarem com uma exposição midiática direta, podem ser analisados como infames, à medida que suas existências acabam ficando escondidas por trás da figura do famoso.

Todas aquelas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços – breves, incisivos, enigmáticos muitas vezes – se não em virtude do seu contato momentâneo com o poder (FOUCAULT, 2009. p. 98).

Nesse sentido, o personagem infame trazido pelo autor é produto do choque estabelecido entre sua figura e a figura dos detentores do poder¹⁴. Apesar de isso representar uma relação que pode ser adjetivada como autoritária e abusiva, convém lembrar que é essa relação que produz o aparecimento dos infames. Entretanto, a forma como os infames são representados, se constrói a partir da ótica do poder.

Partindo dessa análise, não fosse o famoso no futebol profissional, o infame não existiria. O contato entre o famoso e o não famoso é marcado por relações de poder, a qual produz uma hierarquia no ambiente do futebol. O choque trazido nesse texto é representado, portanto, a partir do diferente nível de exposição dos atletas se comparados aos funcionários infames, ou seja: roupeiros, massagistas, porteiros, zeladores, etc.

Dessa forma, a analogia aqui se constrói a partir de relações de poder claramente marcadas, mas analisadas com o olhar voltado para instituições diferentes das avaliadas por Foucault (2009). Assim, ao contrário dos sujeitos descritos nas linhas analisadas pelo autor, nesse texto, os infames não estão postos de encontro ao poder, mas ao mesmo lado do poder. Há aqui, portanto, uma clara demonstração de uma sociedade que, apesar de moderna, se pauta em valorizar alguns tipos de hierarquizações e a partir delas, produzir, mesmo

¹⁴ É importante salientar que o poder se caracteriza a partir da figura do famoso. No futebol, alguns estudos já vêm se desenvolvendo ao sistematizar algumas manifestações futebolísticas como infames.

que implicitamente, relações de poder (ricos e pobres, homens e mulheres, brancos e negros, etc.).

Alguns estudos sobre o futebol desenvolvidos nos últimos anos vêm fazendo analogia entre o esporte e o conceito de infâmia a partir da leitura de Foucault (2009). Nota-se, portanto, que o olhar voltado às relações de poder inseridas no esporte, além de não ser uma novidade acadêmica, gera uma forma de entendimento e de reconhecimento dos fenômenos menos mediatizados, dos seus processos de sociabilidade¹⁵ e das relações de poder constituídas nos diferentes casos.

Rigo, et. al. (2005) traça um paralelo entre o futebol infame, chamado pelos autores também como “futebol menor” e a natação feminina da cidade de Pelotas. Percebe-se, nesse sentido, que o futebol denominado como menor, refere-se aos clubes amadores, os quais não dispõem de um apelo midiático considerável. Na mesma linha, Rigo (2007) refere-se ao futebol infame quando analisa o caso da Associação Recreativa Arealense, sediada no bairro Areal, no município de Pelotas. No texto, o autor aborda a história do clube desde seus primeiros passos.

Guimarães (2012), por sua vez, “toma emprestado” o conceito para se referir ao futebol máster e principalmente aos sujeitos que o compõe. Nota-se, portanto, outra possibilidade do engajamento do conceito de infame no contexto do futebol profissional. A autora, entretanto, denomina como infames todos os atletas vinculados às equipes, mesmo que alguns deles, em outros momentos de suas vidas, tenham sido pessoas famosas no contexto futebolístico. Logo, cabe pensar a possibilidade da infâmia no futebol como uma característica transitória, sendo ele um estado, ao invés de uma especificidade imutável.

Correia e Rigo (2014), ao remontarem o cenário de emergência do futebol no município de Rio Grande, conseguem identificar clubes infames. Nesse sentido, o conceito que até então havia sido deslocado somente para se referir a um tipo de futebol e a alguns atletas de futebol, dessa vez aparece atrelado à agremiações esportivas. Convém reiterar que no período histórico pesquisado (1900-1916), o futebol ainda não era regido pelo profissionalismo,

¹⁵ Ver Gastaldo (2006).

ou seja, em um cenário formado por amadores, os fatores econômicos acabavam produzindo as relações de poder e, identificando os famosos e os infames. Dessa forma, foi possível perceber que, enquanto o Sport Club Rio Grande, o mais antigo e composto pela classe mais alta da cidade, era assunto constante nas páginas dos jornais, alguns clubes, apareceram uma única vez no periódico pesquisado em uma nota de poucas linhas.

Pode-se perceber que a noção de infame já vem sendo absorvida no cerne do futebol, se referindo a diferentes sujeitos e/ou elementos vinculados ao esporte. Nesse sentido, entende-se que o deslocamento do conceito foucaultiano para os sujeitos pesquisados nessa tese, torna-se pertinente, uma vez que, os mesmos obedecem a alguns critérios para tal adjetivação. Um deles é a própria ausência de estudos acadêmicos, já que, suas ações não se encontram presentes no campo científico. Além disso, também é possível destacar as relações de poder que podem se estabelecer nos bastidores dos clubes, as suas trajetórias, além da pouca visibilidade que estes sujeitos dispõem no campo midiático.

2.4.3. Produção científica sobre futebol no Brasil (2010-2014): Uma revisão sistemática acerca do que foi publicado na área das ciências sociais e humanas

O presente capítulo tem por objetivo analisar a produção científica brasileira acerca do futebol, sob a perspectiva das ciências sociais e humanas. Este trecho foi pensado com a intenção de mapear e analisar o que vem sendo produzido, tendo em vista que, diversas podem ser as apreciações sociais acerca do futebol brasileiro. Nesse sentido, a partir da revisão sistemática, foram construídos os seguintes eixos temáticos: mídia, escola, futebol amador, futebol feminino, processos históricos, megaeventos¹⁶ e questões étnicas. Além disso, também buscou analisar de onde se originam essas publicações e as inter-relações entre pesquisadores de universidades de regiões diferentes.

¹⁶ Um recorte dessa revisão foi publicada na Edição Especial da Revista Didática Sistemática no ano de 2016 sob o título: Produção científica sobre megaeventos futebolísticos: Uma metanálise qualitativa acerca do que foi publicado na área das ciências sociais e humanas entre 2010 e 2014.

Pretendeu-se tomar como marco inicial para essa empreitada o ano de 2010, principalmente por dois motivos: Simpósio Nacional de Educação Física, realizado pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, o qual teve como temática o futebol alavancado pela Copa do Mundo da África do Sul, além da própria Copa do Mundo, já que, essa competição antecederia o mundial realizado no Brasil em 2014, evento que, juntamente com o ingresso no curso de doutorado em Educação Física, marcam o final da delimitação temporal da revisão.

Nesse sentido, antes mesmo de se começar a planejar a revisão sistemática, houve o questionamento relacionado a possível influência da realização desse evento esportivo no Brasil, sobre a produção científica pautada no futebol. Dessa forma, além de analisar o número de artigos produzidos durante o período delimitado, também coube a essa escrita desenvolver uma breve avaliação sobre como se deu a relação dos meios acadêmicos com o futebol e seus possíveis entrelaçamentos. Cabe salientar também, que um dos objetivos dessa revisão parte da hipótese que haveria uma produção bastante escassa com relação ao tema central desta tese, algo que se confirmou.

Partindo desse contexto, chegou-se às seguintes interpelações: o que vem sendo publicado nos periódicos brasileiros acerca do futebol com o olhar voltado para as ciências humanas? Existiu influência da Copa do Mundo no que tange à produção científica acerca do futebol? Quais categorias de análise vêm chamando mais atenção dos pesquisadores?

2.4.3.1. Como a revisão sistemática foi instrumentalizada

Como ferramenta investigativa, foi realizada uma revisão sistemática que, para Sousa e Ribeiro (2009) representa a revisão planejada da literatura científica, que usa métodos sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente estudos relevantes sobre uma questão claramente formulada. Nessa mesma linha, Cordeiro et. al. (2007) assinala que a revisão sistemática se configura como:

[...] um tipo de investigação científica que tem por objetivo reunir, avaliar criticamente e conduzir uma síntese dos resultados de múltiplos estudos primários. Ela também objetiva responder a uma pergunta claramente formulada, utilizando métodos sistemáticos e

explícitos para identificar, selecionar e avaliar as pesquisas relevantes, coletar e analisar dados de estudos incluídos na revisão. Os métodos estatísticos (metanálise) podem ou não ser usados para analisar e sumarizar os resultados dos estudos incluídos (p. 428).

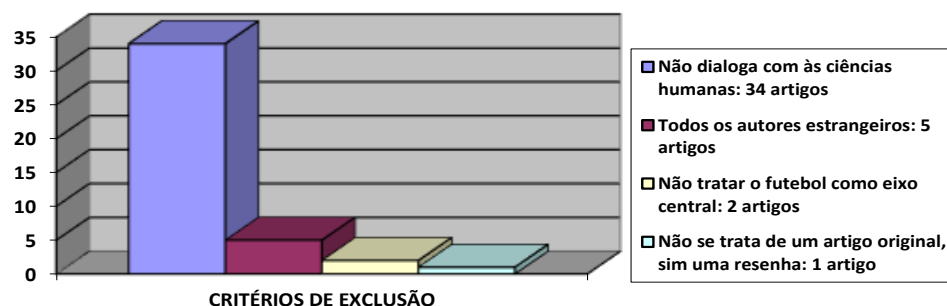
O procedimento teve como recorte, periódicos científicos indexados pelo Scielo que possuíam qualis B2 ou superior, além da Revista Movimento, a qual foi escolhida intencionalmente, por se tratar de um periódico com o escopo voltado às ciências sociais e humanas, estando classificada no qualis da Educação Física como A2. A revisão foi realizada em setembro de 2014.

Os demais periódicos que compuseram o processo são: Horizontes Antropológicos (B1), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (B1), Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (B1) e Revista da Educação Física da UEM (B2). Outros periódicos relacionados à Educação Física também compõem a base de dados do Scielo, entretanto, como possuem o escopo voltado às áreas biológicas, foram descartados da revisão sistemática.

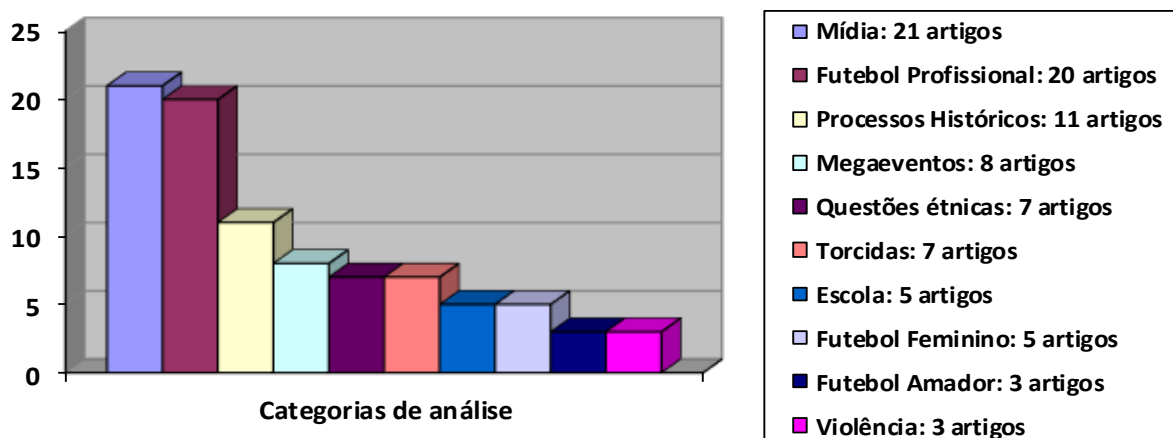
Foi utilizado o parâmetro de busca “futebol”, tendo o resultado inicial de artigos no Scielo atingido o número de 225. Foram descartados os artigos das revistas direcionadas às áreas biológicas, chegando ao número de 74 textos (RBCE: 32 artigos; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte: 28 artigos; Revista da UEM: 10 artigos e Horizontes Antropológicos: 4 artigos). Na revista Movimento, no mesmo recorte temporal, foram encontrados mais 32 artigos, totalizando 106.

Após a primeira seleção, houve análise de todos os títulos, metadados e resumos, filtrando o(s) tema(s) principal(is) de cada artigo. Nessa etapa foram descartados mais 42 textos, obedecendo aos seguintes critérios de exclusão: não dialogar com as ciências humanas, todos os autores estrangeiros¹⁷, não tratar o futebol como eixo central e, não se tratar de um artigo original, mas sim uma resenha.

¹⁷ Apesar de ter sido utilizado como critério de exclusão por entender que, nesse contexto, tais produções não se configuram como produções científicas nacionais, é preciso destacar que existe o movimento dos brasilianistas, ou seja, historiadores dos Estados Unidos os quais dedicaram esforços em desenvolver pesquisas relacionadas à história brasileira. Mais em: Carrijo (2007).



No mesmo processo, os 64 artigos selecionados foram classificados a partir das categorias que foram se construindo, as quais dão conta das seguintes temáticas: mídia, futebol profissional, processos históricos, megaeventos, questões étnicas, torcidas, escola, futebol feminino, futebol amador e violência. Boa parte dos textos se enquadra em mais de uma categoria de análise, pois, faz diálogo, por exemplo, com a mídia e futebol feminino.



A partir da seleção dos textos, começou-se a analisar os conteúdos dos artigos, para a partir daí, avaliar o contexto em que se encontra a produção sobre o futebol no Brasil, sob o olhar das ciências humanas. Com o objetivo de auxiliar na visualização, foi organizado um quadro analítico no qual estão presentes os títulos das produções selecionadas, o ano de publicação, o periódico onde foi publicado e o vínculo institucional do(s) autor(es).

Quadro 1: Informações sobre os artigos

Categorias: 1 – Escola, 2 - Futebol amador, 3 - Futebol feminino, 4 – Megaeventos, 5 – Mídia, 6 - Processos históricos, 7 - Questões étnicas, 8 – Torcidas, 9 – Futebol profissional, 10- Violência, 11- Outros.

Revistas: HA - Horizontes Antropológicos, RBCE - Revista Brasileira de Ciências do Esporte, RBEFE - Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, UEM - Revista da Educação Física da UEM, MOV.– Movimento.

Título	Ano	Revista	Categoria	Instituição (es)
A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil	2013	HA	4	UFRJ
O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios.	2013	HA	4	UFRGS
Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerao e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora.	2013	HA	4 e 8	UFSCar
O fato social total brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da Copa do Mundo no Brasil.	2013	HA	4 e 5	URRJ
A campanha #FORARICARDO TEIXEIRA no Twitter: interações sociais e debate público a respeito do esporte	2013	RBCE	5	UFSJ
A mídia e a construção do herói esportivo: análise de publicidade com Ronaldo “fenômeno”.	2011	RBCE	5	UFMT
A pátria de chuteiras está desaparecendo?	2010	RBCE	5	UFRJ, UERJ
A trajetória do Avaí Futebol Clube no Campeonato Brasileiro de 2009: leitura de charges jornalísticas	2012	RBCE	5 e 9	UFPR, UFSC
Futebol, sexo e rock and roll: o futebol moderno na Revista Placar	2014	RBCE	5, 8 e 9	UFRGS, UFPE
Jogadores de futebol no Brasil: mercado formação de atletas e escola	2011	RBCE	1 e 9	UFRJ, UP, UGF
O Clube dos 13 e o novo cenário do futebol brasileiro: uma análise a partir dos campeonatos Baiano, Goiano, Paranaense e Pernambucano	2014	RBCE	9	UFPE
O espetáculo futebolístico e o estatuto de defesa do torcedor	2010	RBCE	8 e 9	UNICAMP
O futebol feminino no discurso televisivo	2012	RBCE	3 e 5	UFES
O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização	2011	RBCE	1	UNICAMP
Olhando o futebol: jeitos xavantes de torcer	2013	RBCE	8 e 9	UFSC, UFPEL, FURG
Os supostos espaços de discussão futebolística na televisão: as “mesas redondas”	2012	RBCE	5	UNICAMP

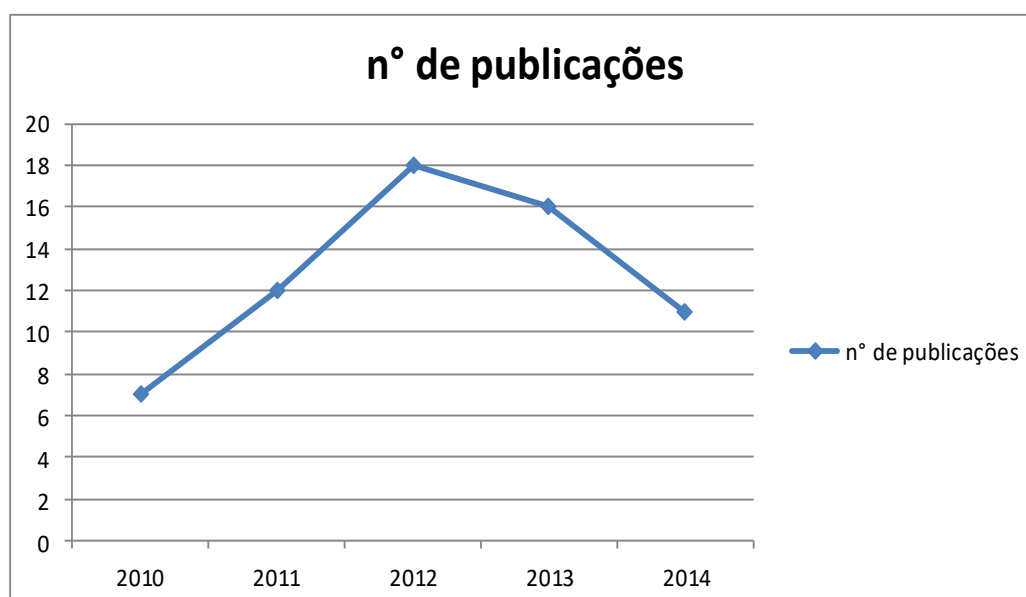
Páginas de uma agenda: o agendamento midiático para a copa de 2014.	2014	RBCE	4 e 5	UERN
Práticas de futebol e fatores sociodemográficos associados em adolescentes	2013	RBCE	1	UFS, UFSC
“A mais barata do mercado é a carne negra”: uma reflexão sobre o “design” das camisas da Puma na Copa do Mundo de Futebol/2010	2011	RBEFE	7 e 9	UFRJ, UGF
A imagem do atleta: publicidade em ano de Copa do Mundo de Futebol (Alemanha-2006)	2011	RBEFE	5	UFPR
A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX	2012	RBEFE	5, 6 e 7	UFRJ, IMIH
A liderança e coesão grupal no futebol profissional: o pesquisador fora do jogo	2012	RBEFE	9	UNICAMP
A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas	2012	RBEFE	3	UFPR
As interferências do estado brasileiro no futebol e o estatuto de defesa do torcedor	2011	RBEFE	8 e 9	UFPR
Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro	2013	RBEFE	8 e 10	UNICAMP
Futebol e ferrovia: história de um trem da industrialização que parte para o noroeste paulista	2010	RBEFE	6	USP, UNICAMP
Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade	2013	RBEFE	9	USP, UNJ
Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental	2014	RBEFE	1	UNESP
Heroísmo, mídia, e o Sport Club Corinthians Paulista: um estudo de caso acerca da final da Libertadores 2012 na Folha de S. Paulo	2013	RBEFE	5 e 9	UFPR
O “abrasileiramento” das associações esportivas de Teutonia/Estrela no Rio Grande do Sul	2012	RBEFE	6 e 7	UFRGS
O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos X brancos”	2012	RBEFE	6 e 7	IMIH, UFRJ
O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica	2011	RBEFE	9	UFPR
Perspectiva ecológica na determinação de percursos desportivos contrastantes em jovens futebolistas	2014	RBEFE	11	UC. UFPR
Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu	2014	RBEFE	11	UFPR
Violentos e desordeiros: representações de dois clubes na imprensa carioca (década de 10)	2013	RBEFE	5 e 6	UFRJ
Árbitro brasileiro de futebol profissional: percepção do	2012	UEM	9	USJT

significado do arbitrar				
Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol	2012	UEM	9	UFPel, FURG
Quando as paixões se encontram: o futebol em irmãos coragem (Janete Clair, 1970/1971)	2012	UEM	5, 6 e 9	UFRJ
A copa do mundo Fifa na África do Sul/2010 – como foi a experiência e o que podemos aprender com ela?	2014	MOV.	4	UFPR, AU
A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup	2013	MOV.	3 e 5	UFRGS, UP, ULP
As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador	2013	MOV.	6 e 9	UNESP
"Cai o pano": uma análise do encerramento da carreira de Ronaldo "fenômeno" a partir de duas mídias digitais esportivas	2011	MOV.	5 e 9	UFPR
Futebol e sociabilidade: faces tradicionais e modernas de um clube de futebol	2012	MOV.	2 e 6	UFES
Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920)	2011	MOV.	6	UFBA
Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes	2012	MOV.	9	UFES
Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas	2013	MOV.	3	UNICAMP
Identities dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona	2013	MOV.	9	UFPEL, UB
Identities "Raciais" e Identities Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do "Estilo Brasileiro de Jogar Futebol	2011	MOV.	7	UFV, UFRJ, CUMIH
Jogando pela honra: corpo e masculinidade em uma escola para meninos em <i>situação de rua</i>	2010	MOV.	1	UFRGS
Lei geral da copa, álcool e o processo de criação da legislação sobre violência	2012	MOV.	4 e 10	UNICAMP
Lulismo e futebol: os discursos de um torcedor presidente	2014	MOV.	8 e 9	UNB, UFMG, UEBA, UFPR, UNICAMP
Notas etnográficas sobre o futebol de várzea	2010	MOV.	2	UFPel
O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol	2011	MOV.	7	CUMIH, UFRJ
O desejo, o direito e o dever - A trama que trouxe a Copa ao Brasil	2012	MOV.	4	UFRGS

O futebol “de várzea” é “uma várzea”? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre	2014	MOV.	2	UNIOESTE, UFRGS
O futebol no banco dos réus: caso da homofobia	2012	MOV.	10	USP
Racismo e a derrota que não foi esquecida: uma análise dos discursos de Mário Filho e da imprensa escrita acerca da final da Copa do Mundo de 1950	2010	MOV.	5 e 7	UFPR
"Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos": posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920)	2014	MOV.	5 e 6	UFMG, UFRJ
Representações sociais de jornalistas argentinos e brasileiros sobre Maradona e Romário	2012	MOV.	5	UNRC, UGF
Ronaldo x Lula: Uma análise do discurso na Folha de São Paulo	2012	MOV.	5	UFPR
Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990	2013	MOV.	3 e 6	UFPR
Winningeleven/pro evolution soccer: Representações de Atletas de Futebol Masculino nos Jogos Digitais	2010	MOV.	5	UFRGS
Significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana	2014	MOV.	6	UNICAMP
A mediação cultural no futebol para cegos	2011	MOV.	11	UNICAMP

2.4.3.2. Considerações acerca da produção científica sobre futebol no Brasil

A partir da revisão sistemática, pôde-se chegar a algumas constatações acerca da produção científica sobre o futebol. A primeira delas trata da incidência do futebol como produto de pesquisas publicadas nos periódicos selecionados. Os números expostos a partir de agora se referem apenas às produções voltadas às ciências humanas. Dessa forma, análise começa com o número de artigos publicados no período compreendido entre janeiro de 2010 e setembro de 2014. Tais informações são trazidas no gráfico a seguir:



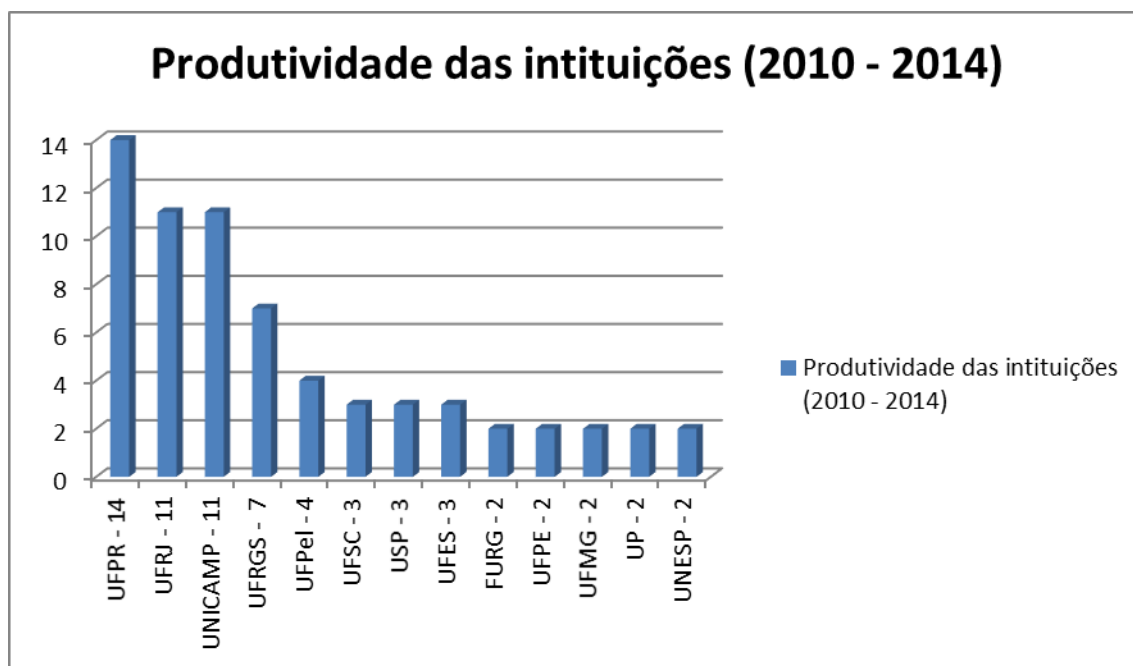
O gráfico mostra um aumento considerável na produção científica sobre futebol entre os anos 2010 (sete artigos) e 2012 (dezoito artigos), com uma sensível queda no ano de 2013, quando foram publicados dezesseis artigos. O ano de 2014, no entanto, mostra uma queda na produção, já que, apenas onze artigos foram encontrados na revisão. Entretanto, se comparados os anos de 2010 e 2014 (início e fim da delimitação temporal), é possível constatar um aumento na produção. Além do mais, convém reiterar que a busca se deu no mês de setembro, logo, não se descarta que outras pesquisas tenham sido publicadas após este período.

Outra questão importante a ser exposta são as parcerias entre pesquisadores de instituições diferentes. Essa análise mostra que as pesquisas qualitativas ainda possuem a característica de desenvolver estudos de forma mais localizada em uma única instituição, tendo em vista que, dos 64 artigos analisados, 42 deles foram produzidos por um ou mais pesquisadores da mesma instituição. Outros 17 artigos possuíram autores de duas universidades diferentes. Quatro publicações foram produzidas por pesquisadores de três instituições e em apenas um artigo foi evidenciado a participação de autores de quatro universidades.

Com relação ao número de publicações que cada instituição possui representação, foi evidenciado que as instituições que dispõem de programas

de pós-graduação voltados para a área da Educação Física¹⁸, acabam tomando a frente no que tange à questão do número de publicações. Isso ocorre, primeiramente, pelo número mais elevado de pesquisadores em comparação com universidades de menor porte. Além disso, as políticas instauradas pelas agências de fomento incentivam a produtividade dos pós-graduandos e de seus orientadores¹⁹. Nesse sentido, nos últimos anos, tem havido o incentivo por parte de alguns programas de pós-graduação para que as dissertações e teses sejam elaboradas em formato de artigo, o que facilita o processo de publicação durante e após a aquisição do título por parte do candidato. Observa-se, portanto, uma quebra de paradigma na área das ciências sociais e humanas, já que, não era característica da mesma uma escrita direta em formato de artigos, mas sim, por uma construção de teses e dissertações em formato tradicional.

O gráfico a seguir traz informações sobre as instituições que se configuraram como as mais produtivas no período compreendido entre 2010 e 2014.



¹⁸ As cinco principais universidades em número de artigos publicados a partir dos dados coletados nessa revisão, possuem programas de pós-graduação stricto sensu, conforme pode ser comprovado nas páginas oficiais de cada instituição: <http://www.pgdef.ufpr.br/>, <http://www.fef.unicamp.br/feff/posgraduacao>, <http://www.ufrgs.br/ppgcmh/site/>, <http://wp.ufpel.edu.br/ppgef/>

¹⁹ É necessário ressaltar que tal referência é feita para os programas de pós-graduação em Educação Física, alocados na Área 21, ou seja, não necessariamente esta mesma lógica de produtividade se estabelece em todas as áreas.

O gráfico mostra que as instituições da região sul e do sudeste se configuraram como as mais produtivas com relação ao tema futebol associado às ciências sociais e humanas. É importante salientar que os números evidenciados no gráfico dão conta de assinalar os artigos que possuíram participação/colaboração de pesquisadores vinculados às instituições citadas. Ou seja, houve artigos que contaram com a participação de pesquisadores vinculados a diferentes universidades. Além disso, também é preciso salientar que os vínculos institucionais dos pesquisadores podem ser vínculos permanentes (docentes efetivos) ou temporários (professores substitutos e alunos de pós-graduação).

2.4.3.3. Constatações acerca do que foi produzido entre 2010 e 2014 e ausência de produção sobre os sujeitos infames

Após o processo de revisão sistemática, seleção de artigos a partir dos critérios preestabelecidos, além da análise dos textos, pôde-se constatar algumas questões, tais como: o número absoluto de artigos publicados por instituição e as categorias que mais chamaram atenção dos pesquisadores. Entretanto, para esse momento, a conclusão que se torna mais representativa no que diz respeito ao tema central desta tese, é o fato da inexistência de artigos relacionados aos funcionários infames do futebol profissional.

A confirmação desta hipótese reitera a importância de se analisar as memórias, trajetórias, os pertencimentos e as ações de tais sujeitos, já que, os mesmos, apesar de presentes no meio do futebol, acabam não sendo evidenciados pelo mundo acadêmico e, em comparação com os atletas e treinadores, também passam despercebidos pelas torcidas e pela mídia. Nesse sentido, essa revisão trouxe mais um elemento que confirma a infâmia (FOUCAULT, 2009) desses funcionários no contexto do futebol profissional.

É preciso destacar que a constatação sobre a ausência de produção científica relacionada aos funcionários infames do futebol, ao mesmo tempo que justifica a inserção no campo de pesquisa, produz uma maior dificuldade, tendo em vista que, sob o ponto de vista científico do futebol, impossibilita o diálogo entre as narrativas advindas dessa pesquisa com outros pesquisadores dedicados a estudar futebol.

2.3. Pressupostos metodológicos

A oralidade vem se constituindo como uma das principais fontes de pesquisas históricas que rompem com os paradigmas da historiografia tradicional. Isso, pois, as narrativas²⁰ em diversas oportunidades podem elucidar questões que são colocadas à margem das fontes utilizadas pela história tradicional, a qual normalmente objetiva construir uma análise cronológica, conclusiva, masculina, hegemonicamente branca e de vencedores (GOELLNER, 2007).

Partindo desse princípio, optou-se em explorar de forma efetiva as narrativas advindas de entrevistas em história oral, a qual, segundo Portelli (2010), se caracteriza como:

[...] uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* – encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações (p. 210).

As narrativas são resultado de entrevistas que partiram de um roteiro básico, o qual não possuiu a função de engessar a entrevista, mas sim, de ser utilizado como um aporte que direcione a narrativa para que a mesma possa atender os objetivos da pesquisa. Nesse sentido, convém salientar que na prática, a história oral se caracteriza como uma metodologia bastante flexível, sob o ponto de vista de sua aplicação. Isso, pois, cada depoimento possui um caráter singular, levando em conta as particularidades do entrevistado, o local de realização e até mesmo a possível interrupção de uma entrevista a partir do envolvimento de terceiros, fato evidenciado nessa pesquisa.

Após o agendamento prévio, o pesquisador se utiliza de recursos tecnológicos os quais viabilizam a gravação da narração dialógica para fins de registro e armazenamento. Nesse sentido, Meihy e Holanda (2007) destacam que:

A moderna história oral depende de recursos eletrônicos na medida em que estes se colocam como meios mecânicos para auxiliar não apenas a gravação em seu momento de realização, mas, sobretudo

²⁰ A utilização da expressão narrativa se ampara no discurso de Alberti (2012), à medida que, segundo a autora, a transição do que antes era denominado com versão para o conceito de narrativa acaba reforçando o caráter documental de uma entrevista em história oral. Mais em Alberti (2012).

depois, quando se presta à fase de transposição do oral para o escrito²¹ (p.21).

Não houve preocupação em delimitar um período temporal específico com relação aos funcionários dentro dos clubes. Isso, primeiramente, em função da existência de narradores de faixas etárias distintas. Em segundo lugar, pela intenção de explorar a trajetória individual de cada sujeito, a qual pode estar em algum momento separada da história do clube com o qual possui seu vínculo.

É importante assinalar também, alguns cuidados éticos no decorrer da pesquisa em História Oral. Nesse sentido, Portelli (1997) aponta aspectos éticos específicos do pesquisador para com o narrador e com as narrativas. Cabe salientar que esse estudo obedeceu a alguns preceitos, tais como: informações prévias sobre os objetivos e a natureza da pesquisa, sobre a participação voluntária, ou seja, que não haveria nenhuma compensação financeira, direito ao acesso à transcrição da entrevista para revisão, direito de suprimir ou adicionar informações e possibilidade de retirada do consentimento caso julgasse necessário.

O estudo utilizou narrativas advindas de sujeitos vinculados a clubes da região sul do RS (Rio Grande, Pelotas e Bagé). A escolha foi estabelecida intencionalmente pela proximidade entre os diferentes municípios (e seus clubes), e relevância desta região no cenário futebolístico gaúcho, na medida em que é sede de agremiações que já se sagraram campeãs estaduais²².

A elegibilidade dos sujeitos que compuseram a rede foi construída de forma multifatorial, ou seja, necessitou dispor de vínculos com o clube, ocupar ou ter ocupado uma função com menor veiculação midiática se comparada a jogadores, comissão técnica e diretores e, dispor de uma trajetória longa junto à agremiação. Nesse sentido, não se estabeleceu nenhum critério de

²¹ Para a transcrição das entrevistas, foi utilizado o programa de computador Express Scribe, o qual pode ser adquirido de forma gratuita.

²² Os cinco clubes visitados e que tiveram seus funcionários entrevistados já se sagraram campeões estaduais. O Guarany F. C. inclusive é o único clube do interior a possuir dois títulos estaduais, o primeiro em 1920, o segundo em 1938. <http://guaranyfutebolclube.com.br/>. G. E. Bagé campeão em 1930, E. C. Pelotas em 1930, S. C. São Paulo em 1933 e S. C. Rio Grande em 1936 completam a lista de títulos. As informações sobre as conquistas podem ser encontradas nos sites oficiais dos clubes: <http://www.ecpelotas.com.br/Inicial>, <http://saopaulors.com.br/content/#>, <https://www.scriogrande.com/>. Acesso em 29/05/2018.

exclusão relacionado às profissões do interior dos clubes, desde que, os sujeitos pudessem ser caracterizados como infames.

A composição da rede se deu, inicialmente, a partir de visitas aos clubes, o que se configura como um mapeamento, gerando o encontro com potenciais entrevistados. Esse momento do processo foi de fundamental importância para o encontro com o infame. No entanto, a adjetivação de um sujeito como infame, não foi definida *à priori* pelo pesquisador, ocorreu a partir de conversas informais com membros de diretorias, comissão técnica ou secretárias²³ dos clubes. Nessas conversas, os objetivos do estudo foram informados, assim como as características procuradas nos potenciais narradores: ser (ou ter sido) funcionário que não disponha de grande reconhecimento midiático e nem por parte da torcida, mas que desempenhe funções importantes dentro da agremiação, além de possuir vínculo relativamente longo com a instituição.

Alberti (2005) ressalta a importância do primeiro contato com o entrevistado. Nesse sentido, assim como foi feito quando se chegou ao clube a procura de potenciais entrevistados (exposição das informações sobre a pesquisa), a autora defende que as mesmas explicações sejam realizadas durante o primeiro contato com o potencial narrador. Durante a primeira conversa, todos os pontos devem ser esclarecidos, e informações tais como: forma como a gravação será realizada e aspectos éticos envolvidos. Além disso, é preciso deixar claro que a escolha do local e horário são de prerrogativa do narrador.

As cinco entrevistas que compõe essa tese foram realizadas nas sedes dos clubes, e em alguns casos, nos postos de trabalho dos entrevistados²⁴, ou seja, a portaria de acesso ao espaço social do S. C. Rio Grande, a rouparia do G. E. Bagé e a secretaria do E. C. Pelotas. Nesse sentido, o local escolhido

²³ O mapeamento no interior do clube começou a partir da secretaria, não inviabilizou que a secretária do Esporte Clube Pelotas participasse do estudo, visto que, ela possuía as principais características com relação a elegibilidade do narrador.

²⁴ Por terem sido realizadas nos respectivos postos de trabalho, houve algumas interrupções, entretanto, algumas delas até interessantes, como exemplo, a chegada do técnico do Grêmio Esportivo Bagé, conhecido como Leco, na rouparia do clube. O mesmo, curioso ao verificar uma pessoa estranha no interior do clube quis saber o que estava acontecendo. Após as apresentações e a explicação que se tratava de uma pesquisa científica visando analisar a importância das profissões periféricas no futebol profissional, acabou ele mesmo assinalando que, na sua visão, sem o roupeiro muito provavelmente não haveria futebol profissional.

para a entrevista pode influenciar o andamento da mesma, à medida que, uma foto, um troféu, um uniforme antigo e até mesmo a movimentação de outras pessoas, podem alterar os rumos da narrativa.

Os primeiros clubes a serem visitados foram o Sport Club Rio Grande, Guarany Futebol Clube e Grêmio Esportivo Bagé. A partir daí, as duas primeiras entrevistas foram agendadas, a primeira delas realizada em 2015, com o Senhor Paulo Renato de Oliveira Laranjeira, mais conhecido como Seu Laranjeira, porteiro do S. C. Rio Grande. A segunda, no ano de 2016, com Alexandre da Silva Dutra, roupeiro do G. E. Bagé. Cabe salientar que na entrevista com Alexandre houveram indicações de um potencial futuro entrevistado, no caso, Seu Luiz, roupeiro do Guarany Futebol F. C.

A terceira, quarta e quinta entrevistas, já em 2018, foram realizadas respectivamente com Edemar Marshall Ramos, ex-roupeiro do S. C. São Paulo/RS, também conhecido como Nenê do Sampa, com Dona Sandra Rejane Canez Borges, secretária do E. C. Pelotas e com Seu Luiz, roupeiro do Guarany F. C.

2.3.1. Os narradores

Em razão da opção pela apresentação das narrativas que compõem esta tese em formato de artigos, foi percebida a necessidade de uma apresentação mais detalhada de cada narrador. Nessa seção, portanto, será exposto brevemente as trajetórias dos sujeitos infames, partindo de suas infâncias até o ingresso nos clubes.

2.3.1.1. Seu Laranjeira: o porteiro do Sport Club Rio Grande

Seu Laranjeira, em 2015, ano que a entrevista foi realizada, tinha 62 anos de idade e, naquele momento, trabalhava no clube ininterruptamente por 14. Entretanto, já havia prestado serviço para a instituição em outras oportunidades, ainda enquanto jovem. Porém, seu Laranjeira assinala que, o vínculo empregatício com o clube em dado momento se desfez em função de necessidade financeira, entretanto, o vínculo afetivo com a agremiação nunca arrefeceu, tanto que, em momento algum deixou de frequentar os estádios e de

auxiliar o clube prestando algum tipo de trabalho voluntário em ocasiões em que dispunha de tempo.

A chegada até o narrador se deu a partir de um mapeamento no interior do clube. O nome de Seu Laranjeira foi lembrado e logo em seguida houve apresentação no próprio posto de trabalho do funcionário. A entrevista, a qual teve a duração de uma hora e vinte e dois minutos, também foi realizada na portaria que dá acesso à sede social do clube, local onde os porteiros recebem os associados, fazendo conferência da carteira de sócio e verificando se a mensalidade do mesmo se encontra em dia.



Figura 1: Portaria da sede social do Sport Club Rio Grande, local de trabalho do depoente onde a entrevista foi realizada. Disponível em: www.scriogrande.com/sedes. Acesso em: 23/08/2017.

Nascido em família humilde, cresceu no município de Rio Grande, onde sempre residiu, tendo saído da cidade em breves ocasiões, sendo que, em muitas oportunidades, segundo ele, o motivo da viagem era o acompanhamento do clube ao qual é torcedor e funcionário. Sobre sua infância, seu Laranjeira constrói a seguinte narrativa:

“[...] eu sou de uma família... nunca passei fome, mas era uma família assim de poucos recursos. [...] A minha mãe trabalhava, eu com nove anos já andava com um balaio de pastel [...] com 13 anos já trabalhava de carteira assinada. Então infância, infância, infância era um joguinho de bola, alguma coisinha assim, acompanhar o Rio Grande no rádio e tal. E aos domingos ir ao jogo, embora com muita modéstia a gente fazia o serviço da casa pra mãe e o pai trabalhar e no domingo tinha recompensazinha, pra mim me davam o dinheiro do jogo e pro meu irmão davam o cinema por que ele preferia ir ao cinema e tal. Então a infância, mais normal possível pra uma pessoa assim com poucos recursos. Embora felizmente eu morasse

bem, eu morava no centro, mas a gente era o primo pobre da turma ali. A turma ganhava um presente bom e a gente, eu sei que não podiam, né?” (LARANJEIRA, 2015)²⁵.

Seu Laranjeira retrata um período histórico em que era comum às crianças e adolescentes auxiliarem na economia familiar. No seu caso, houve papel duplo, tendo em vista que, além de desenvolver tarefas domésticas para que seus pais pudessem trabalhar fora, também fez parte de sua infância o trabalho comercializando gêneros alimentícios em diversos espaços, um deles o campo de futebol. Além disso, Seu Laranjeira fala que com apenas 13 anos já trabalhava com sua carteira de trabalho assinada pelo empregador.

Após uma infância com recursos financeiros escassos, Seu Laranjeira ingressou no clube pelo qual torcia para trabalhar, porém, em dado momento, se viu obrigado a se desligar, já que, necessitava buscar um emprego que pudesse lhe garantir certa estabilidade financeira, tendo em vista que, segundo ele, os clubes de futebol da região sul não dispunham de capital financeiro para garantir um bom salário para seus funcionários. Nesse sentido, durante sua juventude, trabalhou em ramos diversos, desde produção de farinha de peixe, passando pelas indústrias trevo, onde trabalhou com tratamento de água e operação de caldeiras, até chegar a uma empresa de transportes coletivos da cidade onde desempenhou funções de cobrador e fiscal. Após conseguir sua aposentadoria, retornou ao S. C. Rio Grande como funcionário, embora o vínculo de torcedor nunca tenha sido desfeito.

Tal vínculo de torcedor fez com que o mesmo estivesse presente sempre que possível nos jogos em que o Sport Club Rio Grande possuía o mando de campo. A dedicação e a vontade de ajudar os atletas no decorrer das partidas fizeram com que Seu Laranjeira se aproximasse da Torcida Organizada Dragão da Mangueira²⁶. Nesse sentido, é possível assinalar que a preocupação de Seu Laranjeira está direcionada à instituição a qual possui, tanto o vínculo de torcedor quanto o vínculo trabalhista. Além disso, manifesta a opinião que a torcida organizada a qual faz parte deve se constituir em um

²⁵ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

²⁶ Fundada em 1979, é considerada pelo site oficial do clube como a primeira torcida organizada do Sport Club Rio Grande. Mais sobre tal grupo de torcedores pode ser encontrado no site do Clube: <https://www.scriogrande.com/single-post/2018/05/13/A-mais-Fiel-completa-39-Anos-Parabéns-Dragão-da-Mangueira>. Acesso em: 24/09/2018.

grupo de pessoas dispostas a servir e ajudar o clube sem cobrar nenhum tipo de reciprocidade da agremiação, exceto, talvez, o resultado dentro de campo.



Figura 2: Seu Laranjeira acompanhado por um familiar no estádio Arthur Lawson dia 22 de julho de 2018 após o empate do Sport Club Rio Grande com a Associação Esportiva São Borja, pelo placar de Zero a Zero, partida de ida da semifinal da terceira divisão gaúcha. Fonte: Acervo do pesquisador.

2.3.1.2. Alexandre: o roupeiro do Grêmio Esportivo Bagé

Alexandre, um ainda jovem roupeiro que trabalha no G. E. Bagé há nove anos. Natural do município de Bagé, Alexandre tem 37 anos de idade e sua ligação com os esportes começa ainda na infância, quando praticava vôlei e

basquete, além de se aventurar como goleiro no futebol. O entrevistado, apesar de não entrar em detalhes sobre como foi a sua infância sobre aspectos familiares e sociais, deu a entender que dispunha de um cotidiano bastante simples, no qual, suas práticas de divertimento e sociabilidade se constituíam a partir de práticas esportivas.



Figura 3: Momento da primeira conversa com Alexandre no ano de 2015, nas arquibancadas do estádio da Pedra Moura. Fonte: Acervo do pesquisador.

Apesar de já ter trabalhado fora do meio do futebol, sua ligação profissional com o esporte inicia no ano de 2008 através de convite de amigos para trabalhar no projeto Genoma Colorado, uma espécie de convênio organizado pelo Sport Club Internacional pelo interior do Rio Grande do Sul que visa revelar e formar jovens atletas. Embora não tenha ficado clara qual

função era desempenhada no projeto, foi a partir dessa inserção que, no mesmo ano, recebeu o convite para trabalhar na rouparia do G. E. Bagé.

A exemplo do ocorrido no que se refere ao contato com seu Laranjeira, a chegada até Alexandre também se deu a partir de uma visita ao estádio do clube e conversa informal com outros funcionários. Por se tratar de um sujeito que reside no interior do clube, já dispor, naquele momento, alguns anos como funcionário e desenvolver funções importantes dentro da agremiação, seu nome acabou sendo indicado.

Cabe salientar que Alexandre reside dentro do estádio, o que, segundo ele, facilita sua função, já que, não necessita de deslocamento até o trabalho. Além disso, afirma que, para ele, morar nos apartamentos do clube: “[...] *facilita tudo, todo o trabalho que a gente vai acertar durante o campeonato, né? É bom, assim a gente já cuida o patrimônio que é nosso, bem dizer que é nosso. Então a gente tem que cuidar o nosso patrimônio*” (DUTRA, 2016)²⁷. A fala de Alexandre indica um grau de cuidado com o patrimônio da agremiação, patrimônio esse, que auxilia a zelar, mesmo sem receber uma gratificação financeira, além do salário de roupeiro do clube. Essa voluntariedade por parte do funcionário, dá indícios sobre a construção de um sentimento de pertencimento do funcionário com o clube, embora, diferentemente de Seu Laranjeira, Alexandre salienta que antes de ser funcionário, não dispunha de nenhuma relação com a agremiação:

“Não, não... Não era simpatizante do clube. Ai através dos anos que foi, eu fui criando um vínculo maior com a agremiação e vim me apaixonando pelo G. E. Bagé. Mas não tinha nenhum vínculo ao GE Bagé” (DUTRA, 2016)²⁸.

Partindo desse contexto, é possível analisar que existem diferentes construções de trajetórias que levam o funcionário até o clube, ao passo que Seu Laranjeira do S. C. Rio Grande sempre possuiu o vínculo de torcedor com o clube e isso o levou a ingressar no quadro de funcionários, já Alexandre percorreu um caminho diferente, já que, anuncia o gosto pelo esporte, mas analisa que o ingresso como funcionário do clube não se deu a partir de

²⁷ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

²⁸ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

nenhum vínculo de pertencimento, mas sim pela necessidade de desenvolver uma atividade remunerada.

2.3.1.3. Nenê do Sampa: roupeiro do Sport Club São Paulo.

Edelmar Marshall Ramos, mais conhecido como Nenê do Sampa, possui uma história que perdurou por 23 anos como funcionário do Sport Club São Paulo. Na data em que a entrevista foi realizada, ele estava com 39 anos e havia sido demitido do clube no ano de 2013 após a troca da equipe diretiva.

Nenê é natural de Rio Grande, sempre residiu no bairro Santa Teresa, o qual, apesar de se caracterizar como um bairro periférico, não é muito distante do centro da cidade. Assim como os narradores anteriormente apresentados, a infância de Nenê também não foi provida de grandes recursos financeiros, de modo que, mesmo ainda criança, já auxiliava economicamente a família.

Foi na infância que o gosto pelo futebol o levou a entrar no estádio Aldo Dapuzzo como o objetivo de assistir a um treinamento. A partir daí, começou a se identificar com o clube e construir seu vínculo de pertencimento. Sentimento tão forte que, para ele, o lazer e o divertimento quase sempre se davam assistindo os treinamentos do clube.

Ao começar a transitar pelo estádio, Nenê, que na época tinha 11 anos de idade, começa a construir relações de amizade com alguns atletas do clube e a partir dessas relações é convidado a auxiliar na rouparia e nos treinamentos:

“[...] eu moro no bairro Santa Teresa que é bem afastado aqui do Campo do São Paulo, aí sempre quando tinha alguma folga eu vinha pra cá ver treino com 9, 10 anos, aí comecei a conhecer os jogadores de futebol, conheci o Zé Carlos que era o goleiro e morava na Santa Tereza e o Zé Carlos. Ai o Zé vinha de bicicleta e eu vinha com ele, [...], pegava aquela amizade todinha e comecei a juntar bola, [...] chute a gol e aquela coisa toda, aí comecei a juntar bola, aí o pessoal começou a gostar de mim, aí me convidaram se eu podia dar uma força na rouparia, ser auxiliar de roupeiro, aí eu digo: ‘mas, da minha parte não tem problema nenhum’. Pô, chegava a ser um sonho, na época tinha 11 anos, para doze anos, aí comecei a ajudar na parte da rouparia” (RAMOS, 2018)²⁹.

²⁹ RAMOS, Edelmar Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.



Figura 4: Nenê, ainda funcionário do clube, auxiliando o jogador Rafael Refatti a colocar a braçadeira de capitão. Fonte: publicação em sua página pessoal na rede social Facebook dia 4 de maio de 2016.

Nenê começou a trabalhar no S. C. São Paulo no ano de 1991, permanecendo até 2013. Ao longo dos 23 anos que trabalhou no clube, encontrou muitos desafios, um deles, ser responsável pela rouparia do clube, na época em que era um adolescente de apenas 14 anos. Ele ressalta que o envolvimento que teve com o clube por tanto tempo, além de ter contribuído para a construção do seu sentimento enquanto torcedor, já que se considera fanático pelo São Paulo, também proporcionou que seus familiares construíssem o mesmo vínculo:

“E da parte da família agora são todos fanáticos, todos, desde o pequenininho, tanto que agora no natal eu dei uma camiseta pra ele, das últimas agora, ‘foi o melhor presente que eu ganhei’. Aí tem a menina também e tem o guri, o guri se criou, o guri aprendeu a caminhar aqui atrás, o que tem 18 anos hoje, e é bem ligado. [...] ‘Báh pai, o São Paulo contratou tal, o São Paulo contratou tal’. Então está sempre naquela ali. Uma coisa que, como posso dizer? A família, a minha família agora de mulher, filhos tudo, são todos identificados, cem por cento com o São Paulo.” (RAMOS, 2018)³⁰.

³⁰ RAMOS, Edelmarr Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

A chegada até Nenê se deu a partir de indicações de outro ex-funcionário do Sport Club São Paulo. Como atualmente Nenê trabalha no clube, o contato inicial ocorreu através de uma rede social. Foi agendado um encontro, onde os objetivos e a metodologia foram expostos, além da marcação da entrevista, a qual ocorreu no pavilhão social do Estádio Aldo Dapuzzo.

2.3.1.4. Dona Rejane: Secretária do Esporte Clube Pelotas

Sandra Rejane Canez Borges, ou simplesmente Dona Rejane é natural de Pelotas e na data em que a entrevista foi realizada tinha 54 anos de idade, sendo que praticamente 30 desses dedicados ao Esporte Clube Pelotas. Ela atua como secretária do clube, recebendo os associados e torcedores do mesmo, mas não se limita apenas a essa função, já que, também cuida do acervo histórico do clube, atende nas bilheterias e, se preciso, desenvolve até mesmo serviços mais pesados, como pintura.

A entrevista foi realizada no posto de trabalho de dona Rejane, que, gentilmente, cedeu praticamente todo o seu horário de trabalho para que a conversa pudesse acontecer. No meio do processo, algumas interrupções ocorreram em função das demandas que deveriam ser atendidas pela secretária (atendimento de associados, dúvidas de torcedores e encomendas de produtos necessários ao clube).

Sobre sua infância e adolescência, a trajetória de dona Rejane segue a mesma lógica dos demais narradores, ou seja, a simplicidade:

“É eu nasci no Fragata né? Que é uma área da cidade bem grande e longe. Nasci e me criei ali. [...] pode se dizer que tinha uma vida bem mais difícil, porque, eu estou com 54 anos, nós éramos seis irmãos, então nos brincávamos mais em casa. Pracinha, centro eu fui conhecer com 15 anos de idade, então não tinha assim muita coisa o que fazer, para mim na cidade, era mais em casa. Nós tínhamos, nos divertimos bastante, porque meus pais criavam porcos, então a gente andava a cavalo nos porcos, ou criava galinha e a gente brincava com os bichos, era mais essa parte rural, dentro da cidade, mas era mais rural. Praça, essas outras coisas era meio complicado de vir” (BORGES, 2018)³¹.

Além do destaque sobre as formas de divertimento, foi na infância que sua relação com o futebol começou. Hoje, se autoadjetivando como uma torcedora fanática do Esporte Clube Pelotas, dona Rejane analisa que na

³¹ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

infância e adolescência, acabava não tendo acesso ao futebol, tendo em vista as construções de masculinidade que se constituíam no universo do futebol.

Seu pai, torcedor Xavante (como são chamados os torcedores do Brasil de Pelotas) levava seus três irmãos para assistir as partidas, ela e suas duas irmãs ficavam em casa com a mãe. Como seus pais discordavam no que diz respeito ao clube do coração, a aproximação com sua mãe fez com que se constituísse uma torcedora áureo cerúleo (torcedor do Pelotas).

Sua relação profissional com o futebol, entretanto, não começou no Pelotas, mas sim no Grêmio Atlético Farroupilha, em 1987. Logo em seguida, começa a prestar serviços ao Pelotas, local onde, trabalha até o presente.

“Então iniciei meu trabalho no futebol em 87, quando a minha filha nasceu, na realidade meu primeiro time foi o Farroupilha (risos) Porque era perto de casa e me indicaram para eu largar um currículo lá, eu larguei e comecei por lá. E daí então não larguei mais o futebol né? [...] quando a minha filha nasceu, como eu te falei, eu fui trabalhar no Farroupilha, chamada por uma empresa que construiu as piscinas do Parque Lobão lá, aí no dia que a gente terminou as piscinas do Farroupilha, disse: ‘tá, agora vamos fazer as do Pelotas’ disse, ‘vamos né?’ Aí eu acabei sendo terceirizada nessa época” (BORGES, 2018)³².

Curiosamente, dona Rejane anuncia que a primeira vez em que ingressou em um estádio para assistir a uma partida foi em 1989, ou seja, dois anos após começar a trabalhar de forma terceirizada nos clubes de futebol. Ela analisa que alguns espaços vêm se abrindo para a participação feminina no meio do futebol, o qual, segundo ela, se constituiu como um espaço historicamente marcado pelas masculinidades.

Dona Rejane trabalha e torce pelo E. C. Pelotas, e apenas para ele, não manifesta nenhuma predileção por nenhum clube da capital. Além disso, busca persuadir seus familiares para que tenham a mesma escolha clubística que ela. Em tom de brincadeira, diz que sua filha é áureo cerúleo e que no momento em que for avó, os netos também serão.

³² BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.



Figura 5: Dona Rejane na Secretaria do Esporte Clube Pelotas. Fonte: Acervo do pesquisador.

2.3.1.4. Seu Luiz: o longoze roupeiro do Guarany de Bagé

Seu Luiz Eli Miranda Jardim é roupeiro do Guarany Futebol Clube. Foi indicado por Alexandre após o primeiro contato com o roupeiro do G.E. Bagé. Feita essa indicação, foi realizada a visita ao estádio Estrela Dalva, local onde trabalha e reside o funcionário. Seu Luiz, ou tio Luiz, como é conhecido dentro do clube, é natural do município de Bagé e estava com 68 anos de idade na data da entrevista a qual ocorreu também em 2018 nas arquibancadas do estádio Estrela Dalva.

Seu Luiz anuncia que gostava de praticar futebol como lazer na juventude, porém, seu ingresso no quadro de funcionários do clube não se deu

a partir da prática. Chegou ao clube após convite do diretor de patrimônio na época, o qual era seu vizinho. A intenção de seu Luiz, na ocasião, era desenvolver uma atividade remunerada, tendo em vista que, havia sido dispensado do serviço militar algumas semanas antes. Anteriormente à sua breve passagem pelo exército, trabalhava em uma cooperativa produtora de lã, porém, nos períodos de entre safra acabava desempregado.

Seu Luiz não se recorda com exatidão o ano em que começou a trabalhar no Guarany F. C., lembra que foi por volta do início da década de 1970, quando tinha em torno de 19 anos. O primeiro contato se deu, no entanto, para prestar um serviço emergencial ao clube, visto que havia desfalque de funcionários na rouparia. A partir daí, acabou permanecendo no clube e pouco tempo depois teve sua carteira de trabalho assinada no ano de 1974.

“Eu tinha que pensar alguma coisa para mim, né? Por isso que graças a Deus, né? Estou com 68 anos, já estou aposentado pelo clube, então eu achava que era ruim (o trabalho na rouparia), mas foi bom, né? Mas eu me dediquei também. Até agora, agora já estou querendo também abrir fora, já não dá mais pra. É muito cansativo, porque eu não faço, sabe? Eu não faço só o serviço da rouparia, no clube. Tem o campo, a marcação de campo sou eu que faço, corte de grama sou eu que faço, montar o campo para os jogos nos fins de semana, viagens. Sempre vem naquele sufoco né? E esse é meu trajeto pelo clube. Mas graças a Deus está dando. Agora sim, agora já estou... Chegar aqui com 20 anos e com 68 né, aí já tem que descansar um pouquinho, o corpo não é o mesmo” (JARDIM, 2018)³³.

A narrativa do funcionário mais longo dentro dos entrevistados nessa pesquisa demonstra uma trajetória de dedicação ao clube. Seu Luiz também deixa claro que desenvolve uma atividade a qual lhe trouxe realizações, porém, aos 68 anos de idade, em um clube de pequeno porte, acaba demonstrando sinais de cansaço.

Seu Luiz se julga mais do que um simples torcedor do Guarany F. C., possui também uma espécie de gratidão por ser, no clube, o local onde desenvolve sua atividade financeira. Por mais que assuma simpatia por um dos clubes da capital do estado, em primeiro lugar está o Guarany F. C. O entrevistado é muito grato a seu clube também pelos vínculos de amizade que construiu ao longo dos anos com dirigentes, funcionários, torcedores e jogadores, alguns deles, atletas de renome internacional, caso do ex-lateral esquerdo Branco, tetracampeão com a seleção brasileira na copa de 1994.

³³ JARDIM, Luiz Eli Miranda. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 15 de fevereiro de 2018.



Figura 6: Momento da primeira conversa com Seu Luiz em 2015, à beira do gramado do estádio Estrela Dalva. Fonte: Acervo do pesquisador.

Sobre sua constituição familiar, o entrevistado não entrou em detalhes, exceto no que diz respeito à escolha dos clubes por parte dos seus pais. Segundo ele, ainda muito pequeno, tentou ser persuadido por seu pai para que a escolha clubística fosse a mesma, já que, tanto seu pai quanto sua mãe eram torcedores do rival G. E. Bagé. Entretanto, a partir da preferência pelas cores vermelho e branco, acabou se identificando com o Guarany F. C., clube onde é funcionário há quase 50 anos.

3. Artigo 1: Vínculos clubísticos de funcionários infames no futebol profissional do sul do RS: Narrativas, identidades e pertencimentos³⁴

Non-famous employees and their ties to professional football clubs in southern RS: Narratives, belonging and identities

Vínculos clubísticos de funcionarios infames em el fútbol profesional de la región sur de RS: Narrativas, pertencimentos y identidades

Resumo: Este artigo analisa a constituição dos pertencimentos clubísticos e a produção de identidades de funcionários infames que atuam ou atuaram em diferentes clubes do futebol profissional da região sul do RS. Tendo como metodologia a história oral, foram entrevistados quatro funcionários de clubes distintos, possibilitando concluir que o pertencimento clubístico dos mesmos se constituiu de diferentes formas. Tais como: idas aos estádios durante a infância, noções de sociabilidade construídas no clube, necessidade de uma atividade remunerada e a influência, mesmo que indireta, da família. Além disso, percebeu-se a importância dos clubes na constituição das identidades dos sujeitos, visto que os narradores, ao construírem uma hierarquia, colocam os clubes atrás apenas de suas famílias. Também foi possível analisar que os funcionários infames empregam diferentes maneiras de torcer durante os jogos, em que o local escolhido e determinadas atitudes são marcadores interessantes de análise.

Palavras-chave: Futebol. Clubes de Futebol. Pertencimento. Identidades.

Abstract: This article analyzes how club belonging and the production of identities are created for non-famous employees who work or acted in different professional football clubs in the southern region of RS state. Based on the methodology of oral history, four employees from different clubs were interviewed, making it possible to conclude that the belonging to the club was made up in different ways such as: going to the stadiums during childhood, notions of sociability built in the club, the need for a source of income and the influence, even if indirect, of the family. Also, the importance of clubs in the constitution of identities of the subjects was perceived as the narrators put the clubs in second place only to the family when constructing a hierarchy. It was also possible to analyze that non-famous employees cheer in different ways when the chosen venue and attitudes are considered as relevant markers for analysis.

Keywords: Football. Football Clubs. Belonging. Identities.

³⁴ Artigo aceito para publicação na revista Movimento. Nesse sentido, houve a opção em utilizar as normas de editoração da própria revista.

Resumen: Este artículo analiza la constitución de la pertenencia clubística y la producción de identidades de funcionarios infames que actúan o actuaron en diferentes clubes del fútbol profesional de la región Sur de RS. Teniendo como metodología la historia oral, fueron entrevistados cuatro funcionarios de clubes distintos, posibilitando que la pertenencia clubística de los mismos se constituyó de diferentes modos, como: idas a los estadios durante la niñez, nociones de sociabilidad construidas en el club, necesidad de una actividad remunerada y la influencia, aunque indirecta de la familia. Además, se percibió la importancia de los clubes en la constitución de las identidades de los sujetos, ya que los narradores al construir una jerarquía, ponen a los clubes detrás de sus familias. También fue posible analizar que los empleados infames emplean diferentes maneras de torcer durante los juegos en que el local escogido y determinadas actitudes son marcadores interesantes de análisis.

Palabras-clave: Fútbol. Clubes de Fútbol. Pertenencia. Identidades.

3.1. Considerações iniciais

O presente artigo analisa a constituição dos pertencimentos clubísticos e identidades de funcionários infames de diferentes clubes do futebol profissional, sediados na região sul do Rio Grande do Sul. Entende-se por funcionário infame de algum clube do futebol profissional o sujeito que desenvolve serviços, os quais não dispõem de tamanha veiculação midiática e que possuem menor fama, se comparadas com atletas, comissão técnica e dirigentes. O interesse em estudar tais personagens, ocorre em função do entendimento que os mesmos desempenham funções importantes nos bastidores dos clubes de futebol. Logo, a intenção deste artigo é lançar o olhar, especificamente, sobre roupeiros, porteiros e secretárias que atuam ou atuaram por algum espaço de tempo nas agremiações em questão.

Nesse sentido, cabe fazer uma analogia entre os sujeitos estudados nesse texto, com o que Foucault (2009) adjetiva como infame. O autor, ao se deparar com as *lettres de cachet*³⁵, observou existências singulares de sujeitos reais, que tinham suas vidas contadas em poucas linhas. Normalmente, eram indivíduos recolhidos a hospícios ou prisões, cujas poucas linhas escritas, acerca de suas vidas, se davam nos registros de internamento. Dessa forma, a expressão se refere à noção de sujeitos não famosos.

³⁵ Documentos emitidos em nome do rei, mas não necessariamente, nem na sua maioria, por sua própria iniciativa, e que tinham como função sujeitar a medidas de segurança, tais como a prisão e o internato todo o indivíduo cujos comportamentos eram, no discurso desses mesmos documentos tipificados de “indesejáveis” (FOUCAULT, 2009. p. 104).

Alguns estudos³⁶ sobre futebol, desenvolvidos nos últimos anos, vêm fazendo aproximações entre o esporte e o conceito de infâmia, a partir da leitura de Foucault (2009). Nota-se, portanto, que o olhar voltado à relação famoso e infame no cerne do futebol, além de não ser uma novidade acadêmica, gera uma forma de entendimento e de reconhecimento dos fenômenos menos midiaticizados e dos seus processos de sociabilidade³⁷.

3.2. A escolha dos narradores e os passos metodológicos

Optou-se em construir narrativas³⁸ a partir de entrevistas em história oral, as quais, segundo Portelli (2010), se caracterizam como: “[...] uma narração dialógica que tem o passado como assunto” (p. 210). Tais narrativas são resultado de entrevistas que partiram de um roteiro básico. Para esse texto, recortamos a participação de quatro sujeitos vinculados a diferentes clubes profissionais de futebol, em atividade na região sul do RS. Partindo dos princípios de Meihy e Holanda (2007) e Meihy e Ribeiro (2011), as entrevistas foram agendadas previamente e tiveram seus áudios gravados e transcritos para fins de registro e armazenamento. Após a transcrição, houve retorno aos entrevistados para que os mesmos pudessem realizar a leitura do texto e conceder o direito de utilização da narrativa, através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido³⁹.

A primeira entrevista foi realizada em 2015, com Paulo Renato de Oliveira Laranjeira, mais conhecido como Seu Laranjeira, porteiro do Sport Club Rio Grande (S.C. Rio Grande). A segunda, no ano de 2016, com Alexandre da Silva Dutra, roupeiro do Grêmio Esportivo Bagé (G.E. Bagé). A terceira e a quarta entrevista, já em 2018, foram realizadas respectivamente com Edemar Marshall Ramos, ex-roupeiro do Sport Club São Paulo/RS (S.C. São Paulo), também conhecido como Nenê do Sampa, e com Dona Sandra Rejane Canez Borges, secretária do Esporte Clube Pelotas (E.C. Pelotas).

³⁶ Ver Correia e Rigo (2014), Guimarães (2012), Rigo (2007) e Rigo et.al. (2005).

³⁷ Gastaldo (2006) analisa a sociabilidade como: “como uma espécie de ‘jogo da vida social’, um momento de prazer, distinto das coisas “sérias” da vida cotidiana, este frágil refúgio das agruras do mundo do trabalho, da economia e da política” (p. 03).

³⁸ A utilização da expressão narrativa se ampara no discurso de Alberti (2012), à medida que, segundo a autora, a transição do que antes era denominado como versão para o conceito de narrativa acaba reforçando o caráter documental de uma entrevista em história oral.

³⁹ Os preceitos éticos utilizados são inspirados na leitura de Portelli (1997) e Meihy e Hollanda (2007).

Neste sentido, é importante assinalar que a elegibilidade dos entrevistados foi construída a partir de uma pluralidade de aspectos, ou seja, necessitou ser ou ter sido funcionário do clube, ocupar uma função com menor veiculação midiática se comparada a jogadores, comissão técnica e diretores e ter uma trajetória longa junto à agremiação, mesmo que no momento da entrevista o vínculo empregatício se apresentasse cessado.

No que se refere ao recorte geográfico, onde o estudo se desenvolveu, optou-se por investigar as trajetórias dos personagens vinculados a clubes da região sul do RS. Tal opção, se estabeleceu intencionalmente, pela proximidade entre os diferentes municípios (e seus clubes), colocação geográfica dos pesquisadores, além da relevância desta região no cenário futebolístico gaúcho, na medida em que é sede de agremiações que, em algum momento histórico, se sagraram campeãs estaduais.

3.3. A construção do pertencimento clubístico no imaginário dos funcionários infames

O pertencimento clubístico no cerne do futebol é um sentimento que, embora estabelecido, se constituiu como de difícil compreensão, muitas vezes adjetivado até mesmo como irracional. Está presente na vida da grande maioria dos brasileiros, sem distinção de gênero, etnia, classe social ou crença. O futebol, por ser um dos esportes mais populares do país e, sobretudo, em razão do forte apelo midiático, faz com que, mesmo aqueles que não sejam torcedores fervorosos ou, no mínimo, adeptos do esporte, tenham conhecimento sobre suas nuances, suas lógicas e seu cotidiano. Partindo desse contexto, Damo (2002), assinala que o futebol: “é um dos símbolos da identidade brasileira” (p. 33).

Na lógica do ser funcionário e possuir um sentimento de pertencimento⁴⁰, que se coloca a frente de várias outras esferas da vida privada, estão os casos de Seu Laranjeira, Alexandre, Nenê e Dona Rejane. Todos eles construíram, ao longo dos anos, uma grande ligação com os clubes, no entanto, não é somente constituída a partir do vínculo empregatício

⁴⁰ Cabe ressaltar que existe a possibilidade de o sujeito fazer parte do quadro de funcionários de um determinado clube, mas não ser torcedor do mesmo.

que os mesmos estabelecem ou estabeleceram com as agremiações, mas, principalmente, pelo sentimento de pertencimento.

Foi possível observar que a escolha⁴¹ do clube de coração dos quatro personagens se deu de maneira multifatorial. Em alguns casos a opção ocorreu antes do ingresso no quadro de funcionários e em outros se estabeleceu a partir de distintos elementos, um deles sendo a influência familiar. Nessa lógica, Damo (2001) analisa que:

Exceto aqueles cuja escolha ocorreu muito cedo – isto é muito frequente entre famílias de torcedores fanáticos, cujo “pertencimento” a mesma agremiação remonta três e até quatro gerações, assemelhando-se a uma casta – ou outros, cuja importância dada ao futebol é mínima, os demais geralmente lembram com detalhes o momento em que se tornaram palmeirenses, atleticanos ou vascaínos. Como não se trata de uma escolha de natureza ideológica, embora política, os processos de convencimento são travados na esfera das emoções e o “sim” normalmente é ritualizado: por ocasião de um presente, de um autógrafo e da ida ao estádio (DAMO, 2001. p. 87).

Com relação ao momento em que se manifestou a preferência pelo clube do coração e as circunstâncias que levaram os quatro personagens a pertencer a um determinado clube, tais escolhas, exceto uma, se deram na infância, a partir de diferentes motivações. No caso de Seu Laranjeira, porteiro do S. C. Rio Grande que, em 2015, tinha 62 anos e trabalhava no clube ininterruptamente havia quatorze anos⁴², a identificação começa aos nove anos de idade. Tal sentimento, não se originou da influência familiar, tendo em vista que sua mãe é torcedora do S. C. São Paulo, principal rival do S. C. Rio Grande. A escolha, então, começa quando o ainda menino Laranjeira trabalhava como vendedor ambulante, comercializando pasteis e, no exercício desta função, acabou se deparando com a entrada do estádio em dia de jogo. A entrada no campo esportivo despertou um sentimento, que com os anos foi aumentando, e se configurando em um pertencimento clubístico, que segundo

⁴¹ A expressão escolha se ampara no texto de Damo (2001), porém, cabe ressaltar que a utilização feita pelo autor não se configura como um aspecto voluntário, pois analisa a construção do pertencimento clubístico para além da racionalidade.

⁴² Seu Laranjeira assinala que na sua juventude já havia prestado serviços ao clube, entretanto, teve de se afastar em razão de necessidades financeiras, embora o sentimento de torcedor nunca arrefeceu. Após garantir sua aposentadoria, o mesmo retorna ao clube para exercer a função de porteiro.

o próprio entrevistado, é difícil de explicar, mas foi primordial na decisão de trabalhar no interior do clube.

Essa difícil explicação, também se pauta na questão do gosto pelo esporte estar vinculado à apropriação de uma determinada agremiação, como o time do coração. Ao ser questionado sobre seu possível envolvimento como praticante de futebol, seu Laranjeira dá uma resposta bem-humorada:

A bola pra mim, é quadrada. Limpo fossa, que não é demérito, mas é um dos piores serviços, pro Rio Grande. Se for na minha folga não tem problema, venho de graça, mas não posso trabalhar dentro do campo. Não me peçam pra fazer nada na hora do jogo dentro do campo, que eu vou prejudicar o clube. Não, não tenho meios. Da tela pra dentro pra mim é outro mundo, não conheço parte tática. Simpatizo mais com a voluntariedade de algum jogador. Que todo o cara que não jogou bola, que é ruim, ele gosta é do esforçado, né? (LARANJEIRA, 2015)⁴³.

Dessa maneira, uma reflexão acerca de casos como esse do Seu Laranjeira é trazida por Damo (2002):

A paixão pelos clubes desafia até mesmo uma máxima segundo a qual 'gostar de futebol pressupõe entender de futebol', o que para muitos só se consegue através da prática do jogo. Se é raro encontrar um futebolista praticante que não tenha seu clube do coração, é comum pessoas com escassa ou nenhuma prática desse esporte se dizerem torcedores fanáticos. Em outras palavras, a opção clubística transcende o próprio futebol [...] (p.12).

Nessa mesma lógica, está o caso de Alexandre, roupeiro do G. E. Bagé, pertencente ao quadro de funcionários desde 2008. Alexandre tem 36 anos de idade e sua ligação com os esportes começa na infância, quando praticava vôlei e basquete, além de se aventurar como goleiro no futebol. O roupeiro analisa que não dispunha de grande habilidade como atleta de futebol e, que seu ingresso no meio esportivo, se deu em função da oportunidade de desempenhar uma atividade remunerada. Apesar de já ter trabalhado fora do meio do futebol, sua ligação profissional com o esporte inicia no ano de 2008, através de convite de amigos para trabalhar no projeto Genoma Colorado⁴⁴.

⁴³ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

⁴⁴ Uma espécie de convênio organizado pelo Sport Club Internacional pelo interior do Rio Grande do Sul que visa revelar e formar jovens atletas.

Após essa experiência, no mesmo ano, recebeu o convite para ingressar na rouparia do G. E. Bagé.

A partir daí, Alexandre narra que começa a brotar um sentimento com o clube, o qual, não existia. A descoberta da paixão clubística, por parte do roupeiro, se inicia, portanto, após o ingresso no quadro de funcionários do clube: “Não era simpatizante do clube. Aí, através dos anos que foi. Eu fui criando um vínculo maior com a agremiação e vim me apaixonando pelo Grêmio Esportivo Bagé. Mas não tinha nenhum vínculo ao Grêmio Esportivo Bagé.” (DUTRA, 2016)⁴⁵.

Partindo desse contexto, é possível analisar que, além das diferentes possibilidades de construções de pertencimentos clubísticos, existem também distintas trajetórias que levam o sujeito a se estabelecer como funcionário. Ao passo que Seu Laranjeira sempre possuiu o vínculo de torcedor e isso o levou a ingressar no quadro de funcionários. Alexandre teve uma trajetória distinta, uma vez que anuncia o gosto pelo esporte, mas salienta que seu ingresso como funcionário não se deu a partir da lógica sentimental.

Com relação a Nenê, ex-roupeiro do S. C. São Paulo, que ingressou no quadro de funcionários do clube com apenas onze anos de idade e prestou serviços à agremiação por 23 anos, o pertencimento surge de uma maneira um tanto diferente. Ele se tornou torcedor após frequentar as dependências do estádio, com o objetivo de assistir treinamentos, o que o levou ao convite para trabalhar como auxiliar de roupeiro. Sobre a construção de seu pertencimento clubístico, analisa que:

Até foi por acaso porque uma vez eu passei aqui na frente e entrei no estádio e comecei a olhar. Eu acompanhava os jogos pela TV, báh, foi uma maravilha, me apaixonei, e aí comecei a olhar o treino. Foi quando eu conheci o Zé Carlos que era o goleiro, aí sim, aí eu comecei a me identificar com o clube, comecei a vir direto, vinha aos treinos. Às vezes estava um calorão, ‘ah, vamos pra praia?’ ‘Não. Tem treino do São Paulo’. Então me identifiquei nessa parte, depois que eu entrei aqui e olhei esse gramado eu me apaixonei. Me apaixonei e fiquei. Hoje, eu sou um cara que, mesmo saindo do clube, que eu trabalhei 23 anos, aí entrou uma nova gestão e demitiram todo mundo. Tranquilo cara, eu continuo sendo São Paulo. Eu não

⁴⁵ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

sou as pessoas que dirigem o São Paulo, eu sou São Paulo de coração mesmo. (RAMOS, 2018)⁴⁶.

Em virtude disso, foi possível entender que a construção do pertencimento clubístico de Nenê, se constituiu a partir do seu gosto pelo futebol, sem a influência direta de sua família, mas, principalmente, pelas relações de sociabilidade que o mesmo foi construindo no estádio do clube. O “ser torcedor”, no caso específico de Nenê, nasce paralelamente com o “ser funcionário” do clube. Ou seja, uma relação que pode ser considerada diferente, se comparada tanto com Seu Laranjeira, o qual já dispunha do sentimento de pertencimento antes de ser funcionário, quanto ao Alexandre, que construiu tal vínculo ao longo dos anos.

Por fim, chega-se a Dona Rejane de 54 anos, 30 destes dedicados à secretaria do E. C. Pelotas. A escolha do clube é analisada por si mesma, a partir de mais de um fator, já que, acabou possuindo uma influência indireta de sua família, além da preferência pelas cores de um clube e não a de seu rival. No que se refere às relações familiares, Dona Rejane analisa que havia certa rivalidade entre seu pai e sua mãe. O pai, torcedor do Grêmio Esportivo Brasil e a mãe do E. C. Pelotas tiveram seis filhos, três homens e três mulheres. Todos os homens seguiram os passos do pai, já as mulheres acompanharam a mãe. Cabe salientar, no entanto, que é possível assinalar que as escolhas não se produziram de forma contingencial, mas sim a partir das construções de masculinidades⁴⁷, que faziam parte do meio futebolístico, já que: “Mulher não podia ir ao campo de futebol. O homem sim, o menino já no momento que se achava grandinho, seis anos, sete anos, o pai já levava ele pro futebol. Então, tu acabas criando aquele vínculo com o clube, mas induzido pelos pais, com certeza.” (BORGES, 2018)⁴⁸.

⁴⁶ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

⁴⁷ Sobre tal ponto, Bandeira (2010) analisa o estádio de futebol e suas masculinidades a partir de inúmeros fatores construídos na sociedade historicamente, principalmente, a partir da lógica da virilidade. Costa (2006) concorda com o fato das masculinidades nos estádios de futebol produzirem um espaço de difícil acesso para alguns grupos sociais, inclusive as mulheres. Entretanto, analisa que as mesmas nos últimos anos, mesmo que com muitas dificuldades vêm frequentando de forma mais efetiva os estádios, porém, ainda em um espaço ainda repleto de masculinidades.

⁴⁸ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

Traçando um paralelo entre as masculinidades dos estádios de futebol com a escolha do clube do coração de Dona Rejane, é possível perceber que ela e suas irmãs não dispunham da mesma abertura que seus irmãos possuíam, no que diz respeito a assistir futebol. Talvez, a escolha de ser “áureo-cerúleo⁴⁹”, tenha se dado como uma espécie de protesto, já que os seus irmãos, os quais eram levados ao estádio do G. E. Brasil, acabaram torcedores xavantes.

As narrativas expostas demonstram as diferentes formas em que os pertencimentos clubísticos dos funcionários infames foram se constituindo. Assim como os torcedores comuns, os sujeitos analisados, nesta pesquisa, dispararam gatilhos diferentes para a opção do clube do coração. Assistir um jogo, construir sociabilidades com atletas da cidade, trabalhar no interior do clube ou a influência, mesmo que indireta da família, foram os responsáveis por tais escolhas.

3.4. O clube de futebol e a construção das identidades dos funcionários infames

A construção do pertencimento de cada funcionário analisado neste artigo, embora tenha sido produzida a partir de fatores diversos, traz consigo um elemento a mais dentro da constituição de suas identidades. É inegável que cada um dos funcionários dispõe de diversas posições sociais, ou seja, não são apenas os funcionários dos clubes, também são torcedores e, principalmente, possuem outras relações sociais na sua vida privada, tais como família e amigos.

Partindo dessa afirmação, é possível inspirar o pensamento em Hall (2006), pois analisa a identidade a partir da lógica da construção. Não há um processo conclusivo no que diz respeito à identidade dos sujeitos, já que, as relações sociais que vão ocorrendo ao longo dos anos, os espaços em que cada um se estabelece por um determinado tempo, as questões culturais, entre outros elementos, acabam se constituindo como pequenos componentes de uma identidade aberta e inconclusa.

⁴⁹ Como é conhecido ser torcedor do Esporte Clube Pelotas.

Assim sendo, é importante reportar ao que Hall (2006) denomina como crise de identidade. Ela se estabelece a partir de mudanças sociais, as quais impossibilitam a perpetuação do sujeito do iluminismo, o qual, segundo o autor, dispunha de uma identidade que, essencialmente, se mantinha inalterada por toda a vida, porquanto se tratava de: “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão de consciência e de ação [...]” (p.10).

Após, Hall (2006) começa a pensar a identidade a partir das diversas facetas, na qual o indivíduo vem sendo exposto. Nesse momento, surge o entendimento do sujeito sociológico, onde não se acreditava mais na autonomia e autossuficiência para a composição de sua identidade, todavia, levava-se em conta a interação social com outros sujeitos. Tal efeito, segundo o autor, acompanha as mudanças que o mundo e a sociedade enfrentaram. Foram essas mudanças que construíram uma nova concepção de identidade, a do sujeito pós-moderno, em que é possível alocar os funcionários/torcedores do futebol profissional.

Há aqui a necessidade de um pequeno parêntese, pois é importante não remeter o sujeito pós-moderno à noção de “pós-torcedor” cunhada por Giulianotti (2002). Apesar do pós-torcedor também ser produzido pela pós-modernidade, as características desse sujeito se diferem com as características dos sujeitos dessa pesquisa, já que, o pós-torcedor possui certo distanciamento crítico no que se refere à cultura popular. Ainda, pode-se analisar tal sujeito também pela lógica mercadológica. Já os funcionários infames, presentes nesse artigo, mesmo sendo considerados sujeitos pós-modernos, acabam se caracterizando de forma mais clara por Giulianotti (2012) como “torcedores fanáticos”. À medida que personificam a ideia de “torcedor clássico” (p.15), o qual possui “um investimento pessoal e emocional de longo prazo com o clube” (p.15).

O sujeito pós-moderno está em constante construção identitária, o processo não termina na família, no trabalho ou no campo de futebol. Os elementos constitutivos vão se aglutinando, gerando, segundo Hall (2006), uma espécie de “celebração móvel”, proporcionando que a construção da identidade não seja algo “fixo, essencial ou permanente” (p.12).

As narrativas que compõem esse texto dimensionam as construções das identidades dos sujeitos. Os quatro entrevistados demonstram um grande pertencimento e identificação com o clube no qual trabalham, ou no caso de Nenê, trabalharam. Porém, o amor à agremiação, que em dado momento mistura o sentimento de torcedor e de funcionário, não é o único elemento visto durante as narrativas, já que o fator família se mostra bastante consistente tanto na fala de Seu Laranjeira: “Eu me questiono, eu não sei onde termina o cidadão e começa o funcionário, ou o torcedor. Eu, tem horas que eu não sei o que eu sou. Até mesmo porque, para mim, o Rio Grande está acima quase que de tudo, tirando a minha família, é o Rio Grande” (2015). Quanto na enunciação de Nenê: “Cara, São Paulo acima de tudo, primeiro a família, mas depois, pra mim, é o São Paulo. Eu sou doente pelo clube, [...] 100% São Paulo. Pra mim, o São Paulo é tudo, eu amo o São Paulo” (2018).

Os fragmentos mostram dois elementos que compõem as identidades dos narradores. Tanto para Seu Laranjeira, quanto para Nenê, os seus clubes se configuram como um dos principais elementos constitutivos das suas identidades, os quais, em termos de hierarquização de importância⁵⁰, nas enunciações dos sujeitos, estão abaixo apenas de suas famílias.

Entretanto, também foi possível perceber o entrelaçamento desses dois elementos, já que os personagens acabam proporcionando aos seus descendentes, direta ou indiretamente, o contato e, conseqüentemente, o vínculo afetivo com sua agremiação. Duas falas de Seu Laranjeira mostram a influência da relação familiar, no que diz respeito ao processo de escolha do clube de seus descendentes. Em tom de brincadeira ele afirma: “Eu não sei se o meu bisneto vai ser menino ou menina, sei que vai torcer pro Rio Grande” (2015). Logo em seguida, explica como leva seus familiares para o estádio:

E assim como eu, eu vou trazendo filho, vou trazendo neto, vou trazendo quem eu puder, enteado, quem eu puder botar aqui pra dentro eu vou botando. Alguns depois saem fora, não acompanham mais, mas a grande maioria, meus netos, meus filhos, sempre que possível, tão sempre aí. (LARANJEIRA, 2015)⁵¹.

⁵⁰ Fato percebido na narrativa, porém, não há interesse desse texto em produzir escalas e hierarquias no que diz respeito às produções das identidades. De modo a respeitar a narração, optou-se por deixar transparecer a percepção de cada entrevistado.

⁵¹ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

Dona Rejane não entra em detalhes sobre a forma como opera o pertencimento dentro de sua família. No entanto, sua fala indica que existe influência dos mais velhos para os mais novos, na escolha do clube:

E os netos da minha irmã, todos os filhos são áureo cerúleos e a minha filha é áureo cerúleo, estuda na FURG⁵², [...] e ela ia de camiseta todos os dias pra FURG. E, assim, quando tiver os netos também tem que vim depois que nascerem, vim pra cá e serem áureos cerúleos. (BORGES, 2018)⁵³.

Já Nenê, analisa que sua função durante o tempo que trabalhou no S. C. São Paulo está diretamente ligada a escolha do clube de coração de sua família, visto que:

Família, agora, são todos fanáticos, todos, desde o pequenininho, [...] aí tem a menina também e tem o guri. O guri aprendeu a caminhar aqui atrás⁵⁴, [...] a minha família, agora, de mulher, filhos tudo, são todos identificados, 100% com o São Paulo. [...] a criação deles foi toda em torno do São Paulo. [...] Às vezes, vinha a treino comigo, [...] chegava sábado tinha essa descontração que era os 'rachoezinhos', aí, eu sempre trazia o meu guri junto, por que não teria problema, porque o trabalho da semana tinha sido concluído, [...] aí eu trazia, ele conhecia os jogadores, participava tudo, aí surgiu a identificação. (RAMOS, 2018)⁵⁵.

Para além das relações familiares, foi possível verificar que as identidades de alguns funcionários infames podem ser constituídas também pelo seu local de moradia. Nesse caso, surge o exemplo de Alexandre, do G. E. Bagé, que reside no estádio da Pedra Moura, em um dos apartamentos que ficam ao fundo do pavilhão social. Sobre essa questão, o narrador desenvolve a seguinte análise:

Moro no clube, moro nos apartamentos do clube, vai fazer seis anos [...], gosto de morar no clube [...] A gente deixa de ser um torcedor e se torna um apaixonado por aquele clube que, hoje, a gente exerce o trabalho. A paixão aumenta mais, né? A gente, às vezes, deixa de fazer certas coisas para suprir um

⁵² Universidade Federal do Rio Grande.

⁵³ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

⁵⁴ Referindo-se ao pavilhão social do estádio, local onde encontra-se a rouparia do clube.

⁵⁵ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

trabalho no clube, a gente abre mão de certas coisas pra estar no clube no dia a dia. (DUTRA, 2016)⁵⁶.

As narrativas trazidas nesse item demarcam que a construção das identidades possui diversos elementos. Para os entrevistados, o clube e a família são os principais, porém, é importante salientar, assim como demonstra Hall (2006), que a construção das identidades vai se dando a partir das formas como os sistemas culturais que rodeiam o sujeito vão o interpelando. Além disso, o próprio local pode forjar um aumento do pertencimento do funcionário para com o clube e, isso, sem dúvida, está presente na constituição da identidade do sujeito. Assim, não cabe pensar nem mesmo o clube de futebol como um organismo fixo, pois existem diferentes tipos de sociabilidades no seio do clube de futebol. Além disso, mudanças de gestões, atletas e comissões técnicas possibilitam a agremiação constantes transformações. Tais alterações, também podem se colocar na constituição dessa identidade multifacetária dos funcionários/torcedores.

3.5. Diferentes maneiras de torcer

Assim como os torcedores das arquibancadas, os funcionários/torcedores também acabam produzindo formas diferentes de torcer. Durante a partida, o funcionário acaba praticamente abdicando seu posto de trabalho e se transformando, exclusivamente, em torcedor. Durante os noventa minutos, a arquibancada, ou qualquer outro espaço de preferência, se torna o local onde os códigos simbólicos do “ser torcedor” tomam à frente. Sobre isso, Jahnecka, Rigo e Silva (2013) analisam que:

Para os frequentadores de um estádio, o torcer pode ser: xingar, entoar cantos, bater palmas, gritar, soltar foguetes, movimentar bandeiras, balões, camisetas ou outras vestimentas com as cores do clube. Essas práticas torcedoras criam e fortalecem afinidades entre sujeitos que, muitas vezes, nem se conheciam (p. 195).

Com relação às formas de torcer desempenhadas pelos entrevistados, tais diferenças são visíveis. É preciso, no entanto, ressaltar que em alguns casos, como Alexandre e Nenê, tendo em vista que suas funções no interior

⁵⁶ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

dos clubes estão diretamente ligadas à prática do futebol, não é possível dissociar o trabalho do ato de torcer, durante uma partida. Para os dois, o apoio ao time se dá/dava dentro do posto de trabalho, muitas vezes, próximo do acesso ao gramado.

Para Dona Rejane e Seu Laranjeira, as ações durante o jogo acabam indo além, já que, apesar de serem funcionários dos clubes, suas atividades permitem que os mesmos possam acompanhar as partidas da arquibancada. No caso de Seu Laranjeira, ou de sua sala dentro do estádio, como faz Dona Rejane, tendo em vista que se mostra uma torcedora bastante supersticiosa:

[...] É eu subir na escada a gente toma gol, eu sou muito pé frio. Ai esse jogo eu fiquei muito triste, aí o pessoal: ‘deixa de ser boba, capaz’. Gente eu sou pé frio pra caramba, não... ‘não, mas sobe, vamos lá, vamos ver’, sem mentira nenhuma. Eu fechei aqui, subi, quando eu botei o pé na arquibancada e me escorei assim, todo mundo me olhando e o cara o moreninho do Bagé dribla daqui, dribla dali e pá: gol. Eu digo, eu não acredito, não quero mais saber, vou descer, não quero mais. Nunca mais, não boto mais o meu pé pra lá. (BORGES, 2018)⁵⁷.

Nesse sentido, Lima, Moura e Antunes (2015) analisam a superstição como uma “crença sobre relações de causa e efeito que não se adequam à lógica formal, ou seja, são contrárias à racionalidade” (p.147). Daolio (2005) assinala que a superstição é um elemento presente em todos os segmentos do futebol, podendo ser exercida de diversas formas e por diferentes atores: dirigentes, treinadores, jogadores e torcedores.

Já Seu Laranjeira, ao falar sobre seu comportamento na arquibancada, lembra que muitas vezes despertaram o olhar de reprovação de seus familiares, à medida que, na visão do próprio narrador, tal comportamento se afasta dos códigos morais da sociedade:

Na arquibancada, eu faço coisa que eu vou lhe contar, eu perco os cadernos. Bom, o meu filho não senta perto de mim, meus filhos não sentam perto de mim, eu digo palavrão, coisa que eu não faço em casa. A primeira vez que a minha neta foi ao jogo comigo, [...] ela chegou em casa dizendo palavrões e a minha filha repreendeu ela, ‘mas o vô disse’. Então, é coisas assim que transforma a gente, eu sei que eu saio fora do sério,

⁵⁷ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

eu às vezes até me constrange. As pessoas devem pensar que eu sou um cachaceiro, um cara irresponsável, por que não, eu não me controlo, não me controlo. (LARANJEIRA, 2015)⁵⁸.

3.6. Considerações finais

É possível concluir que os funcionários infames em clubes de futebol profissional constroem um pertencimento de maneira bastante acentuada. Tal vínculo acaba se constituindo em um elemento de grande importância na produção das identidades dos sujeitos, porquanto tais funcionários/torcedores constroem trajetórias bastante longevas nas agremiações, sendo submetidos a sentimentos diversos e a inúmeras relações pessoais.

A escolha do clube e os aspectos formadores das identidades dos sujeitos acabam sendo produzidas de maneiras multifatoriais. As relações familiares, por exemplo, em alguns momentos, se entrelaçam com o pertencimento e com a função exercida dentro do clube. Dessa forma, não há como negar o atravessamento desses funcionários/torcedores na escolha do clube de seus descendentes.

Com relação às formas de torcer, não existe uma regra de comportamento. Cada funcionário/torcedor o faz de forma bastante particular. Isso, pois, criam superstições bastante singulares e ocupam espaços, desenvolvendo ações que muitos outros torcedores também desenvolvem, tais como: proferir xingamentos. Cabe salientar que dois dos entrevistados manifestam o ato de torcer ao mesmo tempo em que estão trabalhando, já que, são roupeiros.

Por fim, é necessário salientar que o clube de futebol, para tais funcionários, está além do ato de desenvolver uma atividade remunerada. Trabalhar no clube é para eles também uma espécie de realização pessoal porque, com o passar dos anos, o trato com as cores do clube somente faz aumentar o pertencimento clubístico.

⁵⁸ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

3.7. Referências

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de História Oral. **História Oral**, v. 15, n.2. p. 159-166, jul./dez 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 44, p.342-351 maio/ago. 2010.

CORREIA, Jones Mendes. **Os Vínculos clubísticos e as lógicas do jogo**: um estudo sobre a emergência do futebol na cidade de Rio Grande-RS (1900-1916).2014. 82f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, p.1-31, nov2006/fev2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.3, p.82-91, 2001.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. *In*: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, Cultura e Sociedade**. São Paulo, Autores Associados, 2005 p.3-19.

FOUCAULT, Michel. A vida dos Homens infames. *In*: **O que é um autor**. 7.ed. Lisboa, Portugal: Nova Vega, 2009. p.89-128.

GASTALDO, Édison: Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, n. 3, p.1-16, jul./out. 2006.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: Uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde**: Revista de História do Esporte. V. 5, n. 1, p. 1-35, jun. 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUIMARAES, Aline Rodrigues. **De profissional a máster**: memórias de jogadores do Clube Esportivo de Futebol. 2012. 54f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Méri Rosane Santos Da. Olhando Futebol: Jeitos Xavantes de Torcer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.35, n. 1, p.195-210, 2013.

LIMA, Rafael Leal de; MOURA Diego Luz; ANTUNES, Marcelo Moreira. Ritos e Sociabilidades no Torcer Coletivo: Um estudo etnográfico em uma torcida do Flamengo. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.136-156, mar.2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Salgado Ribeiro. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, n.15, p. 13-49, abr. 1997.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Revista Pensar a Prática**. v. 10, n. 1, p.83-98, 2007.

RIGO, Luiz Carlos, et. al. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. **Movimento**. v. 11, n. 2, p.131-146, maio/agosto. 2005.

4. Artigo 2: Nos bastidores da bola: narrativas sobre ações, percepções e sociabilidades de funcionários infames no futebol profissional do sul do RS

Behind the scenes of the ball: narratives about actions, perceptions and sociabilities of non-famous employees in the professional football in the South of RS

Resumo: Este artigo analisa as ações, percepções e sociabilidades de funcionários infames de clubes de futebol da região sul do RS. Para tanto, através da história oral, foram realizadas cinco entrevistas com sujeitos infames vinculados a clubes distintos. Foi possível perceber a grande importância que tais trabalhadores possuem para as agremiações, tendo em vista que, normalmente, por iniciativa própria, além das atividades designadas pelos cargos que ocupam, desempenham funções secundárias. Percebeu-se, portanto, que tais funcionários possuem grande relevância econômica para os clubes, à medida que, um bom tratamento com torcedores/associados na recepção dos estádios pode auxiliar no aumento da receita da instituição, além disso, o cuidado com os materiais esportivos utilizados pelos atletas pode evitar despesas suplementares durante a temporada. Por fim, foi possível concluir que o futebol é um espaço rico em sociabilidades entre os funcionários infames, torcedores, além de atletas locais e de renome nacional e internacional.

Palavras-chave: futebol, funcionários infames, sociabilidades.

Abstract: This article analyzes the actions, perceptions and sociabilities of non-famous employees from football clubs from the Southern region of RS. In this sense, through oral history, five interviews with non-famous subjects connected to different clubs were performed. It was possible to recognize the great importance that these workers have to their associations, since that, commonly, by their own initiative, in addition to the activities designated by their job positions, they perform secondary functions as well. It was noticeable, therefore, that such workers have great economic relevance to the clubs, as having a nice treatment with supporters and associates at the reception of the stadium can help to increase the revenue of the institution, moreover, the care of the sporting equipments used by the athletes can avoid additional expenses during the season. It was possible to conclude that football is a rich space in terms of sociabilities among the non-famous employees, the supporters, and also local, national and international renowned athletes.

Keywords: Football; Non-famous employees; Sociabilities.

4.1. Considerações iniciais

O presente artigo é parte de uma pesquisa que analisou memórias de sujeitos infames, Foucault (2009), que possuem/possuíram vínculos empregatícios com clubes de futebol profissional da região sul do RS, mais precisamente dos municípios de Rio Grande, Pelotas e Bagé. Todos os sujeitos possuem trajetórias longevas e desenvolvem/desenvolveram atividades funcionais nos bastidores dos clubes. Nesse sentido, emergiram de suas narrativas questões sobre o cotidiano dos clubes, sentimentos de pertencimentos, produções de identidades, além dos processos de sociabilidade que se forjam no contexto do futebol.

Para esse artigo, o objetivo é analisar as ações, algumas percepções sobre a estrutura interna das agremiações, assim como alguns processos de sociabilidades dos funcionários infames. Tomou-se como referência o conceito de infame, a partir de Foucault (2009), tendo em vista que a utilização da expressão dentro da escrita contemporânea busca desenvolver uma analogia com os sujeitos estudados pelo autor, ou seja, indivíduos recolhidos à instituições psiquiátricas e prisões. Dessa forma, a infâmia não se constituiu a partir de uma possível análise valorativa, mas sim, pela ótica de um sujeito não famoso.

Nesse sentido, pensar o futebol profissional a partir da visão do indivíduo que desenvolve funções nos bastidores do clube faz com que o conceito tome vida. Isso, pois, em comparação com outros personagens, os funcionários infames não dispõem da mesma veiculação midiática, em raras oportunidades seus nomes são lembrados e se colocam em uma complexa engrenagem a qual estão passíveis de serem alocados em processos de microrelações de poder.

As funções distribuídas no interior do clube de futebol são diversas. Existem os profissionais que desenvolvem trabalhos diretamente ligados ao futebol, caso de jogadores e comissão técnica; há também os dirigentes, os quais possuem funções de cunho burocrático, organizacional e mercadológico, além de todas as funções que dão suporte no interior do clube. Com relação às funções menos famosas da agremiação, podem ser citados: cozinheiros, zeladores, porteiros, secretários e roupeiros. A esse texto, em específico, o

olhar se volta para as experiências de um porteiro, uma secretária e três roupeiros.

A partir desse contexto, decidiu-se inspirar a análise das narrativas ao conceito de micro-história, a qual faz parte do movimento da Nova História. Esse movimento, segundo Burke (2011), busca reagir ao paradigma da história tradicional, ou seja, resumidamente é possível entender a nova história como um processo que analisa as estruturas, ao invés de apenas narrar acontecimentos, rompe com a ideia da história pautada “nos grandes feitos dos grandes homens” (BURKE, 2011. p. 12).

A micro-história, segundo Levi (2011): “é uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas” (p.135). Ainda segundo Levi (2011) é importante entender a prática da micro-história baseada na redução da escala de observação. Nesse sentido, uma análise historiográfica embasada no contexto da micro-história, tenta observar a partir da redução da escala “fatores previamente não observados” (p.141).

Partindo desse contexto, pode-se perceber que a historiografia que utiliza métodos e ideais mais tradicionais, não buscaria o entendimento sobre as microrelações que ocorrem no interior do clube de futebol. A busca se daria pelos grandes feitos, pelos fatos mais relevantes, sob o ponto de vista macro. Como exemplo dessa lógica macrorelacionada ao futebol da região sul do RS, cabe citar Ramos (2000) e Cesar (2012). Ambos⁵⁹ lançaram olhares sobre episódios marcantes de Sport Club Rio Grande e Sport Club São Paulo, respectivamente, com o olhar voltado para os grandes acontecimentos e para os nomes de maior fama pertencentes aos clubes riograndinos.

4.2. Metodologia

Para a produção das narrativas⁶⁰ acerca da estrutura interna e a participação dos trabalhadores infames no futebol profissional, a opção foi a utilização da história oral, a partir de inspirações procedentes de Alberti (2012),

⁵⁹ Estes estudos versam sobre episódios relevantes referentes aos dois clubes profissionais ainda em atividade no município de Rio Grande/RS. Chama atenção nas duas obras que a visão lançada se dá em cima dos grandes acontecimentos (fundação, construção de estádios e títulos) sempre voltando o olhar para os nomes mais famosos que compuseram cada acontecimento.

⁶⁰ Alberti (2012), analisa que, a transição do que antes era denominado com versão para o conceito de narrativa reforça o caráter documental de uma entrevista em história oral.

Alberti (2005), Meihy e Ribeiro (2011), Meihy e Holanda (2007) Portelli (2010) e Portelli (1997). Tais narrativas são resultado de entrevistas que partiram de um roteiro básico. Para esse texto, foram utilizadas cinco entrevistas com sujeitos vinculados a diferentes clubes profissionais de futebol em atividade na região sul do RS.

As entrevistas foram agendadas previamente, seguindo os princípios de Meihy e Holanda (2007) e Meihy e Ribeiro (2011). Houve a utilização de gravador de voz, que possibilitou a captação do áudio para posterior transcrição. Após a transposição do oral para o escrito, ocorreu um novo encontro com os narradores para que os mesmos pudessem realizar a leitura do texto e conceder o direito de utilização da narrativa através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido⁶¹.

A primeira entrevista foi realizada em 2015, com Paulo Renato de Oliveira Laranjeira, mais conhecido como Seu Laranjeira, porteiro do Sport Club Rio Grande (S.C. Rio Grande). A segunda, no ano de 2016, com Alexandre da Silva Dutra, roupeiro do Grêmio Esportivo Bagé (G.E.Bagé). A terceira, quarta e quinta entrevistas, já em 2018, foram realizadas respectivamente com Edemar Marshall Ramos, ex-roupeiro do Sport Club São Paulo/RS (S.C. São Paulo), também conhecido como Nenê do Sampa, com Dona Sandra Rejane Canez Borges, secretária do Esporte Clube Pelotas (E.C. Pelotas) e Seu Luiz Eli Miranda Jardim, roupeiro do Guarany Futebol Clube (Guarany F.C.)

Nesse sentido, é importante assinalar que a elegibilidade dos entrevistados foi construída a partir de uma pluralidade de aspectos, ou seja, necessitou ser ou ter sido funcionário do clube, ocupar uma função com menor veiculação midiática se comparada a jogadores, comissão técnica e diretores, e ter uma trajetória longa junto à agremiação, mesmo que no momento da entrevista, o vínculo empregatício se apresentasse cessado.

O estudo se desenvolveu analisando memórias de sujeitos vinculados a agremiações da região sul do RS. A escolha ocorreu de forma intencional, a partir da proximidade entre os clubes e a relevância da região sul no contexto

⁶¹ Os preceitos éticos utilizados são inspirados na leitura de Alberti (2005), Meihy e Hollanda (2007) e Portelli (1997).

do futebol do RS, já que todos os clubes visitados ostentam o título de campeões estaduais.

4.3. A recepção: secretária e porteiro

Nesse item, a análise se pauta em dois funcionários que tratam diretamente com os torcedores e associados: seu Laranjeira, porteiro responsável pelo controle da entrada na área social do S.C. Rio Grande, que na data da entrevista prestava serviços ininterruptamente para o clube por quatorze anos e Dona Rejane, secretária que trabalha no setor de atendimento aos sócios do E.C. Pelotas há quase 30 anos.

Seu Laranjeira, na prática, não se restringe apenas aos afazeres da portaria. Segundo ele, havendo qualquer necessidade extra, se voluntaria para auxiliar a desenvolver tal serviço. Além disso, uma fala marcante sobre sua atuação enquanto funcionário, faz referência a não se envolver, em hipótese alguma, tanto com o departamento de futebol quanto com a equipe diretiva do clube. Segundo ele, agir dessa forma é uma demonstração de respeito com os profissionais diretamente ligados ao campo de jogo ou com questões políticas.

O distanciamento do funcionário para com outros setores do clube é exemplificado em pequenos códigos produzidos por ele mesmo, pois, salienta que raramente entra no vestiário, exceto se for convidado para algum tipo de comemoração, ou se sua presença for solicitada para uma função específica. Analisa que agindo desse modo, se exime de qualquer envolvimento em alguma possível questão polêmica relativa à parte administrativa ou o departamento de futebol do clube.

“Sou um funcionário porque eu recebo, e preciso, inclusive, disso que eu recebo, minha aposentadoria não é grande coisa. Mas eu, o sentimento que eu tenho é que isso aqui é meu. Eu cuido como se meu fosse, então o interesse, a assiduidade o respeito as instituições constituídas do clube, conselho e presidência eu nunca nem, eu nem a torcida a qual eu participo, tivemos participação nenhuma em eleições” (LARANJEIRA, 2015)⁶².

É possível nesse ponto, a partir de um diálogo com Foucault (2012), analisar a existência de microrelações de poder no futebol. Embora a fala de seu Laranjeira remonte uma hierarquia na qual ele mesmo se exime de

⁶² LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

participar de alguns acontecimentos do clube, nota-se que existe ali um poder microfísico que é exercido nas relações internas da agremiação.

Seu Laranjeira salienta que seu trabalho no clube não é voluntário, pois recebe salário para exercê-lo. Entretanto, quando se refere ao dia a dia dentro da agremiação, é possível perceber que nos momentos em que está em seu posto de trabalho, não se exime de desempenhar outra função que, por ventura, o clube esteja carente. Nesse sentido, ao começar a discorrer sobre o cotidiano de sua função no clube, desenvolve o seguinte relato:

“[...] é portaria, embora de noite eu saia para cuidar disso aqui como se o campo fosse meu. Eu quatro, cinco vezes por noite eu caminho graças a Deus, durante o período que eu estou de noite aqui nunca houve roubo, é uma coisa que até me satisfaz bastante” (LARANJEIRA, 2015)⁶³.

O acúmulo de funções, embora não seja desígnio da instituição, acaba por produzir uma espécie de trabalhador polivalente. Tal fato, no caso de Seu Laranjeira, se constitui pelo vínculo afetivo que o mesmo dispõe com o clube a partir da construção de um torcedor funcionário. Tal vínculo de pertencimento⁶⁴ produz no funcionário um zelo pelo patrimônio da instituição. As expressões “*o sentimento que eu tenho é que isso aqui é meu. Eu cuido como se meu fosse*” e “*embora de noite eu saia pra cuidar disso aqui como se o campo fosse meu*”, dimensionam o vínculo que o funcionário foi construindo com o clube ao longo dos anos.

A narrativa deixa claro que o mesmo tem clareza sobre o patrimônio pertencer a um clube de futebol, ou seja, é um patrimônio privado que não pertence a uma pessoa física. Entretanto, o fato de se colocar em risco fazendo rondas noturnas sem dispor de treinamento ou materiais para tal fim, mostram a devoção do funcionário para com a instituição a qual possui seu vínculo empregatício.

“Então é isso que eu digo, e vejo, que todos, principalmente em um clube pequeno, que nem pode pagar um profissional, então se vale de pessoas como eu, e outros que, embora, volto a lhe dizer, eu sou funcionário, eu recebo. Recebo, mas eu faço o que tem que ser feito e se no dia da minha folga for pintar o muro é só prender o grito que eu venho”. (LARANJEIRA, 2015)⁶⁵.

⁶³ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

⁶⁴ Pensa-se as construções dos pertencimentos clubísticos a partir das análises de Damo (2001), Damo (2002).

⁶⁵ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

Dona Rejane, desenvolve diversas funções na secretaria do E.C. Pelotas, a principal delas está no atendimento ao associado do clube e no tratamento com o torcedor geral, para que ele igualmente venha a fazer parte do quadro de sócios. Entretanto, suas funções dentro do clube não se limitam a tais atividades, já que, também faz contato com os fornecedores, vende ingressos nas bilheterias em dias de jogo, além de outras possibilidades de atuação.

“Hoje a minha função é atender os sócios, claro que faço outras funções, por que eu acabo sendo recepcionista, faço turismo, como eu sou formada, sou bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Moveis, eu trabalho no memorial, eu fiz uma prévia ali de conservar, a maioria da documentação digitalizada, né? Então isso tudo a gente já fez lá em cima. Mas no dia a dia é isso. Atender o sócio, atender telefone, passar as informações para os meninos lá dentro, geralmente controlar quem entra e quem não entra no clube, eu sempre fico ligada nessas coisas, porque tem muito vandalismo. Aqui não, graças a Deus não tem, mas é sempre bom tu prevenir, né?” (BORGES, 2018)⁶⁶.

Dona Rejane, além das funções atribuídas pelo seu cargo (atendimento aos sócios), também foi responsável pela revitalização do memorial do E. C. Pelotas e atualmente realiza a manutenção do mesmo. Este desígnio adicional ocorreu em virtude de sua formação acadêmica. Além disso, não se exime de desenvolver tarefas braçais. Durante a conversa, ela apontou para as paredes da secretaria do clube e com um sentimento de satisfação, uma vez que foram pintadas por ela.

4.4. Os roupeiros

A rouparia do clube de futebol se constitui como um espaço de extrema importância no que se refere à atividade principal da agremiação, ou seja, as atividades do campo. O roupeiro é o responsável pela organização pré e pós treino e, obviamente, estendendo suas funções para as partidas, sejam elas amistosas ou oficiais.

Dos três roupeiros entrevistados nessa pesquisa, apenas um não possui mais vínculo empregatício com seu clube, trata-se de Nenê do Sampa. Os outros dois, seu Luiz do Guarany F. C. e Alexandre do G. E. Bagé continuam na ativa, fato que proporcionou que a entrevista com Alexandre, roupeiro do G.

⁶⁶ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

E. Bagé fosse realizada na rouparia do clube durante o horário em que o funcionário preparava os materiais para um treinamento da equipe.

Ao assumir a rouparia do G. E. Bagé, Alexandre analisa que adquiriu uma grande responsabilidade, já que, em seu entendimento, o clube de futebol profissional nada mais é do que uma engrenagem com certo grau de complexidade, na qual, para atingir um bom funcionamento, todas as peças devem trabalhar de maneira harmoniosa e eficiente. Nesse sentido, ao ser questionado sobre a importância da rouparia para o andamento do clube, constrói as seguintes narrativas:

“Ela é importante por vários fatores. Cada setor precisa de alguém pra fazer aquele trabalho, então eu acho que todas as funções dentro de um clube são importantes. Eu acho que a minha função eu acho, hoje como eu executo ela há oito anos, pra mim se torna fácil. Como pegar a andar de bicicleta hoje, subir em uma bicicleta e sair pedalando. Então pra mim é um novo ‘hobby’ que eu hoje gosto de fazer, trabalhar pelo clube” (DUTRA, 2016)⁶⁷.

“Todos acham que é importante, cada um que está em cada setor, acha que é importante. Como é importante o mordomo, do clube, é importante o zelador que vai ter a manutenção do clube, né? A secretária que vai, vai lá receber uma mensalidade, associar algum torcedor [...] todos os seguimentos dentro do clube têm a sua importância” (DUTRA, 2016)⁶⁸.

É interessante destacar que em momento algum de sua narrativa, Alexandre assume um tom de autoelogio, pelo contrário, evidenciou-se em diversas oportunidades a exaltação de outras funções e a defesa do clube enquanto engrenagem. Os dois fragmentos expostos mostram a postura do funcionário que, apesar de ter o entendimento sobre a necessidade de sua função dentro do clube, faz referência a colegas de trabalho que executam outras atividades. Além disso, Alexandre também analisa a importância do trabalho da diretoria do clube, fato que, deu a impressão de que, intrinsecamente, o funcionário constrói uma espécie de hierarquia no seio da agremiação.

Com relação ao cotidiano do roupeiro, como a entrevista se desenvolveu em seu posto de trabalho, além da narrativa de Alexandre, foi possível observar *“in loco”* o bastidor do clube em um dia de treino. Na época, o G. E. Bagé havia acabado de disputar o Campeonato Gaúcho da segunda divisão⁶⁹,

⁶⁷ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

⁶⁸ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

⁶⁹ O Campeonato Gaúcho de futebol dispõe de três divisões: Série A, Divisão de Acesso e Segunda Divisão. Ou seja, o G.E. Bagé encontrava-se na menor divisão do futebol profissional

no qual não logrou um desempenho que o fizesse subir de série. Entretanto, o clube disputou em 2016 a Copa da Federação Gaúcha, e naquele momento estava começando seu trabalho de preparação. Com um grupo, ainda reduzido, alguns atletas chegaram até o vestiário para pegar o material de treino e guardar seus pertences.

Antes dos atletas chegarem ao estádio da Pedra Moura, o roupeiro já preparava os materiais que seriam utilizados, colocando em caixas plásticas individuais o fardamento a ser utilizado (um par de meias, um calção, uma camisa e um par de caneleiras). Um por um os atletas entravam, nos cumprimentavam, pegavam seus materiais e retornavam para o vestiário. Após esse primeiro momento, Alexandre também é responsável pela colocação das redes nas goleiras e pelo transporte de alguns materiais que serão utilizados no treinamento.

Em dado momento da entrevista, entra no setor da rouparia do Clube o treinador do G. E. Bagé. Ao explicar os objetivos daquela entrevista, o técnico faz a seguinte declaração: *“Tu não imaginas a importância deles. E as vezes não são valorizados. Se não são eles, como é que nós vamos entrar em campo?”*

Apesar de reconhecer o trabalho do roupeiro do clube, a fala do treinador, que já possui boa experiência no cenário do futebol do RS, aponta que em algumas oportunidades não existe essa valorização. Não ficou claro sob qual aspecto valorativo o treinador se referia, entretanto, pode-se perceber que, a analogia entre os sujeitos centrais desse texto com os homens infames, observados por Foucault (2009), se torna perceptível.

Por se tratar de clubes do interior que acabam oscilando entre as divisões do certame estadual, a situação financeira das agremiações não permite que haja fartura nos materiais esportivos. Sobre as dificuldades no que diz respeito à organização dos materiais do clube, Nenê fala:

“Eu tive a felicidade de conhecer o roupeiro do Grêmio que foi campeão do mundo pelo Grêmio. E nós conversando e ele perguntando sobre o dia a dia do clube, quando eu falei, ‘báh cara eu tenho 60 pares de meias pra treinar’. Ele falou: ‘Como assim? 60 pares de meia, como tu fazes?’. Eu uso 30 de manhã e 30 de tarde, e vou indo. Estou usando o da tarde, o da manhã está indo pra lavanderia. ‘Não, mas não pode, tem que trabalhar no mínimo com 120

do RS. Mais sobre a estratificação das divisões do futebol gaúcho em: <http://www.fgf.com.br/competicoes/profissional-segunda-divisao>. Acesso em: 24/08/2017.

pares de meias, 120 calções e 120 camisetas, são quatro períodos de treino'. É, mas infelizmente aqui a gente não tem, e as dificuldades eram imensas até que as vezes eu pegava uma meia de cada e os caras: 'que, salada de fruta hoje?'" (RAMOS, 2018)⁷⁰.

Nota-se, portanto, que a organização dos materiais de treino envolve um planejamento diário, pois, o número de peças disponíveis é reduzido. Em função da possibilidade de se realizar treinamento em dois turnos, a cada dia são utilizados dois jogos de uniformes por atletas e esse fardamento precisa estar pronto para ser reutilizado no dia seguinte. Nenê relata também que as condições climáticas da região sul no inverno dificultam os trabalhos, pois, em alguns períodos do ano, segundo ele: *"é muito chuvoso, aí campo embarrado, aquela coisa toda a lavanderia não dá conta, não seca roupa e tal"* (RAMOS, 2018)⁷¹.

Outra questão interessante diz respeito ao cuidado com os materiais durante o período em que os departamentos de futebol não estão em atividade. É preciso ressaltar que nem todos os clubes do interior dispõem de um calendário anual de competições. Alguns atuam em apenas uma competição⁷², porém, o trabalho na rouparia não se esgota ao término do Campeonato Gaúcho, pois as equipes que contam com categorias de base ainda necessitam do roupeiro. Além disso, mesmo não havendo atividades de campo, a manutenção da rouparia é constante.

Sobre a relação entre os roupeiros e atletas, os três entrevistados ressaltam que deve haver respeito entre as partes. Porém, não se descarta problemas de relacionamento. Nesse sentido, Nenê destaca que em toda sua carreira como roupeiro do S. C. São Paulo teve atrito com apenas dois atletas. A respeito de Nenê, convém destacar que ele assumiu a titularidade da rouparia do clube com apenas 14 anos. Mesmo muito jovem, era bastante respeitado, e exercia certa relação de poder⁷³ no espaço da rouparia. Segundo

⁷⁰ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

⁷¹ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

⁷² As principais competições do futebol gaúcho são realizadas no primeiro semestre (as três divisões do campeonato estadual), no segundo semestre, ocorre a chamada copinha, competição de menor interesse para os clubes, principalmente em função da baixa receita gerada.

⁷³ Buscou-se vincular a relação de poder exercida pelo roupeiro com a ideia de poder microfísico trazida por Foucault (2012), que nos clubes de futebol, acaba se constituindo em uma espécie de rede de relações de poder, na qual o poder é exercido por diferentes sujeitos.

ele, não era permitido que nenhum atleta entrasse no espaço da rouparia, pois era necessário o cuidado para que os materiais não desaparecessem.

Parece ser comum entre os atletas a ideia de pedir o material do clube como recordação. Além de Nenê, o qual, mesmo muito jovem zelava do material do clube, que constantemente era solicitado como presente por parte dos atletas, Alexandre, ao falar sobre o cotidiano e o andamento da temporada, também faz referência a tal prática:

“Cada atleta tem sua chuteira, seu uniforme de treinamento, mas as chuteiras as vezes são do atleta, é os materiais deles de trabalho, as vezes os materiais de trabalho deles é o uniforme do clube que é a marca do clube que eles têm que usar, mas... a chuteira, a maioria é dos jogadores. Terminou a temporada do clube eles passam na rouparia recolhem aqueles materiais, material dele de trabalho que é a chuteira, o tênis o chinelo e levam, mas o material de treino fica. Fica no clube. Se o roupeiro for de bom coração, e quiser dar uma lembrança pra algum jogador, ele vai lá fala com o seu presidente, com o seu diretor que é o responsável de futebol e se o presidente e o diretor quiser dar uma lembrança para o jogador, o roupeiro pode dar, se não, não” (DUTRA, 2016)⁷⁴.

Os roupeiros dos clubes de Bagé residem dentro dos estádios. Segundo Alexandre, isso facilita seu trabalho e aumenta o nível de pertencimento com a agremiação. Seu Luiz analisa que por residir dentro do estádio, consegue adiantar e aprontar os materiais dos treinos do turno da manhã ainda no dia anterior. E que isso facilita bastante seu trabalho.

Seu Luiz anuncia também que é um funcionário que cumpre as funções específicas da rouparia, mas que também exerce outros papeis, já que, além de preparar os materiais para os treinamentos, para as partidas em casa e para as viagens, ele também é responsável pelo cuidado com o gramado, cortando a grama e fazendo a marcação das linhas do campo. Além disso, por residir no clube, também pratica uma espécie de zeladoria, cuidando o patrimônio do mesmo, assim como ocorre com Alexandre no G. E. Bagé.

O fato de estarem diretamente ligados ao futebol dá aos roupeiros percepções sobre a conjuntura, tanto micro (seu clube) quanto macro (futebol estadual). Com relação ao micro, todos os roupeiros discorrem sobre as dificuldades financeiras e, em alguns momentos, a incapacidade na gestão. No

O que não significa que estes sujeitos sejam os detentores do poder, mas sim que eles em um determinado momento o exercem.

⁷⁴ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

que se refere ao macro, analisam a conjuntura financeira e organizacional do futebol gaúcho, elemento que não será analisado nesse artigo.

Um fragmento da entrevista de Alexandre mostrou que algumas percepções desses profissionais acabam se confirmando dentro de campo. No momento da entrevista (2016), o seu clube estava se preparando para as competições do segundo semestre (menos expressivas). Para ele, a disputa daquela competição possuía um objetivo bastante específico:

“A copinha vai ser um laboratório para o Grêmio Esportivo Bagé esse ano. Porque nós estamos passando por uma reformulação no clube, no grupo de jogadores, porque o campeonato da terceira divisão de 2017 exige das equipes ter um sub 23, então o Grêmio Esportivo Bagé, para 2017 está fazendo um projeto para ter um time novo, bem novo, ter poucos acima da idade né? [...] Como nós não conseguimos, não tivemos êxito no campeonato (terceira divisão de 2016), paciência, vamos trabalhar para 2017 o Grêmio Esportivo Bagé esteja na divisão de acesso de 2018. Esse é o objetivo do Grêmio Esportivo Bagé, para a temporada de 2017. Conseguir a tão sonhada vaga para a divisão de acesso” (DUTRA, 2016)⁷⁵.

A fala de Alexandre, naquele momento, parecia profetizar os resultados que ocorreriam no ano seguinte, já que, de fato, seu clube conquistou a vaga para a Divisão de Acesso (segunda divisão) do ano seguinte. Nesse sentido, Candau (2012) analisa que a memória do indivíduo organiza “os traços do passado em função dos engajamentos do presente e logo por demandas do futuro” (p.63). Pode-se pensar, portanto, que o tempo presente, as vivências e experiências do hoje, são elementos fundamentais na construção da narrativa sobre o passado e pelas projeções para o futuro.

4.5. A atuação dos sujeitos infames e o impacto na saúde financeira dos clubes

Independente da função exercida por cada um dos funcionários infames do futebol profissional do interior do RS, por vivenciarem a realidade de um cenário, o qual é notoriamente reconhecido como desprovido de grandes recursos financeiros, pode-se perceber o crescimento da importância econômica desses sujeitos. Cada um em sua função acaba sendo responsável pelo tratamento com o associado, o qual paga mensalidade; ou por zelar pelo patrimônio do clube, seja o próprio estádio e sede social; ou também pelos materiais de trabalho dos atletas: bolas, uniformes, e outros equipamentos.

⁷⁵ DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

Com relação à função de portaria, no caso do Sport Club Rio Grande, por se tratar de um clube que atualmente é mais visitado em função de sua sede social do que pelo próprio futebol, seu Laranjeira destaca a importância da figura do porteiro para a saúde financeira do clube. Boa parte da receita da instituição se dá a partir do quadro de sócios que utiliza a sede e sua ampla área de lazer, a qual dispõe de churrasqueiras, campos de futebol e piscinas. Na visão dele, é por ali que entra o seu salário e dos demais funcionários do clube. Logo, assume uma responsabilidade de tratar bem o quadro de sócios e em alguns momentos, até mesmo se utilizar de bom senso, visando a manutenção de um ou outro associado:

“Eu acho importante porque o meu salário e o salário dos outros colegas, entra aqui na porta. Então o atendimento ao associado eu acho também, tu tens que exigir que ele esteja em dia, mas com boas maneiras. Inclusive até se o cara não está em dia uma vez tu releva, porque é preferível tu permitir a entrada de um associado que não pagou aquele mês do que tu perder o associado. Então tem que ter um jogo de cintura” (LARANJEIRA, 2015)⁷⁶.

Dona Rejane lembra que trabalhar na recepção e atendimento de sócios e torcedores dos clubes é algo de grande importância. No seu caso, entende que tratar de forma adequada os torcedores auxilia na manutenção dos que já são associados e traz para o quadro social novos interessados.

A saúde financeira dos clubes passa também pelo número de torcedores que frequentam os estádios. Nesse sentido, Souza e Ângelo (2004) analisam algumas variáveis sobre a demanda de torcedores que frequentam os estádios brasileiros. Para esse texto, interessa a questão relativa ao desempenho das equipes, à medida que, foi mostrado que clubes de divisões inferiores tendem a levar um público menor ao estádio. Outros fatores também são discutidos, tais como a classificação da equipe na tabela do certame e os resultados do time nas rodadas anteriores, ou seja, um mau resultado pode diminuir o público nos jogos seguintes. Nesse sentido, Nenê brinca que em algumas oportunidades atuava como gandula em cima do muro do estádio Aldo Dapuzzo:

“Tu podes ver minhas pernas todas marcadas, isso aqui é tudo de buscar a bola. Chegava correr em cima buscando bola, sempre preocupado porque uma bola profissional mesmo, as pessoas às vezes no amador não dão bola, uma bola profissional é quase 500 reais. Tu perdeu duas bolas, até eu mexia, tinha jogo que a bola cai na Vila América e não volta, né? Caía lá já

⁷⁶ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

era né? Por que fica uns dez esperando lá. [...] Então se cair duas bolas e não tinha quase ninguém no estádio (torcedores), pô já foi embora a renda. Porque, duas bolas era quase 1000 reais. Tu olhava era uma mixaria de torcedores, oh, já perdemos a renda. Então era uma coisa que teria que fazer um algo mais, né cara? Ficar sempre ligado” (RAMOS, 2018)⁷⁷.

Apesar do S. C. São Paulo ser reconhecido como um clube com um número considerável de torcedores, é possível perceber que em dados momentos as arquibancadas acabam não dando o retorno financeiro esperado. A fala de Nenê remete a um momento em que seu clube se encontrava na Divisão de Acesso⁷⁸, fazendo campanhas medianas, fato que colaborava, conforme afirmam Souza e Ângelo (2004) para a diminuição do público pagante. Com uma receita fragilizada, os trabalhadores infames necessitavam se desdobrar, tanto no que se refere a desenvolver tarefas para além de suas funções específicas, quanto a partir do exemplo citado por Nenê, no qual acentuava um cuidado com o patrimônio do clube.

Ainda com relação aos cuidados com o material esportivo dos clubes, houve unanimidade por parte dos roupeiros no que diz respeito ao cuidado que deve haver com os fardamentos. Os clubes de menor porte possuem uma quantidade limitada de materiais que devem ser preservados durante a temporada. Isso inclui materiais de treinos e os que são utilizados nas partidas. A perda de um par de meias, uma chuteira ou de um calção, por exemplo, podem comprometer ainda mais o orçamento do clube, além de causar a falta de equipamentos para os trabalhos de campo.

Cabe o destaque com relação a elementos que levam tais sujeitos a se constituir como funcionários polivalentes. Durante as narrativas, o principal motivo elencado foi o pertencimento clubístico. Sem entrar no mérito sobre a gênese do sentimento de torcedor, é preciso destacar que todos os narradores se consideram torcedores do clube onde trabalham/trabalharam. Mais do que isso, as falas possibilitam categorizá-los como torcedores “tradicionais quentes” ou simplesmente fanáticos, seguindo a classificação de Giulianotti (2012).

Para o autor, esse tipo de torcedor se caracteriza pelo envolvimento pessoal e emocional com o clube e, em função disso, demonstra apoio incondicional a sua agremiação. Tal apoio pode ocorrer sob diversos pontos de

⁷⁷ RAMOS, Edelmarr Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

⁷⁸ Divisão que voltará a frequentar em 2019, visto que, terminou o Campeonato Gaúcho de 2018 na última colocação, sendo rebaixado.

vista, inclusive financeiro. O autor analisa ainda que o apelo emocional para com os clubes é tamanho, que o mesmo pode ser considerado como parte de sua família e seu estádio, a extensão da casa do torcedor. Uma fala de seu Laranjeira reflete de forma clara a representação do clube, no que diz respeito ao apego sentimental. Na frase, o entrevistado o coloca, inclusive, a frente de sua família: *“falem (mal) da minha mãe, falem de quem quiserem, mas não falem do Rio Grande perto de mim que, no mínimo vai perder o amigo”* (LARANJEIRA, 2015)⁷⁹.

Foi possível perceber que as tarefas desenvolvidas para além das funções estabelecidas pelos cargos que ocupam, normalmente se dão por iniciativa do próprio funcionário. Porém, é preciso relativizar as falas, as quais foram proferidas em um contexto no qual o apelo emocional foi bastante intenso, à medida que, é possível que outros fatores também sejam agentes influenciadores no que diz respeito a constituição de um funcionário polivalente, um deles, a necessidade da manutenção de seus empregos.

Independente disso, é inegável que as rondas noturnas na sede social do S. C Rio Grande realizadas por Seu Laranjeira, ou o fato de Nenê trocar lâmpadas dos refletores e zelar pelos materiais do S. C. São Paulo, arriscando até mesmo sua integridade física, alia a questão da necessidade de manutenção de seus empregos com o apreço que ambos possuem por seus clubes. De forma metafórica, isso se comprovou em uma das falas de seu Laranjeira: *“[...] se eu fosse o Deus Shiva, aquele que tem seis braços, os seis braços trabalhariam pelo Rio Grande”* (LARANJEIRA, 2015)⁸⁰.

4.6. Noções de sociabilidades produzidas pelos diferentes sujeitos do futebol profissional

Não é possível desenvolver uma análise sobre a sociabilidade sem fazer referência a dois autores. O primeiro, George Simmel, produziu, a partir da sociologia, um conceito para a sociabilidade. O segundo, Edson Gastaldo, o qual em diversos estudos, amparado na concepção de sociabilidade de

⁷⁹ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

⁸⁰ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

Simmel, desenvolveu discussões sobre o conceito de sociabilidade associada ao futebol.

Como ponto inicial desse item, é importante entender o conceito de sociabilidade trazido por esses dois autores. A partir de Simmel (1983), cabe pensar a sociabilidade como processos de interação social. Nesse sentido, a sociabilidade deve ser entendida como uma espécie de jogo da vida social, a qual pode possuir características distintas, já que, uma conversa em um bar, na arquibancada, ou até mesmo no ambiente de trabalho podem se constituir como processos ativos de sociabilidade.

Embora Gastaldo (2006), (2005a), (2005b) e Gastaldo *et. al.* (2005) tratem a sociabilidade a partir do ponto de vista dos consumidores⁸¹ do esporte espetáculo⁸², as lógicas acabam não se diferenciando muito quando a construção se dá a partir das relações que ocorrem entre os profissionais do esporte. Entretanto, cabe salientar que esse “jogo da vida social” (GASTALDO, 2006. p. 3) pode ocorrer entre os sujeitos que ocupam funções menos famosas com as mais famosas.

Lançando o olhar para os funcionários infames do futebol profissional do sul do RS, foram evidenciados diversos momentos em que as sociabilidades se fizeram presentes ao longo de suas trajetórias. Nesse sentido, a partir das narrativas, foi possível entender que os processos de sociabilidade podem ocorrer envolvendo diferentes sujeitos do futebol, tais como: funcionários e torcedores, funcionários e atletas, além de interações entre os próprios funcionários.

Dona Rejane analisa que sua função possibilita espaços para sociabilidades com diferentes sujeitos. Torcedores gerais e sócios, normalmente chegam até a secretária e em meio às informações relacionadas ao clube, a conversa acaba se prolongando e seguindo outros rumos. Durante a entrevista com dona Rejane, um sócio do E. C. Pelotas chegou até o balcão

⁸¹ A opção pela utilização da expressão no gênero masculino, se deu intencionalmente, à medida que, o autor discute a construção das sociabilidades masculinas ao consumirem o futebol. Gastaldo (2005b) no momento em que o texto foi escrito analisava o futebol como um território hegemonicamente masculino, mesmo reconhecendo que as mulheres já estavam buscando seu espaço. Sobre a construção de currículos de masculinidades e a representação feminina nos estádios, ver Bandeira (2010) e Costa (2006).

⁸² Esporte de rendimento altamente midiaticizado e mercantilizado. Mais sobre o conceito, organização e desenvolvimento do esporte-espetáculo ver: Rodrigues e Montagner (2003), Proni (1998) e Sousa (1991).

e foi possível perceber que a conversa entre os dois não se limitou às questões alusivas ao clube, houve também a iniciativa, por parte da secretária, em se informar sobre os familiares daquele associado.

Dona Rejane e Nenê também lembram momentos que as vitórias em determinadas partidas geram momentos de profunda interação. Segundo eles, os festejos pelos acessos à primeira divisão gaúcha do E. C. Pelotas em 2009 e do S. C. São Paulo em 2013 foram motivos para grandes comemorações:

“2009 quando a gente subiu. [...] A gente teve o último jogo em campo e a gente precisava de decisões paralelas. E aconteceu, acho que um milagre, mas aconteceu. Tu não tens noção, o pessoal chorava, se abraçava. Tu nem conhecia o teu colega do lado, mas ele vinha a saber que tu eras áureo cerúleo, tu és irmão, e aí tu já vais abraça e beija, faz aquela coisa toda (risos)” (BORGES, 2018)⁸³.

“Cara, o nosso acesso mesmo, o nosso acesso nós ficamos dois dias festejando, né? Muita descontração, muita alegria é, parte de profissionalismo de pessoas ligadas, amizades, sempre tem um cara que, tu pegas o plantel de 2013, eu me dava muito bem com o Aylon⁸⁴, que era um guri que eu vi desde o tempo de escolinha. Aí tinha o Carlos Alberto que eu conheci nesse ano e uma pessoa, pra tu ver, eu já conheci dois ou três meses antes, jamais imaginei que tinha jogado no Grêmio, Atlético Paranaense, base de seleção brasileira” (RAMOS, 2018)⁸⁵.

Nenê analisa também que é possível a continuidade das relações de amizade originárias das relações de sociabilidade que ocorrem nos clubes de futebol. Sobre o ano de 2013, o roupeiro lembra ainda que era comum momentos em que ele, outros funcionários e a comissão técnica do clube se reuniam para fazer churrascos. Ainda com relação ao ano de 2013, o narrador recorda que existe um grupo de conversa em um aplicativo de celulares denominado “os guerreiros de 2013”, ou seja, mesmo distantes, os diferentes sujeitos que compunham aquela equipe, ainda mantêm contato.

Também foi possível perceber as relações de sociabilidade entre os funcionários e atletas que se formam no clube e constroem carreira e fama nacional e internacionalmente. A exemplo de Nenê e o jogador Aylon, Seu Luiz, roupeiro do Guarany F. C. também mantém relações com ex-atletas do clube. Lembra com certo orgulho do meio campista Luís Fernando Rosa Flôres (atuou também pelo S. C. Internacional), do zagueiro André Luís⁸⁶ (atuou em clubes

⁸³ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

⁸⁴ Atualmente atuando pelo América (MG), na primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

⁸⁵ RAMOS, Edemar Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

⁸⁶ Dentro do Estádio Estrela Dalva, há um grande pôster do atleta vestindo a camisa do Santos F. C. Uma curiosidade sobre o atleta, foi em uma partida envolvendo Botafogo e Estudantes de La Plata pela copa Sul-americana de 2009, quando o atleta ao ser advertido, em forma de protesto arrancou o cartão amarelo da mão do árbitro e o aplicou ao mandatário da partida.

como Santos Futebol Clube, Fluminense Football Club, Botafogo de Futebol e Regatas, além de ter estado no grupo que disputou as olimpíadas de Sidney) e do lateral esquerdo Branco (tetracampeão mundial no ano de 1994 pela Seleção Brasileira). Seu Luiz lembra que é comum receber visitas destes e de outros ex-atletas do Guarany F. C. quando os mesmos vão até a cidade.

Por fim, Nenê lembra também que o futebol abriu caminho para que ele pudesse ter contato com atletas renomados do futebol mundial e com narradores também muito famosos. Segundo ele, o fato de ter vínculo empregatício com o clube, proporcionou que pudesse jantar na companhia de Claudio Taffarel (goleiro tetracampeão mundial pela seleção brasileira), além de conversar com outros jogadores renomados, tais como: Ronaldinho Gaúcho, Alexandre Pato, Marcelo Grohe, Fernandão, Edinho (filho de Pelé) e narradores como Celestino Valenzuela e Galvão Bueno.

4.7. Considerações finais

Este artigo buscou desenvolver uma análise sobre as ações, percepções e sociabilidades de funcionários infames do futebol profissional. Foi possível perceber que os mesmos desempenham funções de extrema relevância para seus clubes, já que, estão a par de trâmites burocráticos, recepcionam torcedores e associados e, no caso dos roupeiros, desenvolvem os trabalhos diretamente ligados à prática do futebol.

Partindo das análises sobre as ações dos mesmos, concluiu-se que esses funcionários possuem importância significativa tanto no que diz respeito às ações do dia a dia, quanto do ponto de vista econômico. Economicamente, suas atribuições se destacam pela ligação direta com o ingresso de receita e com o zelo com o patrimônio do clube, seja a estrutura física ou os materiais esportivos.

Também foi possível concluir que a vinculação dos narradores com o futebol profissional é um poderoso agente fomentador de sociabilidades entre diferentes sujeitos. Torcedores e sócios ao chegarem no estádio/sede social são recebidos pelos funcionários do clube e em algumas oportunidades

estreitam com eles suas relações sociais. Além disso, ocorrem processos de sociabilidade entre os funcionários infames com atletas locais e renomados, nacional e internacionalmente.

Por fim, foi possível entender que os funcionários infames são peças fundamentais para que os clubes de menor porte consigam se manter na ativa. Isso pois, desenvolvem múltiplas funções, algumas delas, de forma praticamente voluntária, com o objetivo de ajudar o clube e, possuem grande relevância para a economia da agremiação.

4.8. Referências

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de História Oral. **História Oral**, v. 15, n.2. p. 159-166, jul./dez 2012.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** – 3.ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 44, p.342-351, maio/ago. 2010.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**/Peter Burk (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CESAR, Willy. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2012.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, p.1-31, nov2006/fev2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.3, p.82-91, 2001.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012. p.55-86.

- FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder *In: Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 262-277.
- FOUCAULT, Michel. A vida dos Homens infames. *In: O que é um autor*. 7.ed. Lisboa, Portugal: Nova Vega, 2009. p.89-128.
- GASTALDO, Édison: Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, v. 3, p.1-16, jul./out. 2006.
- GASTALDO, Édison. Uma arquibancada eletrônica: Reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. *In: Campos - Revista de antropologia*, v.6, p113-123, 2005.
- GASTALDO, Édison. O “complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. *In: Horizontes Antropológicos*, v.11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005.
- GASTALDO, Édison. et. al. Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Idéias**. v. 3, n. 43 p. 2005.
- GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: Uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Record: Revista de História do Esporte**. V. 5, n. 1, p. 1-35, jun. 2012.
- GUIMARAES, Aline Rodrigues. **De profissional a máster**: memórias de jogadores do Clube Esportivo de Futebol. 2012. 54f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2012 PPG em Ciências do Movimento, ESEF-UFRGS – Porto Alegre, 2012.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Méri Rosane Santos Da. Olhando Futebol: Jeitos Xavantes de Torcer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.35, n. 1, p.195-210, 2013.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In: A escrita da história: novas perspectivas*/Peter Burk (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Salgado Ribeiro. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.
- PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, n.15, p. 13-49, abr. 1997.

RAMOS, Miguel Glaser. **SC Rio Grande - Centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

SIMMEL, George. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: **Sociologia**. MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). São Paulo: Ática, 1983.

SOUZA, Fábio Augusto Pera de. **Um estudo sobre a demanda por jogos de futebol nos estádios brasileiros**. 2004. 109f. Dissertação (Mestrado). FEA/USP – São Paulo, 2004.

Sites

Estadão. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,andre-luis-da-amarelo-para-arbitro-e-botafogo-e-eliminado,273169>. Acesso em: 30/05/2018.

5. Pós-escritos: Memórias marcantes dos funcionários infames do futebol profissional da região sul do RS

Esta breve seção da tese busca mostrar algumas singularidades que emergiram das narrativas. A partir das memórias dos funcionários infames, foram evidenciadas situações as quais os narradores dispensam um apego emocional singular. Em termos gerais, os momentos destacados pelos narradores são algumas partidas marcantes, conquistas materiais, sociabilidades com atletas renomados e o simples reconhecimento por parte de sujeitos também envolvidos com o clube.

5.1. Seu Laranjeira, o pertencimento, o estádio e a resistência do futebol do interior

Uma fala de Seu Laranjeira foi bastante representativa no que diz respeito ao pertencimento clubístico de torcedores de clubes de menor porte:

“Dizer que meu time é ruim, eu vejo até como mérito. Porque é muito fácil tu torcer pro ‘Mengão’, pro ‘Coringão’, pro Grêmio e pro Inter, que tem vitórias e aqui não. Eu sou do tempo que eu costumo dizer, de perder de pouco torcer para perder de pouco. Um empate já estava na boa. Se ganha algum jogo...Passamos um período sem ter onde jogar. Vendeu-se o campo lá na cidade para vir para cá, constrói e não constrói, coisas de clube com pouco recurso financeiro, então o dia que inaugurou esse campo aqui em 1975. Não só eu, eu até peço desculpa (Chorando), muitas pessoas, companheiros que não estão mais conosco. Aquilo foi uma vitória” (LARANJEIRA, 2015)⁸⁷.

A entrevista de seu Laranjeira foi a que trouxe o maior apelo emocional. Logo no início da entrevista, ele construiu a frase acima, a qual já indica um momento de extrema relevância para o narrador: a construção do estádio Arthur Lawson. Outra questão importante diz respeito à forma como o mesmo avalia os torcedores de clubes de menor porte. Notou-se o orgulho por compor uma espécie de resistência, na qual, indica um mérito maior para o torcedor dessas agremiações menores em comparação com os clubes de divisões superiores no contexto nacional.

Seu Laranjeira também se recorda de alguns momentos em que a alegria de ser torcedor do S. C. Rio Grande foi promovida dentro do campo,

⁸⁷ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

pelos atletas do clube. Embora, segundo ele mesmo, apesar de as conquistas terem sido pequenas, a partir de um olhar macro, representaram, para uma parcela de torcedores, alegrias inexplicáveis:

“Eu to com 62, eu era menino, era uma terça feira de carnaval, o Rio Grande ganhou em Pelotas do São José e subiu para a divisão especial. Uma coisa que eu me lembro, eu era menino, eu tinha 9 anos, eu andava com uma bandeira, e a situação sempre foi difícil, o cabo era de taquara e ela de papel de seda, a bandeira. Isso era umas duas horas da tarde e eu já estava com aquela bandeira e aí um senhor: “filho, isso pode dar azar, deixa passar”. (risos) Pessoa supersticiosa. E isso eu me lembro, eu nunca me esqueci e depois quando o ônibus veio pela Buarque de Macedo, ali, na esquina da Cristovão Colombo com a Buarque de Macedo, parou o ônibus ali e eu ainda apertei a mão do Jesus Reck, ainda tive que me esticar para alcançar na janela. Isso nunca me saiu da memória. [...] E uma vez também que determinado time que eu nem vou citar o nome, tinha time pra nos ganhar tranquilamente e com o empate subiria. Nós não tínhamos vez para nada, e eles tentaram comprar o pessoal e os caras não. Num esforço assim, uma... Ganham por 4 x 2 desse time, e ele não se classificou por ter tentado nos comprar (emocionado). E até teve um dos jogadores aquele dia que fez três gols, era zagueiro e disse “não, nós somos ruins, nós não somos sujos”. Então o futebol ainda tem dessas coisas” (LARANJEIRA, 2015)⁸⁸.

Alguns resultados dentro de campo, assim como a história do clube que fora campeão gaúcho em 1936 e, principalmente o fato do S. C. Rio Grande ser o primeiro clube brasileiro fundado para se dedicar ao futebol⁸⁹, são motivo de muito orgulho para o funcionário. Porém, ao ser perguntado sobre qual a ocasião mais marcante vivida junto ao S. C. Rio Grande, seu Laranjeira assinala que a aquisição do novo estádio, para ele, foi o principal momento junto ao clube.

5.2. Alexandre e as realizações patrimoniais do G. E. Bagé

Alexandre, o roupeiro do G. E. Bagé, também se ampara na lógica das conquistas materiais do clube. Talvez isso tenha ocorrido em função de sua entrevista ser fortemente marcada pelas análises relacionadas às dificuldades econômicas e estruturais que a maioria dos clubes do interior do RS vêm enfrentando. Mesmo entendendo tais dificuldades e assinalando que a situação do clube, no que se refere ao seu departamento de futebol, merecesse

⁸⁸ LARANJEIRA, Paulo Renato. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 11 de novembro de 2015.

⁸⁹ Sobre os fatos históricos, é importante informar que os mesmos foram citados durante a entrevista pelo narrador. Sobre o título do clube, mais informações podem ser encontradas em Lima e Rigo (2014), sobre o processo de fundação do clube e as divergências sobre questões que tangem a emergência do futebol brasileiro, ler: Correia e Rigo (2014), Correia e Rigo (2013) e Rigo (2004).

momentos de maiores glórias⁹⁰, algumas situações fora de campo remetem ao funcionário um sentimento que mescla o pertencimento que o mesmo foi construindo com o clube com o orgulho de fazer parte da história do G. E. Bagé:

“Eu podia citar vários fatos assim que eu conquistei, que eu achei, que o clube conquistou, que me deixou assim, bastante emocionado, feliz. O Abelhão⁹¹, cara. O Abelhão, o ônibus de viagem. Para mim, quando o Grêmio Esportivo Bagé, através dos seus diretores, seu presidente, o diretor de futebol na época, Marco Aurélio Ribeiro, em um jantar no nosso salão de festa, trouxe no seu notebook, um projeto de comprar um ônibus. Para a delegação do GEB viajar pelo interior, jogando campeonato. Para mim esse foi o que eu mais achei importante no clube, que o [...]. Depois teve o bar temático, foi uma coisa que me marcou bastante, que eu fiz parte, aquele sonho que o presidente, Carlos Alberto de Macedo, que hoje é o nosso presidente do Grêmio Esportivo Bagé, que é um sonhador. É um cara que nunca deixou de sonhar, e os sonhos dele aconteceram, que foi a compra do abelhão, o bar temático que ele sonhou, a quadra de grama sintética não foi um sonho dele, mas foi de uns diretores anteriores, que na gestão dele foi executada. [...] É de todos, todos fazem parte daquele objetivo que foi alcançado. A compra do Abelhão, o bar temático que era um sonho do Grêmio Esportivo Bagé que hoje está ali. [...] A quadra de grama sintética que foi um baita sonho que é cara, é um investimento muito alto. A nossa loja, nossa loja de materiais esportivos, é outro sonho. Me deixou muito emocionado também, quando a gente vê um sonho ser realizado, torna tudo mais legal de trabalhar, dá mais vontade de estar aqui e trabalhar pelo clube. Então a quadra foi... a loja de materiais esportivos do Grêmio Esportivo Bagé foi um sonho muito bem adquirido por todos, era um sonho do clube ter uma loja do clube. Hoje ela tá ali. Todo mundo... se quiseres vir visitar os portões estão sempre abertos. Tá ali pra todo mundo ver, os materiais de jogo, vários produtos que o Grêmio Esportivo Bagé vende na sua lojinha. Esses são, foram sonhos que eu mais me orgulho de estar no Grêmio Esportivo Bagé” (DUTRA, 2016)⁹².

A fala emocionada do roupeiro faz menção à conquistas patrimoniais do clube, as quais, para aqueles que vivem a agremiação acabam valendo tanto quanto um título dentro das quatro linhas. Também foi possível analisar que o funcionário dá os devidos créditos aos idealizadores, ou como ele se refere, os “sonhadores”, que trabalharam para a construção desses patrimônios. Além das conquistas elencadas na narrativa, em outros momentos, o narrador também lembrou que uma cancha de areia estava sendo construída nos fundos da sede, e que isso facilitaria os trabalhos físicos dos jogadores, os quais, não necessitariam se deslocar para outros centros de treinamento. Por último, mais uma lembrança de Alexandre faz referência à “Abelhuda”, cerveja artesanal que leva a marca e as cores do clube.

⁹⁰ Reiterando que a conquista da vaga à divisão de acesso do Campeonato Gaúcho ocorreu somente um ano após a realização da entrevista.

⁹¹ Ônibus do clube, batizado com esse nome em função de levar em sua pintura o tradicional amarelo e preto, cores do G. E. Bagé.

⁹² DUTRA, Alexandre da Silva. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 29 de julho de 2016.

Por fim, ao se referir a todos esses processos de aquisições e conquistas, Alexandre salienta que apesar das dificuldades enfrentadas pelos clubes do interior, o Grêmio Esportivo Bagé busca fazer sua parte sem grandes lamentações e com um trabalho sério e eficiente, fato que pode ser confirmado durante as visitas ao estádio.

5.3. Nenê, as sociabilidades, as descontrações e os momentos polêmicos do futebol profissional

Nenê, por sua vez, analisa os processos de sociabilidade construídos dentro do clube como de grande importância para sua vida. Remonta momentos engraçados, como atletas folclóricos que vestiram a camisa do São Paulo ao longo dos anos e relembra episódios marcantes dentro de campo, sendo alguns positivos e outros, a partir de resultados negativos, mas que carregam uma conotação de ética esportiva.

“Cara, de parte de descontração tivemos o Marcos Milhão atacante. Não tinha vestiário triste, porque naquela época, infelizmente, o pagamento atrasava bastante, o salário era pouco, mas não tinha vestiário triste, eu vou te contar uma dele agora: fomos fazer um trabalho no SESI, chovia muito, o campo estava encharcado, fizemos o trabalho na quadra, aí caiu uma bola lá em cima do ginásio, ‘ah, vou subir lá’, ‘tu tá louco Milhão’, não é que ele subiu? Se empoleirou e subiu lá em cima. Quando ele pegou a bola do clube tinha outra bola, do Grêmio, e a data de fundação do grêmio é 1908, né? 1908, aí ele pegou aquela bola e desceu ‘olha aqui, olha aqui, essa bola tá desde 1908 lá em cima, é bola boa’ tu te matavas rindo” (RAMOS, 2018)⁹³.

Nenê expôs na narrativa o lado engraçado do futebol. Piadas e brincadeiras, segundo ele, eram práticas comuns dentro do grupo. Nesse caso, por volta do ano 2000, o atacante Marcos Milhão era o responsável pelas práticas que proporcionavam alegria ao grupo.

“A parte boa de, por exemplo de história, de ter contato com jogadores de expressão do futebol nacional. Nós fomos pra Curitiba mesmo, tive o prazer de conhecer o Romário, o Ronaldinho Gaúcho, Pato, o Renato Portalupi, quem mais [...] o Zé Carlos mesmo, o Zé Carlos na época, o Taffarel ligava pra ele direto, o Taffarel era goleiro da seleção brasileira né? Eu cansava de ver conversa, um dia foram jantar em Porto Alegre, ele me levou junto, o Taffarel, o André que era o outro goleiro, que era do Cruzeiro na época, foi goleiro do Inter também, então tu vê, tu te sente, assim, no auge, pô tu só vê os caras pela televisão. [...] Então é uns momentos que ficam gravados, sabe? Teve um jogo também contra o Grêmio. Teve uma época que jogava a preliminar com o time B e depois jogava com o time A. Aí jogava Grêmio X Santos o jogo de fundo e São Paulo X Grêmio. Só que o time B, os que não estavam no A, que tomavam cartão ou eram expulsos, participavam do B, e naquela época estava o Danrley, o Scheidt que era o zagueiro, Evaristo de Macedo treinador, e nós ganhamos 2 X 0 aquele jogo e antes de

⁹³ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

começar aquele jogo, chegou o time do Santos né? Tive a oportunidade de conhecer o Edinho, filho do Pelé, que era o goleiro na época” (RAMOS, 2018)⁹⁴.

As sociabilidades proporcionadas pelo futebol são marcantes para o ex-roupeiro. O fato de ter trabalhado em um clube de pequeno porte do interior do RS, faz com que esses momentos em que encontrou profissionais renomados e famosos sejam lembrados com muito entusiasmo, afinal, segundo ele, são sujeitos famosos vistos apenas pela televisão, fato que fez, segundo ele, que se sentisse no auge. Porém, algumas questões polêmicas também são lembradas pelo narrador:

“E tem fatos negativos também, eu nunca me esqueço disso aí. Eu tive um atrito com dois jogadores, porque nós não caíamos mais e nem classificava [...] o time deles tinha que ganhar de nós para não ser rebaixado, só a vitória interessava, né? E teve um show, na semana, dos Mamonas Assassinas aqui e eu ganhei umas camisetas, fizeram umas camisetas todas verde com vermelho e dizia assim: DIRETORIA. Aí me deram uma porque eu ajudei a auxiliar no show. Fiquei com os Mamonas ali dentro, aí no dia da viagem eu botei aquela camiseta. Aí o jogo começou e não tinha onde ficar dentro do campo aí eu fiquei tipo no pavilhão, aí chegou um diretor, uma situação chata, né? ‘A tudo bom, tá tudo certo já?’ ‘Mas como assim tudo certo?’ ‘Tá tudo certo, nós vamos ganhar o jogo de vocês, já conversei com os dois zagueiros. Ah mas tu não é diretor?’ Ai quando tu vê do nada zero a zero, nosso jogador ali, não vou citar nomes pra não ficar chato, pegou deu uma rasteira no cara dentro da área, aí o juiz deu o pênalti, aí os caras fizeram um a zero. Só que tinha jogadores que não sabiam que o jogo estava encaminhado para uma derrota, aí o nosso atacante foi lá e fez o gol, empatou um a um. Ai no segundo tempo, o outro zagueiro fez outro pênalti. Resumindo, perdemos o jogo [...] um diretor nosso pegou o cheque: ‘tem um cheque aí pra dividir.’ ‘Como assim, dividir o quê?’ ‘Ah, os caras deram um cheque pra pagar o hotel e vão dividir o resto.’ ‘Mas dividir o quê? Eu nunca vi pegar dinheiro por derrota. Então o SP vendeu o jogo?’ Ai os jogadores já começaram a criar um tumulto, aí eu cheguei e chamei o presidente do conselho que na época era o Pedro Lami e passei a situação para ele. Aí ele pegou o cheque, reuniu o pessoal todinho e, nunca me esqueço, fez um churrasco, reuniu todo mundo e pegou um isqueiro e queimou aquele cheque na frente de todo mundo: ‘Oh o SP é muito grande pra se vender’” (RAMOS, 2018)⁹⁵.

Essa fala, assim como evidenciou seu Laranjeira, remonta outro caso de atitude antidesportiva e corrupta no futebol. Logo, é possível perceber que casos como esses não ocorrem apenas nos grandes campeonatos que envolvem clubes de maior porte e cartolas milionários. As tramas e negociatas mostradas por Ribeiro Jr et. al. (2014) também ocorrem nos locais com menor expressão financeira. Porém, as falas, tanto de Nenê, quanto de seu Laranjeira demonstram um orgulho muito grande em afirmar que nos episódios citados, seus clubes não concordaram com tais atos.

Nenê também lembra com muito carinho do grupo de jogadores que compôs o time no ano de 2013, ano em que o S. C. São Paulo retornou à

⁹⁴ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

⁹⁵ RAMOS, Edelmair Marshall. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Rio Grande, 06 de janeiro de 2018.

primeira divisão do futebol do Rio Grande do Sul, após dez anos na divisão de acesso⁹⁶. Segundo ele, o elenco do clube naquele ano construiu uma amizade muito grande, ou como se fala no mundo do futebol “o grupo estava fechado”. O sentimento entre os atletas, comissão técnica e funcionários é tamanha que, mesmo passados cinco anos, eles ainda mantêm um grupo de conversas em um aplicativo de celular.

5.4. Dona Rejane, o patrimônio e as partidas emocionantes

Dona Rejane mescla lembranças sobre eventos ocorridos tanto dentro, quanto fora de campo. Em termos patrimoniais, em função de sua formação como bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Moveis, foi convidada para auxiliar no processo de reorganização e reestruturação do memorial do clube:

“Assim da história do Pelotas que eu lembro muito foi 2008, quando o professor, Dr Maurício Guimarães, ele disse: “vamos dar uma mudada no memorial, dar uma reativada?” Porque, na verdade, não se tinha essa ideia, essa consciência que tu tens que guardar o antigo para tu ter a tua história. Então era muito ao léu assim, existia uma sala onde os meninos guardavam tudo em caixas e aquilo estava se deteriorando e ele disse: “vamos dar um ‘up’, vamos ajeitar isso aí, vamos chamar o pessoal da museologia para te ajudar?” Eu digo: “vamos.” Báh tu não tens noção o dia que a gente fez a inauguração do memorial, foi muito emocionante, os professores da federal vieram, deram um baita apoio. E tudo muito organizado, saiu na mídia e o trabalho feito diário, todo o esforço que a gente teve também, precário para conseguir deixar tudo no dia, foi muito emocionante” (BORGES, 2018)⁹⁷.

Além de todo o trabalho para reestruturar o material histórico do clube, dona Rejane também lembra momentos marcantes no que diz respeito a grandes jogos do E. C. Pelotas, o primeiro deles o jogo do acesso em 2009 e o segundo em uma ocasião ainda mais especial para ela:

“Esse último jogo do acesso em 2009, porque foi muito emocionante, nós ganhamos, saiu todo mundo, o pessoal rolava no campo, e aquela coisa toda, e eu vim para cá. E os meninos estavam todos. Os meninos eu chamo, além dos jogadores, a nossa equipe do financeiro, o pessoal da direção, todo mundo tomando cerveja e comemorando, e todo mundo olhava um para o outro e não se dizia nada, só se chorava, imagina a emoção, é muita loucura. [...] Então vou te dizer: nós tivemos um Bra-Pel e era no dia do meu aniversário. E eu cheguei e disse para eles: “báh meninos, tudo o que eu precisava amanhã de vocês era uma vitória no meu aniversário.” Tu não tens noção! Na hora que a gente estava lá nos 3 X 0 e os caras trancaram o jogo e deu aquela briga dentro do Brasil, o bandeirinha ainda apanhou do torcedor, eu chorava tanto, tanto, tanto, que o meu marido disse, tu é louca, eu nunca vi alguém chorar tanto por futebol. Eu digo: “é o meu time!” Vim para cá ficamos até as 3 da manhã. Era uma

⁹⁶ O clube permaneceu na primeira divisão por cinco temporadas, terminando o campeonato de 2018 na última colocação, fato que o coloca novamente na divisão de acesso na temporada 2019.

⁹⁷ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

loucura, era um griteiro só! E o pessoal, depois a gente esperou os jogadores chegarem, todo mundo me abraçou e tal, aquilo ali foi uma coisa que nunca mais na minha vida eu vou esquecer, dia dos meus 50 anos.” (BORGES, 2018)⁹⁸.

As narrativas demonstram um carinho e uma devoção muito acentuados pelo clube, embora, por questões de superstição, dona Rejane assume que não assiste aos jogos da arquibancada, os resultados de vitória são comemorados de maneira veemente. Ao perceber que o pertencimento pelo clube se afluía ao falar sobre as partidas, a entrevista foi encerrada perguntando para a secretária o que é, para ela, o E. C. Pelotas:

“Poxa vida, isso aí tu me emocionas, todas as vezes que eu falo disso eu choro, mas é a minha vida. Eu gosto muito, eu gosto de estar aqui, gosto de fazer essas loucuras, porque, dia de jogo eu corro que nem uma louca, “mas para um pouco, te acalma” eu digo, não tem que atender todo mundo, o pessoal quer entrar, vamos lá, vamos agilizar, os meninos quase morrem comigo aqui, e vamos lá, faz isso, faz aquilo pra poder ter um bom atendimento, o pessoal entrar e pra que todo mundo seja... entre e se organize pra esperar os meninos entrarem e jogarem, é a minha casa, meu marido fica louco, diz que as vezes eu não vejo jogo aqui, escuto um pouco e vou pra casa, eu gasto, roo tudo que é unha. As minhas unhas só crescem em época que a gente não tem futebol.” (BORGES, 2018)⁹⁹.

Esta última fala, remete que a ideia de que o sentimento de pertencimento se mistura com a condição de funcionária do clube. Existe a preocupação com o resultado da partida, mas existe também a necessidade de deixar tudo organizado para que os torcedores possam ser bem tratados dentro do estádio. O sentimento de pertencimento fica claro também quando a narradora assinala que ali, o Estádio Boca do Lobo, é a sua casa.

5.5. Seu Luiz, a memória e o sentimento de dever cumprido

Seu Luiz, o mais longo funcionário dentre os entrevistados, relembra alguns aspectos de sociabilidade e, principalmente, discursa sobre o orgulho do dever cumprido junto ao clube. Embora suas ações ainda hoje demonstrem que o mesmo é um funcionário competente e cumpridor de tarefas que vão além da rouparia, ele demonstra certo cansaço. Tanto que quando questionado sobre um sentimento ou momento marcante junto ao clube, fala exclusivamente sobre o sentimento de ter exercido bem suas tarefas ao longo dos anos e ser reconhecido por isso:

⁹⁸ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

⁹⁹ BORGES, Sandra Rejane Canez. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Pelotas, 24 de janeiro de 2018.

“Olha, eu acho sim. Esse melhor momento traz um pouco do teu trabalho, tu fazer, tu aproveitar aquilo ali que tu progrediu, que tu ganhou. O tempo que eu estou aqui não é fácil. Às vezes eu digo para eles, não é fácil estar todo esse tempo aqui, é porque alguma coisa boa, de mim para o clube, tem. Por que se não tivesse, tu não chegas. Tu não ias chegar todo esse tempo em um serviço que é bem difícil de trabalhar. Tu sabes que não é muito mole não. Então eu acho que é isso aí. Vai que amanhã ou depois eu saia, eu vou levar aquilo para mim. “Olha eu estou saindo, mas graças a Deus eu estou saindo pela porta que eu entrei. E isso aí eu acho que é uma das coisas que marca pra gente, né? Que é funcionário, sair numa boa, sair tranquilo” (JARDIM, 2018)¹⁰⁰.

Com relação às sociabilidades construídas no clube, o roupeiro lembra de alguns atletas que emergiram para o futebol a partir das categorias de base do Guarany Futebol Clube. Nesse sentido, se orgulha por ainda manter laços de amizades com atletas renomados, nacional e internacionalmente, caso do meio campista Luís Fernando Rosa Flôres (atuou pelo S. C. Internacional), o zagueiro André Luís¹⁰¹ (atuou em clubes como Santos Futebol Clube, Fluminense Football Club, Botafogo de Futebol e Regatas além de ter estado no grupo que disputou as olimpíadas de Sidney) e principalmente, o lateral esquerdo Branco (tetracampeão mundial no ano de 1994 pela Seleção Brasileira). Seu Luiz lembra que é comum receber visitas destes e de outros ex-atletas do Guarany F. C. quando os mesmos vão até a cidade.

Outro motivo de orgulho para seu Luiz é o fato de o Guarany ser o único clube do interior gaúcho a ter vencido duas vezes o campeonato estadual. Obviamente, as façanhas ocorreram em um passado distante, porém, talvez por isso, segundo o entrevistado, o clube seja tão respeitado em outras regiões do estado, inclusive na capital:

“O Guarany, graças a Deus, pelo que eu vejo aí fora [...] o Guarany é muito falado em Porto Alegre, eles respeitam muito o Guarany, tem uma tradição muito boa, é bem lembrado. É uma pena que está nessa terceira¹⁰² (divisão do campeonato estadual). Poderia estar disputando um Gauchão, porque hoje não está muito difícil.” (JARDIM, 2018)¹⁰³.

¹⁰⁰ JARDIM, Luiz Eli Miranda. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 15 de fevereiro de 2018.

¹⁰¹ Dentro do Estádio Estrela Dalva, há um grande pôster do atleta vestindo a camisa do Santos F. C. Uma curiosidade sobre o atleta, foi em uma partida envolvendo Botafogo e Estudantes de La Plata pela copa Sul-americana de 2009, quando o atleta ao ser advertido, em forma de protesto arrancou o cartão amarelo da mão do árbitro e o aplicou ao mandatário da partida. Acabou expulso de campo. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,andre-luis-da-amarelo-para-arbitro-e-botafogo-e-eliminador,273169>. Acesso em: 30/05/2018.

¹⁰² O Campeonato Gaúcho de futebol dispõe de três divisões: Série A, Divisão de Acesso e Segunda Divisão. Ou seja, na prática o Guarany F. C no ano de 2018, encontra-se na menor divisão do futebol profissional do RS. Porém, no ano de 2016, ao conquistar o título desta mesma competição, obteve o direito de disputar a divisão de acesso do ano seguinte, porém,

Os quase 50 anos que exerce o cargo de roupeiro do clube e a aproximação com os 70 anos de idade, no momento da entrevista, talvez tenham proporcionado um certo esquecimento no que diz respeito a alguns momentos junto ao clube. Isso se evidenciou quando tentou falar sobre os ex-atletas do clube. Apesar da estima e carinho que ainda mantém pelos mesmos, durante a entrevista, algumas pausas foram evidenciadas durante a fala. Além disso, quando interpelado sobre algum episódio significativo que vivera até aquele momento, contribuiu a seguinte fala:

“Tem coisa! Tem muita coisa. O tempo que eu estou aqui, passa muita coisa e as vezes a gente para gravar na cabeça tudo aquilo ali é difícil de dizer o certo. Mas é aquela época boa que foi o futebol, o Guarany... Fase boa, é uma das coisas que grava bastante é isso aí. Para mim assim, no momento é isso aí. Tem muita coisa, mas as vezes no momento tu puxar assim no ato como nós estamos aqui é meio difícil né? Tem que ir pensando pra ver o que é, o que não é.” (JARDIM, 2018)¹⁰⁴.

5.6. Algumas considerações

Este breve fragmento, como já dito, serviu para evidenciar os momentos elencados pelos narradores como mais marcantes em suas trajetórias junto aos clubes. Todos eles possuem grandes ligações com os clubes, uns com vinculações temporais maiores que outros, mas o fato é que ao longo dos anos que estão/estiveram presentes nos clubes, vivenciaram momentos que foram, sem dúvida, muito representativos.

Para um sujeito que esteja de fora do contexto do futebol, as memórias marcantes elencadas pelos narradores podem parecer questões muito simples e com pouca importância. Entretanto, ao conversar com os funcionários, e por frequentar alguns estádios de futebol, é possível destacar que a significância dada às memórias é fruto de um envolvimento profissional, pessoal e sentimental com a agremiação.

em 2017 acabou novamente rebaixado. Mais em: <http://www.fgf.com.br/competicoes/profissional-segunda-divisao>. Acesso em: 24/08/2017.

¹⁰³ JARDIM, Luiz Eli Miranda. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 15 de fevereiro de 2018.

¹⁰⁴ JARDIM, Luiz Eli Miranda. Entrevista concedida a Jones Mendes Correia. Bagé, 15 de fevereiro de 2018.

Quando os funcionários lembram as conquistas materiais, embora pareçam pequenas, é importante lembrar que o cenário futebolístico atual para os clubes do interior (principalmente os de divisões inferiores) não é nada fácil. Realidade que, vivida dentro do clube, eleva a aquisição de um ônibus próprio, ou organização do memorial do clube, a um patamar estratosférico.

Os resultados dentro de campo também são lembrados de forma bastante entusiasmada. E, novamente, as conquistas remontam um panorama bem diferente do que se observa em clubes de série a. Aqui, um acesso a uma divisão superior é comemorado com o mesmo entusiasmo de uma copa do mundo, e a vitória em um clássico da cidade acaba tendo um sabor muito especial.

Além disso, as relações de sociabilidade construídas a partir do futebol também são muito significativas para os narradores. As amizades construídas com atletas renomados (ou não) são lembradas com muita afeição. Por fim, a lembrança de ter desenvolvido um trabalho sério e competente ao longo dos anos também é um aspecto marcante que foi trazido em uma das falas que compõe esse breve texto.

6. Notas finais

Ao concluir essa escrita, algumas percepções e sensações se fazem presentes. Algumas certezas e algumas dúvidas. Foi uma pesquisa que me fez refletir, pensar e problematizar algumas questões relativas ao principal esporte do Brasil. Primeiramente, preciso destacar que a escolha da temática em questão, além de ser um assunto que carecia (e ainda carece de produção dentro do meio acadêmico brasileiro), também foi uma opção política. Vislumbrei um cenário onde, hegemonicamente os mais famosos, os mais poderosos são mostrados e (re)mostrados em detrimento aos sujeitos que dão suporte, desenvolvendo funções importantes nos clubes, e que possuem grande sentimentos para com as agremiações nas quais estão vinculados.

Olhar para esses sujeitos infames, me fez reforçar o entendimento que o olhar para as bases, tanto no meio do futebol, quanto na sociedade em geral, é fundamental para se produzir um espaço com mais igualdade. As narrativas produzidas ao longo dessa pesquisa mostraram o quão importante é a base da pirâmide futebolística, já que, sujeitos quase anônimos frente as grandes mídias, acabam sendo responsáveis por proporcionar um suporte interno demasiadamente importante às suas agremiações.

Seu Laranjeira, Alexandre, Nenê, Dona Rejane e Seu Luiz, vivem o clube com grande intensidade. Todos eles, além de funcionários, também são torcedores. Produziram vínculos de pertencimento muito fortes ao longo dos anos, e mesmo para aqueles como Nenê, cujo sua vinculação funcional com o clube encontra-se cessada, o sentimento de pertencimento ainda se mantém. Também convém reiterar que os clubes de futebol, para os narradores, se constituem como parte integrante de suas identidades e que, para muitos deles, em uma hierarquização, estão abaixo apenas de suas famílias.

A materialização desse pertencimento clubístico se evidenciou de várias maneiras durante as narrativas. Uma delas, nas formas de torcer. Alguns dos narradores possuem sua atividade funcional diretamente ligada à partida, logo, desempenham o ser torcedor, ao mesmo tempo em que estão trabalhando; para outros, a arquibancada é o espaço para empurrar a equipe. Tudo isso sem descartar o aparecimento da superstição tão presente no futebol brasileiro.

Além disso, também pode ser percebido que existe uma espécie de tentativa (com êxito) de persuasão por parte dos narradores para com seus familiares, isso se comprovou nas falas de Seu Laranjeira, Nenê e Dona Rejane, os quais falaram sobre seus descendentes também serem torcedores dos clubes em questão.

Partindo para as análises sobre as ações dos mesmos, foi possível concluir que os sujeitos infames, na condição de funcionários, possuem importância significativa tanto no que diz respeito às ações do dia a dia, quanto do ponto de vista financeiro. Financeiramente, suas atribuições se destacam pela ligação direta com o ingresso de receita e com o zelo com o patrimônio do clube, seja a estrutura física ou os materiais esportivos.

Além disso, foi possível identificar que a vinculação dos narradores com o futebol profissional é um poderoso agenciador de sociabilidades entre diferentes sujeitos. Torcedores e sócios, ao chegarem no estádio/sede social são recebidos pelos funcionários do clube e, em algumas oportunidades, estreitam com eles suas relações sociais. Além disso, ocorrem processos de sociabilidade entre os funcionários infames e atletas.

Nesse sentido, foi possível entender que os funcionários infames são peças fundamentais para que os clubes de menor porte consigam se manter na ativa. Isso pois, desenvolvem múltiplas funções, algumas delas, de forma praticamente voluntária. Independente das motivações que levam tais sujeitos a se constituírem enquanto funcionários polivalentes, é fato que se configuram como importantes elementos tanto para o funcionamento das estruturas internas, quanto para a saúde financeira das agremiações.

Por se tratar de pessoas que dedicaram grande espaço de tempo de suas vidas aos clubes de futebol, em suas memórias ficaram marcados alguns fatos específicos que, para eles, possuem grandes significados. Muitas vezes, dentro da simplicidade do futebol do interior, se tais episódios fossem vistos por pessoas dos grandes centros, poderiam passar despercebidos, mas para esses sujeitos, a significância de pequenos fatos acaba tomando grande dimensão.

Para os narradores, algumas conquistas patrimoniais foram muito importantes. Algumas vitórias dentro de campo também foram lembradas, assim como processos de sociabilidades que se construíram ao longo dos

anos. Outro fato relevante foi a demonstração de orgulho de terem vivenciado momentos em que seus clubes demonstraram espírito esportivo e mantiveram a ética no meio esportivo.

De todos esses momentos, cabe citar o orgulho de Seu Laranjeira em compor uma espécie de resistência enquanto torcedor do S. C. Rio Grande, e ter visto a construção do Estádio Arthur Lawson. Alexandre, do G. E. Bagé, se orgulha de algumas conquistas materiais, principalmente a aquisição do Abelhão, o ônibus que transporta os atletas para as partidas fora do município de Bagé. Nenê, lembra com orgulho de um momento em que alguns atletas do S. C. São Paulo decidiram se vender em uma partida, mas um dos diretores, na ocasião, queimou o cheque recebido, ressaltando que um clube com a história e com a tradição que possui o S. C. São Paulo não deve se vender. Dona Rejane relembra algumas partidas importantes, uma delas em especial, o clássico Bra-Pel no dia de seu aniversário, segundo ela, a vitória do E. C. Pelotas naquela ocasião foi um dos maiores presentes de sua vida. Por fim, Seu Luiz, o mais longo funcionário dentre os entrevistados. Para ele, a certeza do dever cumprido é algo a ser exaltado. Seu Luiz, vislumbra que em pouco tempo, acabará se afastando do futebol, mas sabe que quando esse dia chegar, “sairá do clube pela porta da frente”, pois, desde a década de 1970 desempenha com obstinação suas funções junto ao Guarany Futebol Clube.

Concluindo essa escrita, paira no ar a certeza de que foi algo muito gratificante ouvir todas as histórias. Também confirmamos a ideia de que tais sujeitos são extremamente importantes para que os clubes possam se manter estruturados e, mesmo com todas as dificuldades existentes no meio do futebol do interior do Rio Grande do Sul, se mantenham na ativa.

É preciso ressaltar, no entanto, que essa tese alça mão de uma análise localizada a partir de histórias narradas por sujeitos vinculados a clubes da região sul do Rio Grande do Sul. Histórias muito ricas, porém, não foi o objetivo deste trabalho desenvolver uma generalização sobre o futebol brasileiro. É preciso deixar claro que existem cenários semelhantes ao evidenciado no extremo sul, e devem existir sujeitos com histórias tão ricas quanto as que se encontram expostas nessa tese, as quais, também necessitam ser trabalhadas.

Talvez essa tese possa servir como um ponto de partida para que futuros trabalhos possam analisar outras estruturas internas do futebol

profissional, de modo que, também poderia ser interessante que os grandes centros fossem objetos de estudo. Não havia até o momento, estudos científicos analisando tais sujeitos e tais estruturas. Entende-se, no entanto, que ainda é um campo aberto a novas incursões, já que, ainda há muito a mostrar sobre os sujeitos infames do futebol profissional.

7. Referências

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de História Oral. **História Oral**, v. 15, n.2. p. 159-166, jul./dez 2012.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral** – 3.ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ANTUNES, Ricardo. De Vargas a Lula: Caminhos e descaminhos da legislação trabalhista no Brasil. **Pegada**. v. 7. n. 2. 2006.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 44, p.342-351 maio/ago. 2010.

BRASIL. **Práticas de esporte e atividade física**: 2015 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. *In: A escrita da história*: novas perspectivas/Peter Burk (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 7-38.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**; tradução Maria Letícia Ferreira. - 1. ed., 1a reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012.

CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. **O Brasil e os brasilianistas nos circuitos acadêmicos norte-americanos**: Thomas Skidmore e a história contemporânea do Brasil. 2007. 185f. Dissertação (mestrado), PPG em História Social, Departamento de História- USP. São Paulo. 2007.

CESAR, Willy. **Um século de futebol popular**: a história do Sport Club São Paulo. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2012.

CORDEIRO, Alexander Magno, et. al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgias**. v. 34, n. 6, Nov./ Dez. 2007.

CORREIA, Jones Mendes. **Os Vínculos clubísticos e as lógicas do jogo**: um estudo sobre a emergência do futebol na cidade de Rio Grande-RS (1900-

1916).2014. 82f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, n. 4, p.1-31, nov.2006/fev.2007.

DAMO, Arlei Sander. FERREIRA, Bernardo Saraiva. No tempo das excursões: O circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. **Revista de História Regional**. v. 17, n. 2. 378-411, 2012.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, número 1, Rio de Janeiro: Nov2005/Fev2006.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v.15, n.3, p.82-91, 2001.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. *In*: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, Cultura e Sociedade**. São Paulo, Autores Associados, 2005 p.3-19.

FALCÃO, Paulo Roberto. **O time que nunca perdeu**.2ª Ed – Porto Alegre, RS: AGE, 2010.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012. p.55-86.

FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder *In*: **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012. p. 262-277.

FOUCAULT, Michel. A vida dos Homens infames. *In*: **O que é um autor**. 7.ed. Lisboa, Portugal: Nova Vega, 2009. p.89-128.

GASTALDO, Édison: Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Esporte e Sociedade**, v. 3, p.1-16, jul./out. 2006.

GASTALDO, Édison. Uma arquibancada eletrônica: Reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. *In*: **Campos** - Revista de antropologia, v.6, p113-123, 2005.

GASTALDO, Édison. O “complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. *In*: **Horizontes Antropológicos**, v.11, n. 24, p. 107-123, jul./dez. 2005.

GASTALDO, Édison. et. al. Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Idéias**. v. 3, n. 43 p. 2005.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2174 dias que mudaram o mundo. Tradução Ana Luísa Farias e Miguel Serras Pereira. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: Uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Record**: Revista de História do Esporte. V. 5, n. 1, p. 1-35, jun. 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. *In*: **Garimpando memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007, p. 13-26.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Brasil** - Uma História da Maior Expressão Popular do País. Contexto, 2009.

GUIMARAES, Aline Rodrigues. **De profissional a máster**: memórias de jogadores do Clube Esportivo de Futebol. 2012. 54f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Méri Rosane Santos Da. Olhando Futebol: Jeitos Xavantes de Torcer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.35, n. 1, p.195-210, 2013.

JESUS, Gilmar Mascaranhas. Futebol e desenvolvimento econômico no RS. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: **A escrita da história**: novas perspectivas/Peter Burk (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p.135-163.

LIMA, Rafael Leal de; MOURA Diego Luz; ANTUNES, Marcelo Moreira. Ritos e Sociabilidades no Torcer Coletivo: Um estudo etnográfico em uma torcida do Flamengo. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.1, p.136-156, mar.2015.

LIMA, Fernando Godinho. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. 2014. 140f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Salgado Ribeiro. **Guia Prático de História Oral**: para empresas, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.

PEREIRA, Durval Lourenço. **Operação Brasil**: o ataque alemão que mudou o rumo da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro -1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, n.15, p. 13-49, abr. 1997.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 1, p. 82-94, jul/dez. 1998.

RAGO, Margareth. O feito Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. V. 7, nº 12, 1995.

RAMOS, Miguel Glaser. **SC Rio Grande - Centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG, 2000.

RIBEIRO JR, Amaury, *et al.* **O lado sujo do futebol**: a trama de propinas, negociatas e traição que abalou o esporte mais popular do mundo. 1. Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Revista Pensar a Prática**. v. 10, n. 1, p.83-98, 2007.

RIGO, Luiz Carlos, *et. al.* Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. **Movimento**. v. 11, n. 2, p.131-146, maio/agosto. 2005.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteiras**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol Brasileiro** Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 5ª edição, 2010.

RODRIGUES, Eduardo Fantato. MONTANGNER, Paulo Cesar. Esporte-espetáculo e sociedade: Estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. v.1, n.1, p.55-69. 2003.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF / Coordenação Adelina Maria Novaes Cruz, Carlos Eduardo Sarmento e Juliana Lage Rodrigues; Texto Carlos Eduardo Sarmento. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SIMMEL, George. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: **Sociologia**. MORAES FILHO, Evaristo. (Org.). São Paulo: Ática, 1983.

SOUSA, Marcos de, RIBEIRO, Antônio Luiz. Revisão Sistemática e Meta-análise de Estudos de Diagnóstico e Prognóstico: um Tutorial. **ArqBrasCardiol**. 2009;92(3): 241-251.

SOUZA, Ana Marcia de. **Esporte Espetáculo**: a mercadorização do movimento corporal humano. 1991, 152f. Dissertação (mestrado). UFSC - Florianópolis, 1991.

SOUZA, Fábio Augusto Pera de. **Um estudo sobre a demanda por jogos de futebol nos estádios brasileiros**. 2004. 109f. Dissertação (Mestrado). FEA/USP – São Paulo, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. Quase lá: a copa do mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 40, p. 149-184, jul./dez. 2013.

TUBINO, Manoel José. Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**.-3.ed- São Paulo: Cortez, 2011.

8. Sites

Esporte Clube Pelotas. Disponível em: <http://www.ecpelotas.com.br/Inicial>. Acesso em: 29/05/2018.

Estadão. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,andre-luis-da-amarelo-para-arbitro-e-botafogo-e-eliminado,273169>. Acesso em: 30/05/2018.

Federação Gaúcha de Futebol. Disponível em: Mais em: <http://www.fgf.com.br/competicoes/profissional-segunda-divisao>. Acesso em: 24/08/2017.

Guarany Futebol Clube. Disponível em: <http://guaranyfutebolclubes.com.br/>. Acesso em: 29/05/2018.

Sport Club Rio Grande. Disponível em: www.scriogrande.com/sedes. Acesso em: 23/08/2017.

Sport Club Rio Grande. Disponível em: <https://www.scriogrande.com/single-post/2018/05/13/A-mais-Fiel-completa-39-Anos-Parabéns-Dragão-da-Mangureira>. Acesso em: 24/09/2018.

Sport Club São Paulo. Disponível em: <http://saopaulors.com.br/content/#>. Acesso em: 29/05/2018.

Apêndice 1: Roteiro básico de entrevista

- 1- Qual seu nome, idade e onde o senhor nasceu?
- 2- Como foi sua infância?
- 3- Qual sua ligação com o futebol?
- 4- Como foi sua chegada até o clube onde o senhor trabalha?
- 5- O senhor é torcedor do clube? Como e quando começou tal vínculo?
- 6- Como são as condições de trabalho oferecidas ao senhor? Sempre foi assim?
- 7- Por que o senhor escolheu desempenhar essa(s) profissão(es)?
- 8- O senhor entende que seu cargo é importante na estrutura do clube? Por quê?
- 9- Conte um pouco do seu dia-a-dia no clube.
- 10- Como é sua relação com o departamento de futebol do clube (atletas, comissão técnica, diretores)?
- 11- Conte um pouco sobre a realidade do seu clube e do futebol do interior gaúcho ao longo do tempo em que o senhor trabalha no clube.
- 12- Conte alguns fatos marcantes da história do clube (coisas de bastidores, que a mídia não mostrou).
- 13- Destaque o momento mais marcante nesta sua trajetória dentro do clube.

Apêndice 2: Termo de consentimento livre e esclarecido



Universidade Federal de Pelotas
Escola Superior de Educação Física - ESEF
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisador responsável: Jones Mendes Correia

Telefone: 053 991498602

E-mail: jonescorreia.edfisica@yahoo.com.br

Eu, _____,
nacionalidade _____, idade _____, estado civil _____,
profissão _____, RG _____,
pelo presente termo, fui convidado a participar da pesquisa intitulada: **NOS BASTIDORES DA BOLA: MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E SENSações DAQUELES QUE NÃO ENTRAM EM CAMPO NO FUTEBOL PROFISSIONAL DO RIO GRANDE DO SUL¹⁰⁵**, a qual possui o objetivo de: Entender como vem se dando a participação dos sujeitos que trabalham nos bastidores no futebol profissional, atentando para as trajetórias e os vínculos de pertencimento que se estabelecem, assim como, as questões organizacionais e funcionais da equipe.

Minha participação se dará na qualidade de depoente/entrevistado. Outrossim, declaro que fui informado(a) sobre os objetivos da pesquisa, assim como, os procedimentos metodológicos utilizados na mesma.

Além das informações acima, declaro que fui informado(a) também sobre:

- a) A liberdade de participar ou não da pesquisa bem como de retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa, se assim julgar necessário, sem qualquer penalização e/ou prejuízo;
- b) A garantia de liberar ou não o uso de meu nome, imagem e depoimento.
- c) A liberdade de rever o depoimento, objetivando acrescentar ou excluir partes do mesmo;
- d) Os riscos e benefícios desta pesquisa, assim, como a garantia de esclarecimentos antes e durante o curso da mesma, sobre a

¹⁰⁵ Título foi alterado após atender a sugestões da banca examinadora.

metodologia, objetivos e outros aspectos envolvidos no presente estudo;

- e) A segurança de acesso aos resultados da pesquisa;
- f) A utilização dos dados se dará apenas para fins de pesquisa científica;
- g) Não ter custos nem compensações em nenhum dos procedimentos.
- h) Liberdade de manter contato com o pesquisador por telefone ou e-mail informados na parte superior da página.

CONSENTIMENTO: Recebi claras explicações sobre a pesquisa, todas registradas neste formulário de consentimento. O pesquisador respondeu e responderá, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação, portanto, estou de acordo em participar da pesquisa.

_____, ____ / ____ / ____

Assinatura

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR: Expliquei a natureza, objetivos, riscos e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. O participante compreendeu minha explicação e aceitou, assinar este consentimento. O qual terá duas vias assinadas, uma para o entrevistado e outra para o pesquisador.

_____, ____ / ____ / ____

Assinatura do pesquisador